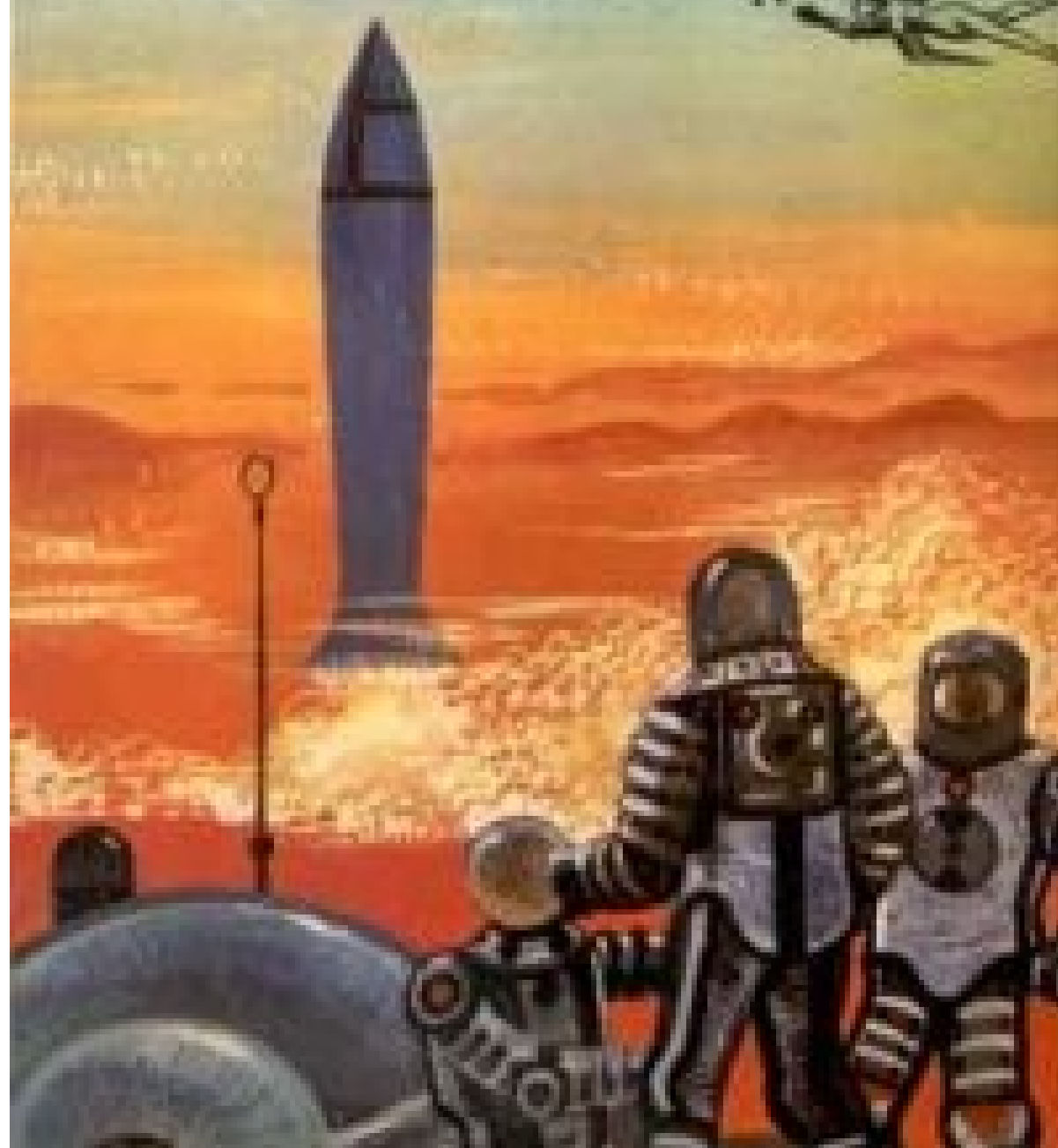


arthur c. clarke

AREÍAS DE MARTE

DEUTSCHER VERLAG





NÚMERO 162 DA



COLEÇÃO ASTRONAUTA

ARTHUR C. CLARKE

AREIAS DE MARTE

TRADUÇÃO DE EURICO FONSECA



EDIÇÃO «LIVROS DO BRASIL» LISBOA

Título da edição original:
SANDS OF MARS

CAPA DE
LIMA DE FREITAS

Copyright, 1952 by Arthur C. Clarke

Reservados todos os direitos pela legislação em vigor

OFICINAS GRÁFICAS DE LIVROS DO BRASIL, S. A. R. L.

-----CAPÍTULO I -----

- Então é a primeira vez que você anda cá por cima? - perguntou o piloto, recostando-se na sua cadeira e fazendo-a oscilar sobre as articulações. Cruzou as mãos sobre a nuca numa atitude demasiado desleixada para que pudesse inspirar alguma confiança ao seu passageiro.

- Sim - disse Martin Gibson, sem tirar os olhos do seu cronômetro.

- Era o que eu pensava. Você erra sempre em qualquer coisa nas suas histórias - por exemplo: aquele disparate de as pessoas desmaiarem quando submetidas à aceleração. Porque é que há pessoas que escrevem coisas dessas? Não parece a melhor maneira de fazer fortuna.

- Tenho muita pena - respondeu Gibson. - Mas creio que você está a referir-se às minhas primeiras histórias. Naquela época as viagens através do espaço ainda nem sequer tinham começado e eu tinha de fazer uso da minha imaginação.

- Talvez - disse o piloto, de má vontade. (Não estava dando a mínima atenção aos instrumentos e faltavam apenas dois minutos para a largada.) - É curioso que isto seja uma novidade para você depois de ter escrito tantas vezes sobre o assunto.

Talvez a palavra «curioso» não fosse a mais adequada, pensou Gibson, mas compreendeu o que o piloto queria dizer. Dúzias dos seus heróis - e vilões - tinham fitado hipnotizados os impiedosos ponteiros dos segundos, esperando que os foguetes os lançassem no infinito. E agora - como era vulgar acontecer sempre que alguém esperava o tempo suficiente - a realidade viera ao encontro da ficção. Naquele momento faltavam apenas noventa segundos para o seu próprio futuro. Sim, de fato era curioso, um belo caso de justiça poética.

O piloto olhou para ele, compreendeu os seus sentimentos e sorriu alegremente.

- Não deixe que as suas próprias histórias o assustem. Uma vez, por causa de uma aposta, quis aguentar a largada de pé, mas foi um disparate.

- Não tenho medo - respondeu Gibson, com um ardor desnecessário.

- Hum... - disse o piloto, condescendendo em olhar para o relógio. O ponteiro dos segundos ainda tinha um circuito a ligar. - Nesse caso eu não estaria agarrado ao assento como você está. É de uma liga de berílio e manganês. Acabará entortando-o.

Gibson acalmou-se disfarçadamente. Sabia que estava reagindo perante a situação de uma maneira falsa, mas nem por isso as suas reações eram menos reais.

- Evidentemente! - disse o piloto, mantendo-se calmo, mas, como Gibson notou, fixando os seus olhos no painel dos instrumentos. - Não seria muito agradável se durasse mais de alguns minutos - ah, aí estão as bombas do propulsante. Não se preocupe quando o deslocamento vertical começar a fazer das suas, mas deixe o assento mover-se à vontade. Feche os olhos se isso lhe fizer bem. (Está ouvindo os ignidores?) Demoraremos dez segundos até atingirmos a força máxima. Agora é

apenas o barulho! Habitue-se a isso! - **DISSE QUE SE HABITUASSE A ISSO...!**

Mas Martin Gibson nem sequer pensava em tal coisa. Desmaiara, ainda que a aceleração não excedesse a de um elevador de alta velocidade.

Voltou a si alguns minutos depois e mil quilômetros mais além, muito envergonhado de si próprio. Um raio de sol batia sobre o seu rosto. Compreendeu que a persiana protetora no revestimento exterior devia ter deslizado. Ainda que brilhante, a luz não era tão intolerável como ele pensara. Via apenas um pouco da que se infiltrava através do vidro escurecido.

Olhou para o piloto, curvado sobre o painel de instrumentos, escrevendo apressadamente no livro de bordo. Tudo parecia muito calmo, mas de tempos a tempos havia algumas explosões curiosamente abafadas - quase miniaturais - e Gibson pensou que isso era desconcertante. Tossiu suavemente para anunciar o seu regresso à consciência e perguntou ao piloto o que era aquilo.

- Contrações térmicas nos motores - respondeu ele, secamente. - Devem ter estado funcionando a 2800° C e arrefecem muito rapidamente. - Sente-se bem agora?

- Muito bem - respondeu Gibson, e sabia o que dizia. - Posso levantar-me?

Psicologicamente fora até ao fundo e voltara para cima. Era uma posição muito instável, ainda que ele não compreendesse isso.

- Se quiser, - disse o piloto num tom de dúvida. Mas tenha cuidado... Agarre-se a qualquer coisa sólida.

Gibson teve uma sensação maravilhosa. Chegara o momento pelo qual esperara toda a sua vida. Estava no espaço: Era uma pena que não tivesse acompanhado a largada, mas daria um pouco de polimento a essa parte quando a escrevesse.

A mil quilômetros de distância a Terra era ainda muito grande - e de certo modo um desapontamento. A razão tornou-se rapidamente óbvia. Vira tantas centenas de fotografias e filmes, que a surpresa fora estragada; sabia exatamente o que esperar. Viu as inevitáveis cinturas móveis de nuvens na sua lenta marcha em torno do mundo. Ao centro do disco a divisão entre a terra e o mar era nitidamente visível e havia um infinito número de pequenos pormenores perfeitamente definidos, mas para o horizonte tudo se perdia numa nebulosidade crescente. Sem dúvida que um meteorologista devia sentir-se deliciado vendo aquele mapa do tempo por baixo dele - mas de resto eles estavam nas estações espaciais e tinham uma vista ainda melhor. Gibson não tardou a sentir-se fatigado de procurar as cidades e outros sinais do Homem. Disse a si próprio que os milhares de anos da civilização humana não tinham produzido uma alteração apreciável no panorama lá de baixo.

Depois começou a olhar para as estrelas e teve o seu segundo desapontamento: Havia centenas delas, mas pálidas e mortíferas; simples fantasmas das ofuscantes miríades que ele esperara encontrar. O vidro escuro da vigia era o culpado: para dominar o Sol roubava às estrelas sua glória.

Gibson sentiu-se um pouco aborrecido. Só uma coisa se mostrara tal e qual ele esperava. A sensação de flutuar, de poder deslocar-se de uma parede a outra com o toque de um dedo, era tão deliciosa quanto ele desejara - ainda que o compartimento fosse muito acanhado para qualquer experiência ambiciosa. A ausência de peso era um estado encantador, mágico, agora que havia drogas que imobilizavam os órgãos do equilíbrio e o enjôo do espaço era uma coisa do passado. Ainda bem que assim era. Como os seus heróis tinham sofrido! Lembrou-se do primeiro voo de *Robin Blake*, na versão original da «Poeira Marciana». Descrevera durante um capítulo inteiro o enjôo espacial, desde os primeiros sintomas que

podiam ser ignorados com um pouco de vontade, até os movimentos subterrâneos que nem mesmo os mais otimistas podiam ignorar, e o piedoso esgotamento final.

O capítulo fora uma obra-prima de realismo negro. fora uma pena que os seus editores, com os olhos postos no «Clube do Livro», tivessem insistido em eliminá-lo. Tinha trabalhado tanto nele que vivera essas sensações. Mesmo naquele momento...

-É muito estranho - disse o médico, pensativo, enquanto faziam passar o autor, agora calmo, através do guarda-ar. - Ele foi aprovado nos exames médicos e deve ter tomado a injeção antes de partir da Terra. Deve ser qualquer coisa psicossomática.

- Não me interessa o que seja - resmungou o piloto, enquanto seguia o cortejo até ao centro da Estação Espacial Um. - Só quero saber de uma coisa: quem é que vai lavar a minha nave?

Ninguém pareceu disposto a dar-lhe resposta, e muito menos Martin Gibson, que tinha apenas uma consciência vaga de paredes brancas a passarem perante os seus olhos. Então, a pouco e pouco, veio uma sensação de peso crescente e um ardor agradável e benéfico começou a invadir-lhe os membros. Por fim soube onde estava. Era uma enfermaria. E uma bateria de lâmpadas infravermelhas estavam banhando-o com um calor enervante que se infiltrava na sua carne até aos ossos.

- Então? - perguntou o médico. Gibson sorriu um pouco.

- Lamento muito. Haverá alguma possibilidade disto voltar a acontecer ?

- Não sei nem qual foi a razão de ter acontecido da primeira vez. É muito pouco vulgar; as drogas que temos agora são, tanto quanto saibamos, infalíveis.

- Creio que a culpa é minha - disse Gibson, num tom de desculpa. - Entenda, tenho uma imaginação muito poderosa e começo a pensar nos sintomas do enjôo espacial...

- Bem, acabe com isso! - ordenou o médico, num tom duro. - Ou então terei de fazê-lo voltar à Terra. Se quiser ir ao planeta Marte não poderá proceder assim. Não restaria muito de você, ao fim de três meses.

Através do corpo torturado de Gibson passou um arrepio. No entanto estava recuperando-se rapidamente e o pesadelo da hora anterior já se confundia com o passado.

- Não haverá problema algum - disse ele. - Mas tire-me deste forno antes que eu fique cozinhado.

Um pouco cambaleante, conseguiu pôr-se de pé. Pareceu-lhe estranho que ali, no espaço, tivesse peso novamente. Depois lembrou-se que a Estação Um estava girando em torno do seu eixo e que os alojamentos encontravam-se na periferia, de modo que a força centrífuga pudesse dar a ilusão de gravidade.

A grande aventura não tinha começado muito bem, pensou ele, mal-humorado. Apesar disso, estava disposto a não sofrer a vergonha de ser mandado de volta para a Terra. Não era apenas uma questão de orgulho próprio: o efeito no seu público e na sua reputação seria deplorável. Pestanejou ao imaginar os títulos: **«GIBSON NÃO PODE SAIR DA TERRA!» «UM AUTOR-ASTRONAUTA ENJOA NO ESPAÇO!»** Até as mais circunspectas revistas literárias aproveitariam a oportunidade para lhe puxarem por uma perna.

- Por sorte ainda faltam doze horas para a largada da nave - disse o médico. - Vou levá-lo para a seção da gravidade-zero e verei como é que você se porta, antes de lhe passar o certificado de saúde.

Gibson também pensou que era uma boa ideia. Sempre pensara em si como razoavelmente apto, e até àquele momento nunca lhe ocorrera que aquela viagem poderia ser não só incômoda, mas também perigosa.

A Estação Interior - a «Estação Espacial Um», como todos lhe chamavam - estava a pouco mais de dois mil quilômetros da superfície da Terra e dava uma volta em torno do planeta em cada duas horas. Fora o primeiro passo do Homem em direção aos outros planetas e, ainda que já não fosse tecnicamente indispensável, a sua presença tinha uma grande importância sob o aspecto econômico. As viagens à Lua e aos outros planetas começavam ali; as naves atômicas flutuavam junto dela enquanto a carga vinda do mundo inferior era introduzida nos seus porões. Transbordadores com sistemas de propulsão químicos ligavam a estação ao planeta, porque a lei não permitia que qualquer motor atômico funcionasse a menos de mil quilômetros da superfície da Terra. Até essa margem de segurança parecia a muitos não muito adequada, porque o jato radioativo de um propulsor nuclear podia cobrir a distância em menos de um minuto.

A Estação Espacial Um crescera com os anos, até um ponto em que se os seus desenhistas originais teriam sido incapazes de reconhecê-la. Em volta do núcleo esférico tinham sido acumulados observatórios, laboratórios de comunicações com fantásticos sistemas de antenas e labirintos de equipamento científico que só um especialista podia identificar. No entanto, e apesar de todas essas adições, a principal função da lua artificial era a de reabastecer as pequenas naves com que o Homem estava desafiando a imensa solidão do Sistema Solar.

- Tem certeza de que se sente bem agora? - perguntou o médico, enquanto Gibson tentava aguentar-se de pé.

- Creio que sim.

- Então vamos à sala de recepção beber qualquer coisa - qualquer coisa quente. Pode sentar-se ali e ler o jornal durante meia hora, enquanto decidimos o que vamos fazer consigo.

A dois mil quilômetros acima da Terra, com as estrelas por todos os lados à sua volta... e ser obrigado a beber chá açucarado! Não havia janelas na sala, possivelmente porque a visão dos céus girando rapidamente teria estragado o trabalho dos médicos. A única maneira de passar o tempo era passar os olhos pelos montes de revistas, que já vira, e que eram difíceis de folhear por terem sido impressas em papel muito fino. Por sorte encontrou um exemplar muito velho de uma que continha uma história escrita por ele havia tanto tempo que se esquecera por completo do final, e isso manteve-o feliz até o regresso do médico.

- O seu pulso parece normal- disse-lhe ele, contrafeito. - Vamos para a câmara de gravidade-zero. Siga-me e não se surpreenda com o que acontecer.

Com aquelas palavras enigmáticas, levou Gibson para um corredor brilhantemente iluminado que parecia curvar-se para cima de um lado e de outro, do ponto onde ele se encontrava. Não teve tempo para examinar o fenómeno porque o doutor abriu uma porta lateral e começou a subir uma escada metálica. Gibson seguiu-o automaticamente alguns passos e depois compreendeu o que tinha perante si e parou, com um involuntário grito de admiração.

No local onde se encontra, a inclinação da escada era de quarenta e cinco graus mas tornava-se cada vez maior até que uns doze metros adiante passava à vertical. Depois - e era algo que impressionava quem visse pela primeira vez - a inclinação continuava a aumentar impiedosamente até que os degraus começavam a sobrepor-se e por fim passavam por cima dele e para trás!

Ao ouvir a exclamação, o médico olhou para ele e riu-se.

- Não acredite sempre no que vê. Venha comigo e verá como é fácil.

Gibson seguiu-o com alguma relutância e ao fazê-lo notou que estavam acontecendo duas coisas muito peculiares. Em primeiro lugar tornava-se cada vez

mais leve; em segundo, apesar do óbvio aumento da inclinação da escada, o ângulo que o seu corpo fazia com os degraus mantinha-se nos quarenta e cinco graus. A direção vertical inclinava-se também lentamente à medida que ele ia avançando, de modo que, apesar da sua curvatura, a escada apresentava-se perante ele sempre com o mesmo aspecto.

Gibson não tardou muito tempo a encontrar a explicação. A gravidade aparente era toda ela devida à força centrífuga produzida pela lenta rotação da estação sobre o seu eixo, e conforme aproximava-se do centro, a força ia diminuindo para zero. A escada dirigia-se para o centro seguindo uma espiral de determinada espécie - há tempos atrás ele conhecera a sua designação matemática - de modo que apesar do campo gravitacional radial, a inclinação da escada sob os seus pés mantinha-se constante. Era a espécie de coisa a que as pessoas que viviam nas estações espaciais tinha de habituar-se tão depressa quanto possível; provavelmente, quando voltavam à Terra, sentiam-se igualmente perturbadas ao verem uma escada normal.

No fim das escadas não havia qualquer sensação real de «alto» ou «baixo». Entraram logo num compartimento cilíndrico, cruzado por cordas, mas vazio de qualquer outra coisa. E no extremo oposto um feixe de luz solar entrava com toda a força por uma vigia. O feixe movia-se através das paredes de metal como um projetor em busca de um alvo. Por momentos foi eclipsado e depois surgiu de novo através de outra janela. Foi a primeira indicação que os sentidos de Gibson receberam de que a estação estava de fato girando sobre o seu eixo, e mediu aproximadamente o período de rotação pelo tempo que a luz do Sol demorava a voltar à sua posição original. O «dia» daquele pequeno mundo artificial era de menos de dez segundos; era suficiente para dar a sensação do peso normal nas paredes da periferia.

Gibson sentia-se um pouco como uma aranha na sua teia, enquanto seguia o médico mão aqui, mão ali sobre as cordas-guias, deslocando-se sem esforço através do ar até chegar ao posto de observação. Era o fim de uma espécie de chaminé que sobressaía do eixo da estação, dando uma vista quase imperturbada das estrelas.

- Vou deixá-lo aqui algum tempo - disse o médico. - Tem muito para onde olhar e sentir-se-á muito satisfeito. Se se sentir mal disposto... bem... lembre-se de que no fundo das escadas tem a gravidade normal!

E uma viagem de regresso à Terra no próximo foguete, pensou Gibson. Mas estava disposto a passar na prova e obter um bom certificado de saúde.

Era impossível notar que era a estação que rodava e não o Sol e as estrelas: crer noutra coisa exigia um ato de fé, um esforço consciente da vontade. As estrelas moviam-se tão rapidamente que só as mais brilhantes se viam distintamente e o Sol, quando Gibson podia fitá-lo com o canto do olho, era um cometa dourado que atravessava o céu de cinco em cinco segundos. Com aquela fantástica aceleração da ordem natural das coisas era fácil compreender que o homem antigo tivesse recusado crer que a sua Terra, tão sólida, girasse, e houvesse atribuído todo o movimento à esfera celeste.

Parcialmente oculta pela própria estação, a Terra era um grande crescente que cobria metade do céu. Estava saindo lentamente da sombra, enquanto a estação corria à sua volta. Dentro de quarenta minutos estava inteiramente iluminada e uma hora mais tarde seria totalmente invisível, eclipsando o Sol quando a estação passasse pelo seu cone de sombra. A Terra passaria de novo por todas as suas fases - de nova a cheia e daí a nova - em duas horas. A sensação do tempo deformava-se muito quando se pensava nessas coisas. As divisões familiares do dia e da noite, dos meses e das estações, não tinham significado ali.

A cerca de um quilômetro da estação, movendo-se na mesma órbita mas de modo algum ligado a ela naquele momento, estavam três naves que se encontravam acostadas nesse momento. Uma era o pequeno transbordador que o trouxera da Terra uma hora antes, com tanta despesa e desconforto. A segunda era um cargueiro lunar, de umas mil toneladas, pelo que lhe parecia. E a terceira, de resto, era a *Ares*, refulgindo no esplendor da sua nova pintura de alumínio.

Gibson nunca conseguiu habituar-se ao desaparecimento das naves esguias, aerodinâmicas, que tinham sido o sonho dos princípios do século XX. Aquela coisa em forma, de alar, suspensa entre as estrelas, não era a sua ideia de uma nave espacial: ainda que o mundo a tivesse aceito, ele não a aceitara. Evidentemente, ele conhecia todos os argumentos usuais - não havia necessidade de aerodinamismo numa nave que nunca penetrava na atmosfera e cujo desenho, portanto, era ditado unicamente por considerações de estrutura e propulsão. Como o sistema propulsor era violentamente radioativo, as duas esferas e o comprido tubo que as unia eram a solução mais simples.

Era também a mais feia, pensou Gibson. Mas isso pouco importava, porque a *Ares* ia passar praticamente toda a sua missão nos confins do espaço, onde os únicos espectadores eram as estrelas. Possivelmente os seus tanques já tinham sido carregados e a nave aguardava apenas o momento, precisamente calculado, em que os seus motores começariam a funcionar, para a afastarem da órbita em que ela girava e tinha passado toda a existência, e lançarem-na na longa hipérbole que a levaria para Marte.

Quando isso acontecesse ele estaria a bordo, lançado também, finalmente, na aventura que na realidade nunca acreditara que lhe aconteceria.

-----CAPÍTULO II-----

A câmara do capitão, a bordo da *Ares*, não fora concebida para alojar mais de três homens quando havia gravidade, mas havia espaço mais do que bastante para seis quando a nave estava em queda livre e podia-se estar de pé nas paredes ou no teto, consoante o agrado de cada um. Todos, menos um, dos que estavam inclinados segundo ângulos surrealistas em torno do Capitão Norden já tinham estado no espaço e sabiam o que se esperava deles, mas aquela não era uma sessão de informação usual. O primeiro vôo de uma nave era sempre uma grande ocasião e a *Ares* era a primeira da sua linha - a primeira, na verdade, de todas as naves construídas principalmente para o transporte de passageiros, e não de carga. Quando completa, teria uma tripulação de trinta homens e alojaria cento e cinquenta passageiros num conforto um pouco espartano. Na sua primeira viagem, no entanto, a proporção quase fora invertida e de momento os seis tripulantes esperavam o embarque do único passageiro.

- Não compreendo muito bem o que vamos fazer com esse tipo - disse Owen Bradley, o oficial de eletrônica - Quem teria tido essa bela ideia ?

-É disso que vou falar - disse o Capitão Norden, passando as mãos pela sua magnífica barba loura. Todos conhecem Mr. Gibson, evidentemente.

A frase provocou um coro de observações, nem todas muito respeitadas.

- Creio que as histórias dele cheiram mal - disse o Dr. Scott. - As últimas, pelo menos. «Poeira Marciana» não era muito má, mas agora está completamente ultrapassada.

- Que disparate! - resmungou o astro-navegador Mackay. - As últimas histórias são as melhores, agora que Gibson interessou-se pelas coisas fundamentais e parou com os sangues e trovões.

Aquela explosão do pequeno escocês não era muito vulgar. Antes que mais alguém falasse, o Capitão Norden disse:

- Não estamos aqui para fazer críticas literárias. Teremos muito tempo, mais tarde, para isso. Mas há um ou dois pontos que a Corporação quer que eu esclareça antes de principiarmos. Mr. Gibson é um homem muito importante - um distinto convidado - e pediram-lhe para participar deste vôo, para que depois pudesse escrever um livro sobre ele. Não é uma questão de publicidade...

- Evidentemente que não! - exclamou Bradley, num tom de manifesto sarcasmo.

- ... mas naturalmente a Corporação espera que os futuros clientes não sejam... desencorajados por aquilo que lerem. Além disso, estamos fazendo história; a nossa viagem inaugural tem de ficar devidamente registrada. Portanto, tentemos comportarmo-nos como cavalheiros durante algum tempo. Devem-se vender uns

bons quinhentos mil exemplares do livro de Gibson e as vossas futuras reputações poderão depender do vosso comportamento nos próximos três meses!

- Isso parece-me muito próximo de uma chantagem - disse Bradley.

- Chame isso como quiser! Ademais, explicarei a Gibson que ele não pode esperar o serviço que haverá quando tivermos cozinheiros e só Deus sabe o que mais. Ele compreenderá isso e não ficará esperando o desjejum na cama todas as manhãs.

- Também ajudará a lavar a louça? - perguntou alguém de espírito prático.

Antes de Norden poder tratar desse problema da etiqueta social, ouviu-se um súbito zumbido do painel de comunicações e uma voz fez-se ouvir através do alto-falante.

- Estação Um chama *Ares*: o vosso passageiro está a caminho.

Norden moveu uma alavanca e respondeu:

- Muito bem. Estamos prontos. - Depois voltou-se para as tripulantes: - Com esses cortes de cabelo à volta dele o pobre homem até pensará que veio parar em uma penitenciária. Vá ter com ele, Jimmy, e ajude-o a passar através do guarda-ar quando o transbordador atracar.

Martin Gibson ainda estava um pouco sob a ação do entusiasmo que lhe causara o fato de ter vencido o primeiro grande obstáculo: o médico da Estação Espacial Um. O desaparecimento do peso ao deixar a estação em direção à *Ares* no pequeno transbordador que funcionava a ar comprimido mal o tinha perturbado, mas aquilo que ele viu ao entrar na cabine do Capitão Norden transtornou-o por um momento. Mesmo quando não havia peso, as pessoas costumavam supor que qualquer direção correspondia a «baixo» e parecia natural que a superfície onde as cadeiras e as mesas estivessem colocadas fosse o pavimento. Infelizmente a decisão da maioria parecia outra, porque dois tripulantes estavam suspensos do teto como estalactites, enquanto dois outros se mantinham muito calmos em ângulos arbitrários no meio do ar. Só o capitão se mantinha na posição própria, segundo as ideias de Gibson. Para tornar as coisas piores, as suas cabeças raspadas à navalha davam-lhes uma aparência um pouco sinistra, de modo que o aspecto geral era o de uma reunião de família no Castelo de Drácula.

Houve uma breve pausa enquanto os tripulantes analisavam Gibson. Todos eles reconheceram o escritor imediatamente; o seu rosto tornara-se familiar ao público desde o seu primeiro sucesso literário - *Trovão à Alvorada* -, aparecido quase vinte anos antes. Era um homenzinho pequenino, gorducho ainda que com feições duras, de uns quarenta e cinco anos, e quando falava a sua voz era surpreendentemente calma e ressoante.

- Este é o meu engenheiro-maquinista, tenente Hilton - disse o Capitão Norden. - O nosso navegador, Dr. Mackay. O Dr. Scott, médico de bordo. O tenente Bradley, oficial de eletrônica. E Jimmy Spencer, que o recebeu no guarda-ar. É o nosso supranumerário e que espera ser capitão quando crescer.

Gibson olhou em volta com alguma surpresa. Tão poucos - cinco homens e um rapaz! O Capitão Norden riu-se e continuou:

- Não somos muitos, não é? Mas deve recordar-se de que a nave é quase automática - e além disso nada acontece no espaço. Quando começarmos as nossas viagens normais disporemos de trinta tripulantes. Nesta viagem substituímos a massa correspondente por carga. Na verdade, fazemos o trabalho de um cargueiro rápido.

Gibson olhou com muito cuidado para os homens que seriam a sua única companhia durante os próximos três meses. A sua primeira reação foi de admiração pelo fato de eles parecerem tão vulgares - quando se punha de parte certas coisas

superficiais como as suas atitudes estranhas e a calvície temporária. Não havia maneira de alguém aperceber-se que eles pertenciam à profissão mais romântica que o mundo conhecera desde que os últimos vaqueiros tinham trocado os seus cavalos por helicópteros.

Obedecendo a um sinal que Gibson não viu, os outros saíram, lançando-se com fascinante precisão através da porta aberta. O Capitão Norden sentou-se de novo na sua cadeira e ofereceu a Gibson um cigarro. O autor aceitou-o com uma expressão de dúvida.

- Não se importa que fumem? - perguntou ele. Não é desperdiçar oxigênio?

- Haveria um motim a bordo se eu proibisse que fumassem durante três meses - disse Norden, com uma gargalhada. - Em qualquer caso, o consumo de oxigênio é desprezível

O Capitão Norden, pensou Gibson, parecia um pouco mal-humorado, mas não muito fora daquilo que ele imaginara. Segundo a melhor - ou pelo menos a mais popular - tradição literária, o capitão de uma nave espacial deveria ser um veterano grisalho, de olhos vivos, que tivesse passado metade da sua vida no vácuo e pudesse voar instintivamente através do Sistema Solar, graças ao seu conhecimento sobrenatural dos caminhos do espaço. Deveria também ser inexorável; quando desse ordens, os seus oficiais deveriam dar um pulo (o que não seria fácil, na situação de ausência de peso), fazer-lhe uma seca continência e partirem correndo.

Em vez de tudo isso, o capitão do *Ares* tinha, por certo, menos de quarenta anos e poderia ser confundido por um próspero homem de negócios. Quanto a ser inexorável - até àquele momento Gibson não vira quaisquer sinais de disciplina. Depois viria a compreender que essa impressão não fora absolutamente exata. A única disciplina a bordo da *Ares* era automaticamente imposta; era a única forma possível entre os tipos de homens que formavam a tripulação.

- Então nunca estive no espaço - disse Norden, olhando pensativamente para o seu passageiro.

- Lamento dizer que não. Fiz algumas tentativas para ir à Lua, mas é absolutamente impossível, a menos que se esteja em serviço oficial. É uma pena que as viagens espaciais sejam tão infernalmente dispendiosas.

Norden sorriu.

- Esperamos que o *Ares* faça alguma coisa para alterar isso. Devo dizer que o senhor parece que conseguiu escrever muita coisa sobre o assunto com... um mínimo de experiência prática.

- Oh!... - respondeu Gibson, como se fosse dar uma pequena gargalhada. - É uma ilusão comum que os autores tenham passado por tudo que descrevem nos seus livros. Li tudo quanto pude sobre viagens no espaço quando era jovem e fiz todo o possível para dar-lhes a devida cor local. Não se esqueça de que as minhas histórias foram escritas nos primeiros dias das viagens espaciais - mas toquei no assunto nos últimos anos. É um pouco surpreendente que o público continue a associar o meu nome com elas.

Norden perguntou a si próprio até que ponto aquela modéstia seria verdadeira. Gibson devia saber perfeitamente que as suas novelas espaciais tinham-no tornado famoso - e haviam levado a Corporação a convidá-lo para aquela viagem. Em toda aquela situação havia algumas possibilidades muito curiosas. Mas teriam de esperar, porque, entretanto, ele teria de explicar àquele bicho-da-terra os pormenores da vida no mundo particular do *Ares*.

- Mantemos o tempo normal da Terra - pelo Meridiano de Greenwich. Tudo para

durante a «noite». Não há quartos de vigília, como nos velhos tempos. Os instrumentos substituem-nos enquanto dormimos. É uma das razões por que podemos navegar com uma tripulação tão pequena. Nesta viagem há espaço em abundância, cada um de nós tem o seu próprio camarote. O seu é do tipo normalmente reservado aos passageiros - o único que está completamente mobiliado, como verás. Creio que o acharás confortável. Já tem toda a sua bagagem a bordo? Quanto lhe deixaram trazer?

- Cem quilos. Está no guarda-ar.

- Cem quilos! Norden teve dificuldade em esconder a sua admiração. Aquele tipo deveria estar pensando em emigrar - trazia consigo todos os tesouros da família!. Vou dizer a Jimmy para acompanhá-lo ao seu camarote. É o nosso «homem para todo o serviço» nesta viagem. Paga assim a sua passagem e aprende qualquer coisa sobre viagens no espaço. A maior parte de nós começa assim. - Viajando durante as férias do colégio. Jimmy é um rapaz esperto - já tem o grau de bacharel.

O camarote era pequeno, mas muito bem concebido e decorado com excelente bom gosto. Uma iluminação engenhosa e as paredes cobertas por espelhos faziam-no parecer muito maior do que na realidade era, e o leito articulado podia ser invertido e transformado em mesa durante o «dia». Havia muito poucas coisas que recordassem a ausência de peso; tudo fora feito para que o viajante se sentisse em casa.

Durante a hora seguinte Gibson tirou das malas as suas coisas e experimentou os comandos e as engenhocas do camarote. O dispositivo que mais lhe agradou foi um espelho de barbear que, quando se carregava num botão, transformava-se numa vigia, mostrando as estrelas. Perguntou a si próprio como seria feito aquilo.

Por fim ficou sem ter nada que fazer. Deitou-se na cama e apertou as cintas elásticas em volta do peito e das coxas. A ilusão do peso não era muito convincente, mas era melhor que nada e dava um certo sentido da direção vertical.

Enquanto repousava em paz naquele pequeno quarto que seria o seu mundo durante os próximos cem dias, foi esquecendo os desapontamentos e as pequenas contrariedades que tinham perturbado a sua partida da Terra.

Agora não tinha nada com que se preocupar: pela primeira vez, em quase tanto tempo quanto podia recordar-se, ele colocara o seu futuro inteiramente nas mãos dos outros. Compromissos, palestras, datas de entrega de textos - tudo isso ficara na Terra. A sensação de calma celestial era demasiado boa para durar muito tempo, mas ele deixaria que o seu espírito a saboreasse enquanto pudesse.

Uma série de pancadas tímidas na porta do camarote despertou Gibson do seu sono algum tempo mais tarde. Durante um momento não compreendeu onde estava, mas depois desprendeu as cintas e lançou-se para fora do leito. Os seus movimentos ainda eram mal coordenados e ricocheteou no teto antes de alcançar a porta.

Jimmy Spencer estava lá, arquejando um pouco.

- Cumprimentos do Capitão, senhor. Gostaria de vir assistir à largada?

- Certamente - respondeu Gibson. - Um momento, vou buscar a minha máquina fotográfica.

Voltou um momento depois com uma máquina absolutamente nova, decorada com lentes auxiliares. Apesar do obstáculo de tal carga, chegaram num instante à galeria de observação que formava uma cintura, em volta do corpo da *Ares*.

Pela primeira vez Gibson viu as estrelas em toda a sua glória, já não encobertas pela atmosfera ou por vidros escurecidos, porque estava do lado da noite da nave e os filtros solares tinham sido afastados. A *Ares*, ao contrário da estação espacial, não estava girando sobre o seu eixo. Era mantida firme em relação ao rígido sistema de

referência dos seus giroscópios, de modo que as estrelas pareciam imóveis no céu.

Enquanto olhava para aquilo que tantas vezes, e sempre em vão, tentara descrever nos seus livros, Gibson teve muita dificuldade em analisar as suas emoções – e odiava desperdiçar uma emoção que poderia ter usado com algum lucro em letra de imprensa. Era muito estranho que nem o brilho nem o próprio número das estrelas tivesse feito grande impressão no seu espírito. Vira céus pouco inferiores àquele no cimo de altas montanhas na Terra, ou nas salas de observação dos grandes aviões de transporte, mas nunca sentira tão fortemente a impressão de que as estrelas o estavam envolvendo por toda parte, até ao horizonte que já não existia, e mesmo mais abaixo, até aos seus pés.

A Estação Espacial era um era um brinquedo complicado e muito polido que flutuava, no vazio, a alguns metros da nave. Não havia maneira de apreciar o seu tamanho, porque a sua forma nada tinha de familiar e o sentido de perspectiva parecia ter falhado. A Terra e o Sol eram invisíveis, atrás do corpo da nave.

Estranhamente próxima, uma voz de ninguém fez-se ouvir através de um alto-falante escondido:

- Cem segundos para a largada. Ocupem as vossas posições, por favor.

Gibson sentiu-se tenso e olhou para Jimmy. Antes de poder fazer quaisquer perguntas, o seu guia disse apressadamente:

- Tenho que voltar ao serviço - e desapareceu num gracioso mergulho, deixando-o sozinho com os seus pensamentos.

O minuto e meio seguinte passou-se com notável lentidão, marcada pela constante contagem do tempo através dos alto-falantes. Gibson perguntou a si próprio quem seria que falava, uma vez que não parecia a voz de Norden. Provavelmente era uma gravação, ligada pelo circuito automático que devia ter tomado o comando da nave.

- Vinte segundos. A força máxima deve demorar dez segundos a ser atingida.

- Dez segundos.

- Cinco, quatro três, dois, um...

Muito suavemente, qualquer coisa agarrou em Gibson e o fez deslizar pelo lado curvo da parede coberta de vigas até àquilo que de repente se tornara um pavimento. Era difícil compreender que o «alto» e o «baixo» tivessem voltado mais uma vez - e ainda mais: ligar o seu reaparecimento a esse distante e amortecido trovão que interrompera o silêncio da nave. Muito ao longe, na segunda esfera que era a outra metade da *Ares*, nesse misterioso e proibido mundo de átomos moribundos e máquinas automáticas em que nenhum homem podia entrar e sobreviver, tinham sido libertadas as forças que mantinham acesas as próprias estrelas. No entanto, não havia aquela sensação de aceleração crescente e impiedosa que acompanhava sempre a largada de um foguete a propulsores químicos. A *Ares* tinha um espaço ilimitado para manobrar. Podia acelerar tanto tempo quanto quisesse para libertar-se da sua órbita atual e avançar lentamente para a hipérbole de transferência que a levaria a Marte. Em qualquer caso, a força do seu propulsor atômico somente podia mover a sua massa de duas mil toneladas com uma aceleração de apenas um décimo de g; e naquele momento estava sendo reduzida à metade desse valor.

Não foi preciso muito tempo para que Gibson voltasse a orientar-se. A aceleração da nave era tão pequena - dava-lhe, pelo que ele calculou, um peso efetivo de menos de quatro quilogramas - que a liberdade dos seus movimentos ainda era praticamente ilimitada. Depois recordou-se com algum atraso da sua máquina fotográfica e começou a registrar a sua partida. Quando conseguiu um bom

enquadramento a estação já parecia estar a uma boa distância. Menos de dez minutos depois, ela transformara-se num longínquo ponto luminoso que era difícil distinguir das estrelas.

Quando a Estação Espacial Um desapareceu por completo, Gibson passou para o lado do dia da nave para tirar algumas fotografias da Terra, que estava ficando para trás. Quando a viu, era um enorme e fino crescente, demasiado grande para a vista abranger num só olhar. Estava iluminando-se lentamente, porque a *Ares* tinha, pelo menos, de descrever uma órbita à sua volta antes de libertar-se e partir em espiral para Marte. Devia passar-se uma boa hora antes que a Terra se tornasse apreciavelmente menor e durante esse tempo passaria de «nova» a «cheia» .

Gibson ainda estava no seu posto de observação quando a *Ares* atingiu a velocidade de escape e começou a afastar-se. Não soube quando esse momento tinha chegado porque a Terra continuava a dominar o céu e os motores não cessavam de rugir ao longe. Seriam necessárias outras dez horas de funcionamento contínuo para que eles completassem a sua primeira tarefa e pudessem repousar durante todo o resto da viagem.

Quando isso aconteceu, o escritor já estava dormindo. O silêncio súbito, a perda completa da pseudo-gravidade que houvera na nave durante aquelas poucas horas, despertaram-no, mas não por completo. Olhou sonolento ao redor até que os seus olhos encontraram as poucas estrelas que podiam ser vistas através das vigias. Pareciam absolutamente imóveis. Era impossível acreditar que a *Ares* estava agora afastando-se da órbita da Terra com uma velocidade tão grande que mesmo o Sol nunca poderia fazê-la regressar.

Sempre sonolento, apertou as cintas das roupas da cama para não flutuar no camarote. Passar-se-iam quase cem dias até que voltasse a haver peso.

-----CAPÍTULO III-----

Viam-se as mesmas estrelas através da vigia quando uma série de notas musicais soou através dos alto-falantes e despertou Gibson de um sono mais ou menos sem sonhos. Vestiu-se apressadamente e dirigiu-se correndo para o observatório, perguntando-se próprio o que teria acontecido na Terra durante a noite.

Era muito desconcertante, pelo menos para um habitante da Terra, ver duas luas ao mesmo tempo no céu. Estavam ali, lado a lado, ambas no primeiro quarto, e uma cerca de duas vezes maior que a outra. Passaram-se alguns segundos antes que o escritor compreendesse que estava vendo, simultaneamente, a Lua e a Terra e mais alguns, ainda, antes que ele compreendesse que o crescente menor e mais distante era o seu mundo.

Infelizmente, a *Ares* não passava muito perto da Lua, mas mesmo assim ela parecia dez vezes maior que vista da Terra. Distinguiam-se perfeitamente as cadeias de crateras, através da linha muito irregular que separava a noite do dia, e o disco ainda escuro podia ser observado graças à luz refletida pela Terra. Sem dúvida que... - Gibson inclinou-se repentinamente, perguntando a si próprio se os olhos não o teriam enganado. Sim, não havia dúvida: lá em baixo, no meio daquela terra fria e escura, esperando pela alvorada ainda distante de muitos dias, havia pequenos pontos de luz que pareciam pirilampos na penumbra. Cinquenta anos antes não existiam; - eram as luzes das primeiras cidades lunares, dizendo às estrelas que a vida chegara por fim à Lua, depois de milhares de milhões de anos de espera.

Uma tosse discreta, vinda não se sabia de onde, interrompeu os sonhos de Gibson. Depois uma voz um pouco demasiado amplificada observou num tom muito natural: - Se Mr. Gibson quiser vir ao refeitório encontrará ainda um pouco de café e de papa de aveia, já não muito quentes.

Olhou apressadamente para o relógio. Esquecera por completo o desjejum - um fenômeno sem precedentes. Sem dúvida que alguém fora procurá-lo ao camarote e, não o tendo encontrado, andava procurando-o pela nave.

Quando apareceu, algo envergonhado, no refeitório, encontrou os tripulantes embrenhados numa discussão técnica sobre os vários tipos de naves.

Enquanto comia, Gibson observou os homens, fixando-os no seu espírito e notando o seu comportamento e as suas características. A apresentação de Norden servira apenas para lhes apor rótulos; para ele ainda não eram personalidades definidas. Era curioso pensar que antes da viagem terminar ele acabaria por conhecê-los melhor que à maior parte dos seus amigos na Terra. Não podia haver segredos nem máscaras no pequeno mundo da *Ares*.

Naquele momento era o Dr. Scott que falava. (Gibson saberia depois que nada

havia de invulgar nisso.) Parecia um indivíduo muito excitável, inclinado a dar opiniões sobre assuntos acerca dos quais não parecia habilitado a falar. Aquele que o interrompia com maior sucesso era Bradley, o perito em eletrônica e comunicações - uma pessoa seca e cínica, que parecia ter um prazer muito especial na sabotagem verbal. De tempos a tempos atirava uma pequena bomba para a conversação e obrigava Scott a parar por um momento, mas não muito mais do que isso. Mackay, o pequeno matemático escocês, também entrava na batalha de tempos em tempos, falando um pouco apressadamente, de uma maneira precisa, quase pedante. Dir-se-ia que se estava na camarata de uma universidade e não numa nave espacial.

O Capitão Norden parecia agir como um árbitro não inteiramente desinteressado, apoiando ora um lado, ora o outro, num esforço para evitar qualquer vitória concludente. O jovem Spencer já estava trabalhando e Hilton - o engenheiro - mantinha-se à margem da discussão. Olhava para os outros com um ar um pouco divertido e o seu rosto era terrivelmente familiar a Gibson. Onde era que já se tinham encontrado ? Ora... - que estúpido ele fora em não o ter compreendido imediatamente! aquele era O HILTON ! Gibson fez girar a cadeira para poder ver o outro melhor. Deixou de comer e olhou com admiração e inveja para o homem que conseguira fazer regressar o *Arcturus* a Marte depois da maior aventura da história do espaço, Somente seis homens tinham alcançado Saturno e só três deles ainda estavam vivos. Hilton estivera, com os seus companheiros desaparecidos, nessas longínquas luas cujos nomes, só por si, tinham algo de mágicos - Titã, Encladus, Tethys, Rhea, Dione... Vira o incomparável esplendor dos grandes anéis que se estendiam pelo céu numa simetria que parecia demasiadamente perfeita para a própria natureza. Estivera nessa última, Thule, e voltara à luz e ao calor dos mundos interiores. «Sim, pensou Gibson, há muitas coisas sobre as quais gostaria de falar contigo antes do fim desta viagem.»

A discussão foi acabando à medida que os vários oficiais de bordo afastaram-se fluando, em direção aos seus postos, mas Gibson continuava pensando em Saturno quando o Capitão Norden interrompeu o seu sonho.

- Não sei que espécie de programa é o seu - disse ele -, mas penso que gostaria de ver a nave. Aliás, é o que acontece em geral nesta altura, nas suas histórias!.

Gibson sorriu, de uma maneira um pouco mecânica. Temia ter de aguardar mais tempo do que desejava, até que esquecessem o seu passado.

- Tem razão, É a melhor maneira de deixar o leitor saber como as coisas funcionam e de esquematizar o local da história. Felizmente agora não tem muita importância, pois que todo mundo sabe como é uma nave por dentro. Mas quando comecei a escrever sobre a astronáutica, nos anos 60, tínhamos de gastar milhares de palavras para explicarmos como funcionavam os trajes espaciais, os propulsores nucleares e muitas coisas mais.

- Então quer dizer que não teremos de lhe ensinar muita coisa sobre a *Ares*.

Gibson quase corou.

- Gostaria muito, que me mostrasse tudo, tanto o que interessa aos meus escritos como o que talvez não interesse ..

- Muito bem. Começaremos pela sala de comando. Venha comigo.

Durante as duas horas seguintes fluaram através do labirinto de corredores que atravessava e voltava a atravessar o corpo esférico da *Ares*. Gibson sabia que o interior da nave não tardaria a ser-lhe tão familiar que poderia andar por ele de olhos vendados, mas nem por isso deixou de se perder nele mais de uma vez.

Como a nave era esférica, fora dividida em zonas de latitude como a Terra. A nomenclatura resultante era muito útil, pois dava uma imagem mental da geografia

do gigante do espaço. Ir para «norte» significava caminhar na direção da sala de comando e dos alojamentos dos tripulantes. Ir até ao «equador» significava que se procurava a grande sala de jantar, que ocupava a maior parte do plano central da nave, ou a galeria de observação, que a rodeava por completo. O «hemisfério sul» era, quase todo ele, um tanque de propulsante, com alguns porões de carga e várias maquinarias. Agora que a *Ares* não usava os seus motores, tinha rodado no espaço de modo que o «hemisfério norte» estava perpetuamente sob a luz do Sol, enquanto o «hemisfério sul», «desabitado», era mantido nas trevas. No «pólo sul» havia uma pequena porta de metal com uma impressionante série de selos oficiais e um aviso: «Para ser aberta somente por ORDEM EXPRESSA do Capitão ou do seu Substituto». Atrás dele estava o longo e estreito tubo que ligava o corpo principal da nave com a esfera menor, a cem metros de distância. Nela estavam encerrados o gerador de energia e o propulsor. Gibson perguntou-se para que serviria a porta, se ninguém podia lá ir, mas depois recordou-se de que os autômatos de manutenção da Comissão de Energia Atômica tinham de entrar por qualquer parte.

Por muito estranho que parecesse, Gibson recebeu uma das mais fortes impressões não das maravilhas científicas e técnicas da nave, que ele já esperava ver, mas dos camarotes vazios de passageiros - um verdadeiro cortiço, com favos compactos, ocupando a maior parte da «zona temperada do norte». A impressão foi bastante desagradável. Uma casa nova, em que ninguém vivera, podia ser muito mais solitária que uma velha e deserta ruína que em tempos conhecera vida e podia ainda ser povoada por fantasmas.

Estava exausto, mental e fisicamente, quando voltou ao seu quarto. Norden fora um guia demasiado consciencioso, e Gibson suspeitava que ouvira palavras que tinham sido escritas por si próprio... e que gostara delas. Perguntou a si próprio o que pensariam os seus companheiros das suas atividades literárias; provavelmente não ficaria ignorando-o por muito tempo.

Estava deitado no seu beliche, pondo em ordem as suas impressões, quando ouviu bater à porta, baixinho. - Que demônio! - disse Gibson, baixinho, e acrescentou, em voz alta: - Quem é?

-É Jim... Spencer, Mr. Gibson Tenho uma mensagem de rádio para si.

O jovem Jimmy flutuou através do quarto, trazendo na mão um sobrescrito com o selo do Oficial de Comunicações. Estava fechado, mas Gibson pensou que deveria ser a única, pessoa a bordo da nave que não conhecia o seu conteúdo, Tinha uma certa idéia do que se tratava e leu em silêncio. Não havia maneira alguma de escapar da Terra; apanhavam-no onde quer que estivesse.

A mensagem era breve e continha apenas uma palavra a mais:

New Yorker, Revue des Quatre Mondes, Life Interplanetary querem cinco mil palavras cada. Comunica por favor próximo domingo. Amor. Ruth.

Gibson suspirou. Saíra da Terra com tanta pressa que nem tivera tempo para uma última conversa com o seu agente, Ruth Goldstein, além de um apressado telefonema através de metade do mundo. Mas dissera-lhe sem rodeios que não queria ser incomodado durante uma semana,

Agarrou no seu bloco de apontamentos e escreveu:

Lamento muito. Direitos exclusivos prometidos. Amante Porcos e Galinhas Sul Alabama. Enviarei pormenores dentro alguns meses. Quando envenenas Harry? Amor, Mart.

Harry era a metade literária de Goldstein & Co. Estava casado com Ruth havia mais de vinte anos e era muito feliz, ainda que durante os últimos quinze Gibson nunca tivesse cessado de lhe dizer que qualquer dia se zangariam e que aquilo não poderia durar muito tempo.

Um pouco surpreendido, Jimmy Spencer retirou-se com a invulgar mensagem, deixando Gibson sozinho com os seus pensamentos. Sabia teria de começar a trabalhar qualquer dia, mas, enquanto isso, a sua máquina de escrever estava enterrada no porão e ele não podia vê-la. Quase se sentira tentado a colocar-lhe uma etiqueta - «Desnecessária no espaço - Pode ser guardada no vácuo», mas tinha resistido valentemente à tentação. Como muitos escritores que nunca tinham dependido somente dos seus proventos literários, Gibson odiava começar a escrever. Uma vez que começasse a trabalhar era diferente... às vezes.

As suas férias duraram uma semana. Ao fim desse tempo a Terra tornara-se na mais brilhante das estrelas e não tardaria a perder-se no clarão do Sol. Era difícil crer que não tivesse conhecido alguma vida além da que havia naquele pequeno e hermético universo que era a *Ares*. E a sua tripulação já não era formada por Norden, Hilton, Mackay, Bradley e Scott - mas sim por John, Fred, Angus, Owen e Bob.

Já os conhecia bem, a todos, ainda que Hilton e Bradley tivessem uma cuidadosa reserva que ele fora incapaz de penetrar. Cada um deles tinha um caráter diferente e bem definido; quase que a única coisa que tinham em comum era a sua inteligência. Gibson duvidava que qualquer deles tivesse um coeficiente de inteligência inferior a 120 e isso o fazia recordar-se envergonhado, daquilo que escrevera sobre as tripulações das suas imaginárias naves espaciais. O seu erro - tal como o de tantos outros escritores dos anos 50 e 60 - era o de ter pensado que não havia diferença fundamental entre as naves e os navios - ou entre os seus tripulantes. Havia paralelos, era verdade - mas eram muito ultrapassados pelos contrastes. A razão era puramente técnica - e devia ter sido prevista. Uma nave espacial parecia-se muito mais com um grande avião de passageiros do que com qualquer coisa que se movesse através dos oceanos e a preparação técnica dos seus tripulantes atingia um nível ainda mais alto que o exigido pela aviação. Um homem como Norden passava cinco anos na universidade, três no espaço e outros dois novamente na universidade para estudar teoria astronáutica avançada antes de ser qualificado para a presente posição.

Estava jogando dardos ,calmamente, com Dr. Scott, quando surgiu o primeiro momento excitante da viagem. A distância entre o lançador e o alvo fora aumentada para dez metros, mas o jogo continuava a obedecer às regras que tinham sido formuladas através dos séculos numa atmosfera de cerveja e tabaco nas tabernas inglesas.

Scott estava apontando com certo otimismo para um terceiro vinte quando Bradley entrou na sala com um impresso de mensagem na mão.

- Não olhem, mas estamos sendo seguidos - disse ele, na sua voz suave.

Todo mundo ficou de boca aberta. Mackay foi o primeiro a recompor-se:

- Por favor, explica-te.

- Há um míssil Mark III atrás de nós. Foi lançado da estação exterior e deve alcançar-nos daqui a quatro dias. Querem que o apanhe com o nosso rádio-comando quando ele passar por nós, mas com a dispersão que deve ter a esta distância é pedir muito. Duvido que passe a menos de cem mil quilômetros.

- Que vem o míssil fazer aqui? Alguém se esqueceu da escova de dentes ?

- Dizem que traz medicamentos muito importantes. Quer ver, doutor?

O Dr. Scott examinou a mensagem.

-É interessante. Parece que arranjam um antídoto para a febre marciana. É um soro; foi o Instituto Pasteur que o preparou.

- Que é um míssil Mark III - para não falar da febre marciana? - explodiu Gibson, por fim.

O Dr. Scott foi o primeiro a responder:

- A febre marciana não é na verdade uma doença de Marte. Parece ser causada por um organismo terrestre que trouxemos para cá e que gostou mais do novo ambiente que do antigo. Tem o mesmo efeito da malária: as pessoas raramente são mortas por ela, mas os efeitos econômicos são terríveis. A cada ano a percentagem de homens-hora perdidos...

- Muito obrigado. Já me recordo de tudo. E o míssil? Hilton introduziu-se na conversa:

-É simplesmente um pequeno foguete comandado por rádio e com uma grande velocidade terminal. Serve para transportar carga entre as estações espaciais ou para correr atrás de naves quando elas se esquecem de qualquer coisa. Quando chegar ao alcance do nosso rádio captará o nosso emissor e dirigir-se-á para nós. - Dirigiu-se para Scott, subitamente, e inquiriu: - Bob, porque foi que não o enviaram diretamente para Marte? Chegaria lá muito antes de nós.

- Porque os seus pequeninos passageiros não gostariam disso. Tenho de preparar algumas culturas para que eles possam subsistir e cuidar deles como uma ama de leite,

Gibson pensava profundamente. Ao fim de algum tempo, disse:

- Tinha a impressão de que a vida em Marte era muito saudável, tanto física como psicologicamente

- Não deve acreditar inteiramente no que dizem os livros - respondeu Bradley. - Nem sequer faço ideia da razão por que há pessoas que querem ir lá. É plano, frio e cheio de plantas meio mortas de fome que parecem arrancadas de um sonho de Edgar Allan Poe. Enterramos ali milhões e ainda não ganhamos um centavo em troca. Todos quantos querem ir para lá deviam ser primeiro examinados por um psiquiatra. Sem ofensa, é claro...

Gibson limitou-se a, sorrir. O Capitão Norden olhou furioso para o seu oficial de eletrônica e disse a Gibson:

- Devo dizer-lhe, Martin, que se Mr. Bradley não gosta de Marte, pensa da mesma maneira em relação à Terra e a Vênus. Portanto, não deixes que as opiniões dele te façam perder o entusiasmo.

- Não há perigo - respondeu Gibson, a rir-se.

-----CAPÍTULO IV-----

Durante os dias que se seguiram, Gibson esteve demasiado preocupado com os seus próprios assuntos para tomar uma parte importante na vida social algo limitada do *Ares*. A máquina de escrever fora retirada do porão e ocupava agora o lugar de honra no pequeno camarote. Havia folhas de papel por toda a parte, seguras por elásticos para não fugirem. O papel químico dera muito trabalho, porque tinha o hábito de seguir a corrente de ar e colar-se contra o ventilador, mas Gibson habituara-se a dominar as técnicas da vida sem peso.

Tivera muita dificuldade a reproduzir no papel as suas impressões do espaço. A largada da Terra submetera a sua capacidade a uma rude prova. Não mentira, mas quem quer que lesse a sua dramática descrição da Terra ficando para trás, sob o jato do foguete, por certo que nunca teria a impressão de que o escritor passara por um estado de misericordiosa inconsciência, seguido por outro nem misericordioso, nem de inconsciência.

Assim que acabou três artigos que fariam Ruth feliz (ela enviara entretanto três rádios de uma crescente aspereza), dirigiu-se para «norte», para a sala de Comunicações, Bradley recebeu as folhas de papel sem grande entusiasmo.

- Não me digas que isto vai acontecer todos os dias - resmungou ele.
- Assim espero, mas não sei. Depende da minha inspiração.
- Escreveste «Centrífuga» na Página 3, quando deverias ter dito «centrípeta».
- Como me pagam por palavra, nada ganho em escrever as mais compridas.
- Há dois períodos seguidos na página 4 que começam por «E...».
- Me diz uma coisa: queres enviar isso ou queres que eu próprio o faça?

Bradley sorriu.

- Gostaria que experimentasses. Agora falando sério, devia ter-te dito para usares uma fita preta. O contraste não é tão bom como o azul e ainda que o transmissor de fac-símile possa fazê-lo chegar perfeitamente ao seu destino a esta distância, quando estivermos mais longe não será assim.

Enquanto falava, Bradley ia enfiando as folhas no transmissor automático. Cinco segundos depois elas reapareceram no cesto de rede, perante os olhos fascinados de Gibson. Estava recolhendo-as de novo quando um besouro zumbiu em qualquer parte, no meio da selva de mostradores, interruptores e visores que cobriam praticamente as paredes da pequena sala. Bradley correu e começou a fazer coisas incompreensíveis. Através do alto-falante ouviu-se um silvo penetrante.

- O transportador chegou ao nosso alcance, mas está muito longe. A uns cem mil quilômetros - disse Bradley.
- Que podemos fazer?

- Muito pouco. Se ele for capaz de captar os nossos sinais dirigir-se-á para nós, automaticamente.

- E se não os captar?

- Continuará pelo Sistema Solar afora. Tem velocidade suficiente para fugir à atração do Sol - e nós também...

- Que linda lembrança. Quanto tempo demoraríamos?

- A fazer o quê?

- A sair do Sistema Solar.

- Um par de anos, suponho. É melhor perguntares a Mackay. Não sei tudo - não sou como esses cavalheiros dos teus livros!

- Talvez venhas a ser - respondeu Gibson, num tom tenebroso. E voltou-lhe as costas.

A aproximação do míssil trouxe um inesperado - e bem-vindo - elemento de excitação à vida a bordo do *Ares*. Organizaram um sistema de apostas. Os cálculos de Mackay diziam que o projétil passaria a cento e vinte cinco mil quilômetros, com uma incerteza de mais ou menos trinta mil. A maior parte das apostas referia-se a valores próximos desses, mas alguns, sem qualquer confiança em Mackay, tinham ido até duzentos e cinquenta mil quilômetros. As apostas não eram em dinheiro, mas sim em coisas muito mais úteis, como cigarros, doces e outros luxos. Como o peso que cada tripulante podia transportar consigo era muito pequeno, tudo isso era muito mais útil que quaisquer pedaços de papel com números impressos. Mackay até apostara meia garrafa de uísque

- Jimmy!

- Pronto, Capitão Norden

- Já inspecionaste os manômetros do oxigênio?

- Sim, Senhor. Tudo bem.

- E essa aparelhagem automática de registro que os físicos colocaram no porão? Está funcionando?

- Pelo menos faz os mesmos ruídos que fazia quando partimos.

- Bom. Limpaste o leite que Mr. Hilton deixou ferver na cozinha.?

- Sim, Capitão.

- Muito bem. Então tenho um bom trabalho para ti - uma coisa fora do vulgar. Mr. Gibson quer começar a aprender umas coisas mais profundas sobre astronáutica. Evidentemente, qualquer de nós poderia ensinar-lhe o que ele pretende, mas... foste o último a sair da Universidade e talvez lhe possas explicar tudo melhor. Ainda não esqueceste as dificuldades dos principiantes... Estou certo de que poderás tratar disso.

- Entra - disse Gibson, sem sequer se dar ao trabalho de levantar os olhos da máquina de escrever. Jimmy Spencer entrou flutuando na sala.

- Aqui tem o livro, Mr. Gibson. Creio que encontrará nele tudo quanto deseja. São os «Elementos de Astronáutica», de Richardson. Numa edição especial, em papel fino.

Gibson começou a folhear o livro com um interesse que desapareceu quando ele viu como a proporção das palavras por página diminuía rapidamente. Por fim desistiu ao olhar para uma página em que só havia uma frase: «Substituindo o valor da distância do periélio pela Equação 15.3 obtém-se...» - Tudo o mais era matemática.

- Tens certeza de que este é o livro mais elementar que há a bordo? - perguntou ele num tom de dúvida, sem querer desapontar Jimmy. Ficara um pouco

surpreendido quando Spencer fora designado seu «professor», mas compreendera a razão. Quando havia um trabalho que ninguém queria fazer, surgia sempre uma tendência curiosa para entregá-lo a Jimmy.

- Mas é elementar! Trata de tudo sem entrar no cálculo vetorial e não fala na teoria das perturbações. Devia ver alguns dos livros que Mackay tem no camarote dele. Cada uma das equações ocupa páginas seguidas.

- Bem, muito obrigado. Gritarei por ti quando estiver aflito. Há vinte anos que não trabalho com matemática, embora noutros tempos tivesse sido muito bom. Quando quiseres que te devolva o livro, me diz.

- Não há pressa, Mr. Gibson. Não o uso muitas vezes. Já trabalho com coisas muito mais avançadas...

- Antes de te retirares talvez possas explicar-me uma coisa. Há muita gente que fala do perigo dos meteoritos. Que há de verdade sobre ele?

Jimmy pensou um pouco.

- Posso dar-lhe uma idéia aproximada. Mas se falar com Mr. Mackay, ele dar-lhe-á informações completas. Possui tabelas com números exatos.

Gibson encontrou o pequeno astro-navegador digitando nas teclas do computador eletrônico.

- Meteoritos? - disse Mackay. - Ah, sim, um assunto muito interessante. No entanto, suponho que têm sido publicados muitos disparates sobre isso. Houve tempos em que se pensava que uma nave ficaria transformada num crivo, logo que saísse da atmosfera. Mas os meteoritos são muito menos perigosos que os relâmpagos na Terra e normalmente os maiores são muito menores que uma ervilha.

- Mas, que eu saiba, já houve uma nave atingida por eles!

- A *Rainha do Espaço*? Um único acidente sério nos últimos cinco anos é um resultado muito satisfatório. Até agora nenhuma nave se perdeu devido aos meteoritos

- E a *Pallas*?

- Ninguém sabe o que lhe aconteceu. É apenas o que se diz. Mas não o que dizem os peritos.

- Portanto posso dizer ao público que esqueça o assunto.

- Sim, mas há a questão da poeira...

- Poeira?

- Sim. No que diz respeito aos meteoritos, de um par de milímetros de diâmetro para cima, não há que ter receio. Mas os micro-meteoritos - a poeira - são um aborrecimento, principalmente nas estações espaciais. De vez em quando, alguém tem de ir até ao exterior para examinar o revestimento e localizar os furos. Normalmente são demasiado pequenos para poderem ser vistos a olho nu, mas um grão de poeira movendo-se a cinquenta quilômetros por segundo pode atravessar uma espessura surpreendente de metal.

Gibson mostrou-se um pouco alarmado, mas Mackay apressou-se a acalmá-lo.

- Na verdade, não há qualquer razão para te preocupares. Há sempre perdas de ar, por falta de estanqueidade. É por isso que temos a bordo depósito de oxigênio.

Por muito ocupado que Gibson estivesse, ou pensasse estar, arranjava sempre tempo para vaguear pelos labirintos da nave ou para fitar as estrelas, na galeria de observação equatorial. Costumava ir para ali durante o concerto diário. Às 15 horas o sistema de alto-falantes da nave começava sempre a transmitir música da Terra e

fazia-o durante uma hora, Os programas eram escolhidos por uma pessoa diferente a cada dia, de modo que os outros nunca sabiam o que os esperava, ainda que passado algum tempo acabassem por identificar com facilidade o «produtor». Norden preferia os clássicos ligeiros e a ópera: Hilton só tocava Beethoven e Tchaikovsky. Mackay e Bradley olhavam-nos de testa franzida e optavam por música de câmara e certas cacofonias que pareciam não ter pés nem cabeça. A micro-biblioteca e discoteca da nave era suficientemente grande para ultrapassar uma vida inteira no espaço.

Quando o escritor estava na galeria de observação, tentando contar as Plêiades que conseguia distinguir a olho nu, qualquer coisa passou, sibilante, por sua cabeça e foi colar-se contra o vidro da vigia, onde ficou a vibrar como uma seta. À primeira vista era o que parecia, e durante um momento Gibson perguntou a si próprio se os Cherokee estavam de novo em guerra. Depois viu que a seta tinha no lugar da ponta uma grande ventosa de borracha e que da base, atrás das penas, se estendia um fio longo e fino. Na outra ponta do fio, ao longe, estava o Dr. Robert Scott, que avançava como uma aranha entusiasmada.

Gibson estava preparando uma frase adequada à situação, mas o médico falou primeiro:

- Não é engraçado? - disse ele. - Tem um alcance de vinte metros e pesa apenas meio quilo. Vou patenteá-lo assim que voltar à Terra.

- Porquê? - perguntou Gibson, num tom de resignação.

- Não compreendes? Supõe que queres ir de um lado para outro a bordo de uma nave onde não haja gravidade rotacional. Bastará que dispares isto sobre qualquer superfície plana perto do teu destino e vás enrolando a corda. Terás um ancoradouro perfeito.

- E que há de errado na maneira usual de nos deslocarmos ?

- Se estivesses no espaço há tanto tempo como eu, saberias qual é a dificuldade. Numa nave como esta há muita coisa onde nos agarrarmos. Mas supõe que queiras agarrar uma parede lisa do lado oposto do compartimento onde estivesses e te lançasses pelo ar. Que aconteceria? Bem, terias de amortecer o choque com as mãos, a menos que conseguisses torcer o corpo no ar. Sabes qual é a queixa mais vulgar que um médico ouve a bordo de uma nave espacial ? Pulsos «abertos»! E a razão é essa. Além disso, depois de batermos contra um obstáculo ressaltamos, a menos que haja qualquer coisa onde nos passamos agarrar; Podemos até ficar parados no meio do ar. Aconteceu-me isso uma vez na Estação Espacial Três, num dos grandes armazéns. A parede mais próxima estava a quinze metros e não consegui alcançá-la.

- Não podias ao menos cuspir ou soprar ?

- Experimenta e verás. Sabes o que tive de fazer? Uma coisa engraçada dos diabos. Tinha apenas no corpo uma camisa e um calção e calculei que a sua massa era cerca de um centésimo da do meu corpo. Se pudesse lançá-la a trinta metros por segundo conseguiria alcançar a parede em menos de um minuto.

- E conseguiste ?

- Sim. Mas o Diretor estava mostrando a Estação à mulher, nessa tarde, de modo que agora tenho de viver num casco miserável como este, quando não estou dirigindo tristes salas de cirurgia pelas docas.

- Creio que erraste a vocação. Devias também ser escritor.

- Não acreditas?

- Deixemos disso. Mostra-me o teu invento.

Era uma pistola de ar modificada, com um fio de náilon enrolado num molinete

junto à coronha.

- Parece...

- Se disseses um projetor de raios ficarei convencido de que é qualquer coisa infecciosa. Já houveram três pessoas que disseram o mesmo.

- Ainda. bem que me interrompeste - disse Gibson, devolvendo a pistola ao inventor. - A propósito, Owen já conseguiu entrar em contacto com o míssil?

- Não. E parece que não será capaz disso. Mac diz que ele vai passar a cento e quarenta e cinco mil quilômetros - certamente fora de alcance. É uma vergonha: não há outra nave para Marte nos próximos meses e por isso é que eles estavam ansiosos de nos alcançarem.

- Owen é um tipo esquisito, não é? - perguntou Gibson, com alguma inconsequência.

- Oh, não. Não é verdade que ele tenha envenenado a mulher, Ela é que bebeu até se matar.

Owen Bradley era um homem muito aborrecido com a vida. Como todo mundo, a bordo da *Ares*, levava o seu trabalho muito a sério, ainda que fingisse o contrário. Durante as últimas horas não saía da sala de comunicações, esperando que a onda portadora emitida pelo míssil recebesse a modulação que lhe indicaria que os seus sinais estavam sendo recebidos e que o engenho estava dirigindo-se para a *Ares*.

Ligou para a sala de astronavegação e Mackay respondeu quase imediatamente através do intercomunicador.

- Quais são as últimas Mac?

- Não deve aproximar-se muito mais. Acabo de marcar a última posição e reduzir os erros. Está agora a cento e cinquenta mil quilômetros e desloca-se seguindo um rumo quase paralelo ao nosso. O Ponto mais próximo da sua passagem será a cento e quarenta e quatro mil quilômetros, dentro de cerca de três horas, Portanto, perdi a aposta. .. e creio que perdemos o foguete,

- Receio que sim, mas veremos. Vou à oficina - disse Bradley.

- Para quê?

- Para preparar um foguete de um só lugar e correr atrás dessa maldita coisa. Não demoraria mais de meia hora nas histórias de Martin. Desce e vem ajudar-me.

Mackay estava mais próximo do «equador» da nave que Bradley; conseqüentemente chegou primeiro ao «pólo sul» e quando Bradley chegou, engalanado com metros e metros de cabo coaxial, olhou-o perplexo. Bradley disse-lhe :

- Isto já devia ter sido feito, mas resultaria numa complicação tremenda e eu sou uma das pessoas que guarda as coisas para o último momento. O problema com o nosso emissor é que irradia em todas direções - o que é indispensável, uma vez que não sabemos de onde vem a onda portadora. - Vou construir uma antena focalizadora e transmitir por ela *toda* a energia que pudermos arranjar.

Mackay, que tinha mãos com uma habilidade maravilhosa, olhou para os desenhos e para os materiais que Bradley trouxera consigo.

- Cerca de uma hora - disse ele, ao mesmo tempo que começava a trabalhar. - Que vais fazer?

- Vou lá fora, ao casco, desligar o radiofarol. Quando estiveres pronto leva isso para a comporta de ar, sim?

Cerca de uma hora depois, Gibson encontrou Mackay correndo através da nave, atrás de uma delicada estrutura de varetas metálicas separadas por hastes de

plástico. Ficou de boca aberta e o seguiu até à comporta, onde Bradley já se encontrava, impaciente, no seu incômodo escafandro com o capacete aberto.

- Qual é a estrela mais próxima do foguete? - perguntou Bradley.

Mackay pensou rapidamente.

- Os últimos números... Vejamos... declinação quinze e qualquer coisa, norte; ascensão reta, catorze horas. Suponho que é... mais ou menos para as bandas de Böotes. Sim – não deve ficar muito longe de *Arcturus*, não mais de dez graus.

- Serve. De resto, posso fazer rodar o feixe. Quem está na Sala de Comunicações ?

- O Velho e Fred. Já falei com eles e estão observando o monitor. Manter-me-ei em contato contigo através do transmissor do casco.

Bradley fechou o capacete e desapareceu. Gibson olhou com alguma inveja. Desejara sempre vestir um dia um traje espacial, mas Norden dissera-lhe que era contra as regras. Tratava-se de mecanismos muito complexos e ele podia fazer qualquer disparate. Então talvez tivessem de realizar um funeral em circunstâncias absolutamente novas.

Bradley não perdeu tempo admirando, quando se viu no exterior. Deslizou suavemente ao longo do casco, impelido pelos reatores, até chegar à secção do revestimento que estivera desmontando. Por baixo estava uma teia de cabos e fios, exposta à luz crua do Sol. Um dos cabos já fora cortado. Fez uma ligação provisória e abanou a cabeça ao lembrar-se que metade da potência do emissor se perderia por ali. Depois procurou *Arcturus* e apontou a antena para a estrela, Depois tê-la girado, esperançoso, durante algum tempo, ligou o comunicador do fato.

- Alguma coisa?

A voz irônica de Mackay fez-se ouvir através do alto-falante:

- Nada. Vou ligar-te às comunicações. Norden confirmou as notícias.

- O sinal continua sendo detectado, mas ainda não deu mostras de nos ter recebido,

Bradley ficou estupefato. Rodou a antena durante alguns minutos e depois desistiu, Chamou de novo Mackay.

- Ouve! Confere essas coordenadas e depois vem aqui e continua a experimentar. Vou ver o emissor.

Quando Mackay o substituiu, Bradley voltou correndo à sala de comunicações Encontrou Gibson e o resto da tripulação a olharem tristemente para o receptor, através do qual se continuava a ouvir o silvo ininterrupto do foguete.

Começou a consultar os diagramas do emissor. Precisou apenas de um instante para ligar um par de fios ao coração dele. Ao mesmo tempo disparou uma série de perguntas para Hilton:

- Sabes como são estes foguetes? Quanto tempo demoram eles para registrar o nosso sinal e o responderem ?

- Depende da velocidade relativa e outros fatores. De qualquer forma, uns bons dez minutos.

- Quanto tempo poderá este demorar a alcançar-nos, se puder detectar os meus sinais ?

- Dois dias, se não for menos. Qual é a tua idéia?

- Os amplificadores de potência do emissor trabalham a setecentos e cinquenta volts. Vou ligar-lhes mil volts, de outra fonte. Viverão por pouco tempo, mas duplicarei ou triplicarei a potência debitada.

Ligou o interruptor, Gibson esperava ver faíscas por todos os lados, mas ficou desapontado. Bradley, que sabia o que fazia, olhou para os mostradores e mordeu os

lábios.

As ondas de rádio demorariam apenas meio segundo para alcançar aquele longínquo foguete com os seus maravilhosos mecanismos automáticos que se manteriam eternamente inertes se o sinal não os alcançassem. Passou-se o meio segundo e também o seguinte. Passou-se o tempo necessário para uma resposta, mas o assobio continuou, sem interrupção. Talvez o «cérebro» do foguete necessitasse de algum tempo para compreender o que se passava, porque a onda portadora voltou - mas modulada numa série infinita de bip-bips.

Bradley conteve o entusiasmo que surgiu na sala.

- Ainda não chegamos ao fim! - disse ele. - lembrem-se de que o foguete terá de receber o nosso sinal durante dez minutos antes de completar as alterações do rumo. - Olhou para os mostradores e perguntou-se se os circuitos resistiriam o tempo necessário.

Duraram sete minutos, mas os elementos antes aprontados foram introduzidos com tanta rapidez que a onda portadora quase não interrompeu a sua modulação. Por fim, com um suspiro de alívio, Bradley desligou o emissor.

- Podes voltar para dentro, Mac - disse ele ao microfone. Já está feito!

Ouviu-se uma tosse discreta no fundo da sala.

- Lamento lembrar-lhe uma coisa... - começou a dizer Jimmy.

Norden riu-se.

- Muito bem: não tenho dúvidas em pagar. Aqui estão as chaves - armário 26. Que vais fazer com essa garrafa de uísque?

- Estava pensando em vendê-la de novo ao Dr. Mackay.

- Sem dúvida - disse Scott, olhando com severidade para Jimmy. - Mas este momento exige uma comemoração especial.

Jimmy não esperou para ouvir o resto. Correu imediatamente, em busca da sua presa.

-----CAPÍTULO V -----

Há uma hora tínhamos apenas um passageiro - disse o Dr. Scott, acariciando a comprida caixa de metal que passara através da comporta de ar. Agora temos alguns milhares de milhões.

- Acha que eles sobreviveram à viagem ? - perguntou Gibson

- Os termostatos parecem ter funcionado corretamente. Vou transferí-los para as culturas que preparei e depois eles sentir-se-ão felizes. Terão a barriga bem cheia durante toda a viagem, até chegarem a Marte.

Através da vigia mais próxima, Gibson via o corpo do míssil, pintado de branco.

- Que vão fazer dele? - perguntou o escritor ao Capitão Norden.

- Recuperaremos o propulsor e abandonaremos a carcaça no espaço. Não merece o propulsante que seria necessário para o levar para Marte. Portanto, até voltarmos a acelerar, teremos uma lua só nossa.

- Como o cão, na novela de Júlio Verne ?

- «Da Terra à Lua»? Nunca consegui lê-la até o fim. Não há nada pior que ficção científica dos velhos tempos – e Verne já não é de ontem: é de anteontem.

Gibson sentiu que tinha chegado o momento de defender a sua profissão.

- Isso quer dizer que a ficção científica não tem um valor literário permanente?

- Não digo isso. Mas ainda que tenha por vezes um valor social quando é escrita, para a geração seguinte parecerá mesquinha e arcaica. Pense no que aconteceu às histórias espaciais..

- Não tenha receio de dizer o que pensa.

- Muito bem – disse Norden, - Até 1969 houve muita gente que escreveu sobre a primeira viagem à Lua. Hoje são impossíveis de ler. Quando os homens chegaram à Lua, pôde-se escrever com segurança sobre Marte e Vênus. Mas apenas durante alguns anos. Agora até essas histórias nada valem. Se as leem é para rirem delas.

- Mas o tema das viagens espaciais é mais popular do que nunca o foi.

- Sim, mas já não é ficção científica. Trata-se de fatos. O que importa agora é falar de coisas para além do Sistema Solar, mesmo que se trate de contos de fadas. Como quase todas as histórias afinal.

- Não concordo contigo – disse Gibson - Em primeiro lugar, ainda há muitas pessoas que gostam das histórias de Wells, embora já tenham um século de idade. E, passando do sublime ao ridículo, até ainda leem os meus primeiros livros, como a «Poeira Marciana».

- Quando foi que escreveste isso ?

- Em 1973 ou 74.

- Não sabia que tinha sido há tanto tempo. Mas isso explica muita coisa. AS

viagens no espaço estavam então no começo e todo mundo sabia disto muito bem. Já tinhas um bom nome dentro da literatura usual e a «Poeira Marciana» apareceu no momento próprio.

- Isso apenas explica a razão por que se venderam tantos livros à época. Não responde ao que eu perguntei. Continua vendendo bem e creio que até na colônia de Marte há alguns exemplares, apesar de o livro referi-ser a um Marte que nunca existiu senão na minha imaginação.

- Atribuo isso à falta de escrúpulos da agência de publicidade que serve o teu editor - e também ao fato de ter sido a melhor coisa que escreveste até hoje. Além de que - e como Mac diria, - conseguiste capturar nele o espírito dos anos 70, e isso dá-lhe agora um valor de curiosidade.

- Hum...

Gibson manteve-se silêncio durante um momento e depois começou a rir-se.

- Bem. Concorde. Que diria Wells soubesse que as suas histórias - e outras - estavam a ser discutidas a meio caminho, entre a Terra e Marte.

- Não exagere - disse Norden. - Ainda estamos apenas a um terço do caminho.

Muito depois dia meia-noite, Gibson acordou de repente, de um sono sem sonhos. Fora perturbado por qualquer coisa - um ruído como o de uma explosão distante, muito ao longe, nas entranhas da nave. Ergueu-se nas trevas, tenso, de encontro às cintas elásticas que o prendiam ao leito.

Havia muitas vozes no *Ares* e Gibson conhecia-as a todas, Ainda meio tonto de sono, encaminhou-se para a porta do camarote e escutou no corredor durante algum tempo. O ruído fora de fato tão afastado quanto ele pensara ? Talvez tivesse sido mais próximo. De qualquer maneira, sentia-se fatigado e pouco lhe importava o que acontecera. Tinha uma fé completa e comovente nos instrumentos de bordo. Se alguma coisa não estivesse bem, os alarmes automáticos teriam alertado todo mundo. Tinham-nos ensaiado algumas vezes na viagem e eram suficientemente fortes para despertarem os próprios mortos, Podia deitar-se descansado e confiar em que eles continuariam a vigiá-lo com uma constância infatigável.

Tinha toda a razão, ainda que não o soubesse, e quando a manhã chegou já esquecera tudo.

A custo, Gibson afastou o seu pensamento do reino da Dinamarca, do castelo de Elsinore e de Hamlet. Que teria sido feito daquele teatro fantástico, com a sua plateia flutuando no espaço?

Norden olhou para Gibson e tossiu discretamente.

- Ouve, Martin, lembra-te quando andavas atrás de mim para que eu te deixasse vestir um escafandro ?

- Sim. Era contra as regras.

- Bem. De certa maneira ainda é. Mas esta viagem não é normal e, tecnicamente, não és um passageiro. Penso que poderemos conseguir isso.

Gibson ficou deliciado. Pergantara muitas vezes a si próprio como se sentiria uma pessoa dentro de um traje espacial, apenas com as estrelas à sua volta.

A conspiração estava fermentando há uma semana.

Em geral, quando Hilton chegava ao gabinete de Norden com os programas diários de manutenção, nada havia de importante. O capitão limitava-se a assinar os relatórios e ia arquivá-los no livro de bordo.

- Ouve lá, Johnnie - disse Hilton (era o único que tratava o capitão pelo nome próprio; para os outros era sempre «o Velho» ou «o Chefe») -, não temos dúvidas

agora quanto à descida na pressão do ar. É absolutamente constante. E dentro de alguns dias estaremos fora dos limites de tolerância.

- Raios partam tudo isso! Temos de fazer alguma coisa. Pensava que poderíamos tratar disso quando aportássemos...

- Receio que não. Temos de entregar os registros à Comissão de Segurança do Espaço quando voltarmos para casa, e pode acontecer que qualquer velhota nervosa comece a gritar ao deixarmos a pressão descer abaixo do limite.

- Onde é o problema?

- No casco, quase com certeza.

- A fuga situa-se perto do «polo norte»?

- Talvez. Está acontecendo tudo muito depressa. Talvez tenhamos apanhado outro furo, entretanto.

- Quanto tempo demorarão a localizar a fuga?

- Esse é que é o problema – disse Hilton, um pouco desgostoso – Temos apenas um detetor de fugas e cinquenta mil metros quadrados de casco. Precisaremos de um bom par de dias para isso. Se tivesse sido um buraco grande, as anteparas automáticas teriam funcionado e saberíamos onde ele estava.

- Ainda bem que não foi! - comentou Norden com um sorriso.

Jimmy Spencer teve de cuidar, como de costume, do trabalho que ninguém queria fazer e encontrou o buraco três dias depois, após ter dado a volta na nave uma boa dúzia de vezes. A pequena cratera era quase invisível, mas o ultra-sensível detetor de fugas registrara o fato de que o vácuo próximo daquela parte do casco não era tão perfeito como devia ser. Jimmy tinha marcado o lugar com giz e voltara para a comporta de ar.

Norden agarrou nos planos da nave e determinou a localização aproximada da fuga, segundo as indicações de Jimmy. Assobiou baixinho e ergueu os olhos para o teto.

- Jimmy, disse ele – Mr. Gibson sabe o que estiveste fazendo?

- Não. Nunca deixei de lhe dar as lições de astronáutica, o que tem sido um belo trabalho, em conjunto com...

- Bem, bem! Achas que alguém possa te-lher falado sobre a fuga ?

- Não, mas acho que ele teria falado do assunto se soubesse dele.

- Então ouve: Este maldito buraco situa-se exatamente no meio da parede do camarote dele e se lhe disseses alguma coisa sobre isso, te esfolarei vivo. Compreendes?

- Sim – disse Jimmy, engolindo em seco e fugindo precipitadamente.

- E agora? - perguntou Hilton num tom resignado.

- Temos de Chamar Martin cá para fora sob qualquer pretexto e tapar o buraco tão depressa quanto for possível.

- É curioso que ele não tenha ouvido o impacto. Deve ter feito um belíssimo barulho.

- Provavelmente não estava lá no momento. O que me surpreende é que ele nunca tenha notado a corrente de ar; deve ser considerável.

- Talvez a corrente de se confunda com a circulação normal, Mas, de qualquer maneira, qual a razão para tantos segredos ? Porque é que não falamos com Martin e lhe explicamos o que houve? Qual a necessidade de todo este melodrama?

- Supõe que ele contava ao público que um meteoróide de 12ª grandeza furou a nave - e depois acrescenta que coisas como essas acontecem em todas as viagens? Quantos dos leitores compreenderão que não há perigo real e que nós nem sequer

nos preocupamos quando acontecem essas coisas? Podem ter a certeza de que a reação popular será: «*Se foi um pequeno também podia ser um grande.*» E vocês já não estão vendo os títulos?: «*A Ares arrombada por um meteoro!*» Que bela coisa para o negócio!

- Então porque é que não contamos tudo a Martin e pedimos para que ele não diga nada?

- Não seria justo. O pobre homem não tem novidades para os seus artigos há semanas,

- Muito bem, A ideia é tua - disse Hilton. - Não me culpes se ela falhar.

- Nem pensar nisso. Não há qualquer possibilidade.

Gibson sentira-se sempre fascinado pelas engenhocas e o traje espacial era mais um mecanismo para acrescentar à coleção daqueles que investigara e aprendera a manejar. Esquecera-se de que as escafandros da *Ares* não tinham pernas e que quem os envergava se limitava a ficar de pé dentro deles. Era uma ideia sensata, uma vez que tinham sido construídos para trabalhar numa situação de ausência de peso e não para caminhar na superfície de planetas sem ar. A ausência das juntas flexíveis das pernas simplificava muito o seu desenho e os escafandros não eram mais do que cilindros com um tampo de *perspex*, do qual saíam braços articulados. Aos lados havia relevos e hastes misteriosas: o equipamento de ar condicionado, rádio, regulação de calor e propulsão. A liberdade de movimentos no interior do escafandro era grande: podia-se retirar os braços do interior das «mangas» para acionar os comandos internos e até para tomar uma pequena refeição, sem muitas acrobacias.

Bradley passara cerca de uma hora na comporta de ar, certificando-se de que Gibson compreendera o manejo dos comandos principais. Tudo correu bem até o momento em que Bradley começou a explicar o funcionamento das primitivas instalações sanitárias do escafandro.

- Um momento: - protestou o escritor. - Com certeza que não ficaremos lá fora o tempo suficiente para termos necessidade disso!

Bradley sorriu e respondeu:

- Ficaria surpreendido se soubesse quantas pessoas já caíram nesse erro. Abriu um compartimento na parede da comporta e tirou dela dois rolos de fio. Ligou-os a um suporte nos trajes, de maneira que não podiam ser acidentalmente soltos.

- Precaução de Segurança Número Um - disse ele. - Ter Sempre um cabo de segurança preso à nave. As regras fizeram-se para serem ignoradas, mas esta não. Para que a segurança seja dupla, ligarei o teu traje ao meu com dez metros de fio. E, agora vamos...

A porta exterior abriu-se. Gibson sentiu o último vestígio de ar afastar-se dele. O fraco impulso assim recebido arrastou-o para a saída e ele viu-se flutuando suavemente em direção às estrelas.

A lentidão do movimento e o silêncio absoluto tornavam aquela ocasião profundamente impressionante. A *Ares* afastava-se atrás dele com uma inevitabilidade terrível. Gibson mergulhava no espaço - o verdadeiro espaço, finalmente - e o seu único elo com a segurança era o tênue fio que se desenrolava atrás dele.

A fricção do carretel já amortecera o seu impulso quando a corda que o ligava a Bradley recebeu um esticão. Quase esquecera o seu companheiro, que estava se afastando da nave com os pequenos jatos de gás montados na base do seu escafandro, rebocando Gibson.

O escritor assustou-se quando a voz do outro, ecoando metálicamente no alto-falante instalado no interior do seu traje, quebrou o silêncio.

- Não use os jatos senão quando eu ordenar. Não convém que tenhamos velocidade demasiada e é necessário cuidado para que as nossas linhas não se embaracem. - Está bem - disse Gibson, mais ou menos aborrecido. Olhou para a nave. Viu-a já a algumas centenas de metros, afastando-se rapidamente.

- Qual é o comprimento de cabo que ainda nos resta ? - perguntou ele, ansioso. Não houve resposta e ele teve um momento de pânico antes de se lembrar de carregar no botão de *TRANSMISSÃO*.

- Cerca de um quilômetro - respondeu Bradley quando ele repetiu a pergunta. - O suficiente para nos sentirmos solitários.

- E se ele se quebrasse ?

- Não é possível. Seria capaz de suportar o teu peso, mesmo na Terra. E mesmo que se partisse, poderíamos regressar facilmente graças aos meus jatos.

- E se eles esgotassem o propulsante?

- Que linda idéia! Isso não seria impossível, a menos que houvesse um tremendo descuido ou surgissem três grandes avarias mecânicas ao mesmo tempo. De qualquer maneira, lembra-te de que há um propulsor reserva e também alarmes dentro do escafandro.

Houve um segundo puxão. Tinham chegado ao fim do fio. Bradley amorteceu o ressalto com os seus jatos.

- Estamos muito longe de casa - disse ele.

Gibson precisou de alguns segundos para localizar a *Ares*. Estavam do lado da noite, de modo que a nave lhes aparecia quase completamene na sombras. Suas esferas eram pequenos e delgados crescentes que poderiam ser facilmente confundidos com a Terra e a Lua, vistas talvez a uma distância de um milhão de quilômetros.

O escritor sentia-se satisfeito por Bradley o ter deixado só, no silêncio. Talvez o outro se sentisse também impressionado pela esplêndida solenidade do momento. As estrelas eram tão brilhantes e tão numerosas que Gibson, a princípio, não pôde distinguir as constelações. Depois viu Marte, o mais brilhante astro no céu depois do próprio Sol, e determinou assim o plano da eclíptica. Muito devagar, com cuidadosos impulsos dos seus jatos, fez rodar o escafandro de modo que a sua cabeça ficasse apontada para a Estrela Polar. Era a maneira de estar de «pé», e assim pôde voltar a reconhecer as estrelas.

A imensa distância, um retângulo branco apareceu flutuando entre as estrelas. Pelo menos, essa foi a primeira impressão. Só depois compreendeu que o seu senso de perspectiva falhara, e que na verdade ele estava vendo qualquer coisa muito pequena, a poucos metros de distância. Mesmo assim, teve grande dificuldade em reconhecer o viajante interplanetário - era uma folha de papel de escrever, vulgar, que girava sobre si própria muito lentamente no espaço. Nada seria mais vulgar - ou mais inesperado.

Gibson olhou para a aparição durante algum tempo, antes de se certificar de que não se tratava de uma ilusão. Depois ligou o emissor e falou a Bradley.

O outro não se mostrou de modo algum impressionado

- Não há nada de notável quanto a isto - respondeu ele, um pouco impaciente. - Jogamos lixo fora, todos os dias e, como não temos aceleração alguma, é de se esperar que ele continue à nossa volta. Assim que começarmos a travar, ficaremos para trás e o lixo continuará em frente, até sair do Sistema Solar.

Gibson pensou que a explicação era absolutamente óbvia, mas sentiu-se um

pouco desconcertado por o mistério ter se dissipado tão depressa, Devia tratar-se do rascunho de um dos seus artigos. Se estivesse um pouco mais perto tê-lo-ia guardado como recordação, e também para ver os efeitos que a permanência no espaço tivera nela. Infelizmente, estava fora do alcance.

Quando ele já estivesse morto há muitos séculos, aquele pedaço de papel continuaria a levar a sua mensagem através das estrelas. Nunca ele saberia onde.

Norden foi ao encontro deles quando voltaram à comporta de ar. Parecia muito satisfeito consigo próprio, ainda que Gibson não estivesse em condições de notar. Continuava perdido entre as estrelas e seria necessário algum tempo antes que ele voltasse ao estado normal - antes que a sua máquina de escrever começasse a matraquear suavemente.

- Conquistaste fazer o trabalho a tempo? - perguntou Bradley, enquanto Gibson não podia ouvi-lo.

- Sim, com quinze minutas de sobra. Desligamos os ventiladores e encontramos a fuga imediatamente, através do velho processo da vela fumarenta. Um rebite e um pingo de tinta de secagem rápida fizeram o resto; trataremos do revestimento exterior quando acostarmos, se isso valer a pena. Mac fez um belo trabalho - está desperdiçando seus talentos, como navegador.

-----CAPÍTULO VI -----

Para Martin Gibson a viagem estava decorrendo de uma maneira bastante suave e agradável. Escrevera muitas coisas, umas muito boas e outras aceitáveis, Ainda que não pudesse lançar-se a fundo no trabalho antes de alcançar Marte.

A viagem estava agora nas suas semanas finais e havia a inevitável sensação de fadiga e de desinteresse - que devia durar até à chegada à órbita de Marte. Nada aconteceria até então. De momento, tinham-se acabado os motivos de entusiasmo.

O último instante notável fôra aquele em que tinham deixado de ver a Terra. Dia a dia ela aproximara-se das grandes asas flamejantes da coroa solar, como se fosse imolar nela. Por fim tornara-se um pequeno ponto luminoso, somente visível através do telescópio, lutando bravamente contra o esplendor que não tardou a sobrepor-se a ela, quando uma colossal explosão lançou a coroa, subitamente, a meio milhão de quilômetros através do espaço, como uma cortina incandescente. Passar-se-ia uma semana antes que ela reaparecesse, e então o mundo de Gibson já teria mudado tanto que ele nunca teria pensado que tal coisa fosse possível em tão pouco tempo.

Se alguém tivesse pensado de Jimmy Spencer o que ele pensava de Gibson, o jovem ter-lhe-ia dado respostas muito diferentes durante as várias fases da viagem. A princípio ele sentia-se muito impressionado perante os seus distintos companheiros de viagem. Mas essa situação não duraria muito. Gibson não se mostrara vaidoso e nunca se aproveitava da sua posição privilegiada na *Ares*. Isso levava Jimmy a aproximar-se mais dele que dos oficiais de bordo, que, de qualquer maneira, eram seus superiores.

No entanto Jimmy não fazia ideia do que Gibson pensava quanto a ele. Por vezes tinha a impressão desagradável de que o escritor o olhava apenas como uma personagem que talvez tivesse algum valor qualquer dia. Mas como Gibson nunca tentara ouvir Jimmy em pormenor, isso significava que talvez não existissem motivos reais para tais suspeitas.

Outra coisa perturbadora quanto a Gibson eram os seus conhecimentos técnicos. Quando Jimmy iniciara as suas «aulas noturnas», como todos lhe chamavam, partira do princípio de que o escritor pretendia apenas adquirir conhecimentos que lhes permitissem evitar erros demasiados evidentes no material que enviava para a Terra e não estava muito interessado na astronáutica, em si. No entanto, tornara-se depressa bem claro que não era esse o caso. Gibson tinha uma ansiedade quase patética por dominar as partes mais abstrusas da ciência e exigir provas matemáticas, algumas das quais Jimmy tinha grande dificuldade em lhe fornecer. Até que uma das lições encalhou num recife de equações integrais e diferenciais e não houve nada a fazer senão saltar pela borda afora. Gibson fechou os olhos com um

suspiro e perguntou com toda a naturalidade ao rapaz:

- Você nunca me disse nada a seu respeito, Jimmy. Em que parte da Inglaterra nasceu?

- Cambridge.

- Uma terra que eu conheci bem.. há vinte anos. Não vive lá agora, certo?

- Não. Quando tinha seis anos os meus pais mudaram-se para Leeds.

- Porque foi que se interessou pela astronáutica?

- É difícil dizer. Interessei-me sempre pela ciência e, de resto, a exploração do espaço desenvolveu-se à medida que eu fui crescendo, suponho que foi uma coisa natural. Se tivesse nascido cinquenta anos antes teria enveredado pela aeronáutica.

- Portanto o seu interesse pela astronáutica é puramente teórico. Não tem nada a ver com a possibilidade dela revolucionar o pensamento humano; a conquista de novos planetas, etc.?

Jimmy sorriu.

- Creio que sim. Na verdade, também estou interessado por essas ideias, mas o lado técnico é que me fascina. Mesmo que nada houvesse nos planetas, interessar-me-ia saber como chegar lá.

Gibson riu-se, mas na sua voz havia um ligeiro tom de mágoa quando observou:

- Estou interessado na ciência apenas como um meio, e não como um fim.

Jimmy tinha a certeza de que essa não era a verdade.

Mas compreendeu que era melhor não aprofundar muito a matéria. E de qualquer maneira, antes que respondesse, Gibson começou a fazer-lhe outras perguntas, sobre a sua vida. Uma vez as barreiras quebradas, o rapaz falou sem reticências, como que satisfeito por poder aliviar o seu espírito. Por vezes Gibson fazia novas perguntas para auxiliá-lo, mas elas tornaram-se cada vez mais raras e acabaram por se tornar desnecessárias.

Até que Jimmy falou de sua mãe - sem lhe citar o nome. Da mãe que morrera quando ele era pouco mais que uma criança de peito. Contou como ela se apaixonara por um jovem estudante de engenharia que ainda estava no meio do seu curso. fôra um par ideal, apesar dela ser alguns anos mais velha que o rapaz. E quase tinham chegado ao noivado quando tudo acabou - Jimmy não sabia bem porquê. O jovem estudante adoecera gravemente, ou tivera um colapso nervoso, e nunca mais voltara a Cambridge.

- A minha mãe também nunca mais esqueceu do que se passara, - disse Jimmy. - Mas havia outro estudante que gostava muito dela. Acabaram se casando. Por vezes sentia pena de meu pai, porque ele deve ter sabido tudo, quanto ao primeiro romance. Poucas vezes o vi, porque fiquei entregue à tia Ellen... Mr. Gibson, sente-se bem?

Gibson sorriu com dificuldade.

- Não é nada, Talvez um súbito enjôo. De vez em quando,.. mas passa num momento.

Bem desejava que essa fosse a verdade. Durante todas aquelas semanas, numa ignorância total, acreditando-se seguro contra todas as ousadias do tempo e da sorte, caminhara ao encontro do destino. E agora chegara o momento do choque. Vinte anos tinham desaparecido como um sonho e perante ele estavam mais uma vez, face a face, os fantasmas do passado que esquecera.

- Há qualquer coisa que não corre bem quanto ao Martin - disse Bradley, ao mesmo tempo que preenchia o registro das mensagens. - Não pode ser qualquer notícia que ele tenha recebido da Terra. Li-as todas. Será que ele sente Saudades?

- Sei lá. Dentro de uma quinzena estaremos em Marte. Gostas de brincar de psicólogo, não é verdade?

- Quem não faz o mesmo ?

- Eu não - disse Norden, num tom potifical. - Não meto o nariz na vida dos outros e...

Um olhar de Bradley fê-lo calar. Martin Gibson, de bloco de apontamentos na mão, tão entusiasmado como um jornalista novato, na sua primeira entrevista, entrara apressadamente no gabinete.

- Que queres mostrar-me, Owen? - perguntou ele, ansioso.

Bradley dirigiu-se ao comunicador principal.

- Na verdade, não tem nada de impressionante - disse ele. - Mas entramos noutra fase do vôo e isso é sempre um motivo de interesse. Escuta...

Pressionou o botão do alto-falante e pouco e pouco moveu o comando do som. A sala foi inundada pelo silvo e pelo estralejar do ruído de fundo, semelhante a mil frigideiras prestes a arderem. Gibson sabia que escutava a voz das estrelas e das nebulosas, radiações que tinham começado a sua viagem muito antes do aparecimento do homem. Esondidos muito no fundo daquele caos deviam existir - tinham de existir - os sons de civilizações estranhas, falando umas às outras nas confins do espaço.

No entanto não fôra por isso que Bradley o chamara.

Com muito cuidado, o oficial de comunicações fez alguns ajustes delicados, franzindo um pouco a testa.

- Tinha-o aqui mesmo há um minuto... Oxalá não tenha fugido... Aqui está!

A princípio Gibson não notou qualquer alteração na barragem dos sons. Mas depois notou que Bradley estava marcando o tempo, em silêncio, com a mão - um pouco apressadamente, à razão de dois batimentos por segundo. Com isso para guiá-lo, Gibson detectou por fim o silvo ondulante e infinitamente fraco que abria caminho através da tempestade cósmica.

- Que é isto? - perguntou ele, quase adivinhando a resposta.

- O radiofarol de Deimos. Há também um em Plhobos, mas não é tão poderoso. Vai auxiliar-nos na aproximação de Marte. E deve dar-lhe um bom motivo para escrever qualquer coisa, isto tem estado muito calmo ultimamente, não é verdade?

Bradley observava Gibson com atenção ao mesmo tempo que falava. O escritor não respondeu. Apontou apenas algumas paavras no bloco, agradeceu distraidamente com uma cortesia não habitual e partiu para o seu camarote.

- Tens razão - disse Norden depois dele partir. - Aconteceu qualquer coisa a Martin. Será melhor falarmos com o médico.

- Não creio que valha a pena - respondeu Bradley - o que quer que seja, não deve ser caso para pílula. Será melhor deixarmos que ele trate de si próprio.

- Talvez tenhas razão. Mas que isto não demore muito tempo!

A verdade é que demorava havia quase uma semana. O choque inicial de descobrir que Jimmy Spencer era o filho de Kathleen Morgan já quase se dissipara, mas os efeitos secundários começavam a surgir. Entre eles havia uma sensação de ressentimento por uma coisa daquelas ter de *lhe* acontecer. Era uma violação ultrajante das leis das probabilidades - uma coisa que nunca poderia ter acontecido nas suas novelas. Mas a vida pouco se importava com a arte e não havia nada a fazer quanto a isso.

Essa disposição petulante e infantil também estava passando. E sendo substituída por uma profunda sensação de desconforto. Todas as emoções que ele pensara estarem enterradas em segurança debaixo de vinte anos de atividade febril voltavam

pouco a pouco à superfície. Na Terra teria escapado a elas confundindo-se mais uma vez com a multidão, mas ali não tinha lugar algum para onde fugir.

Era inútil fingir que nada acontecera - dizer a si próprio: «Bem sabia que Kathleen e Gerard tinham um filho: que diferença faz isso agora?» A diferença era muito grande. Quando via Jimmy, via o passado e - o que era bem pior - pensava em como o futuro poderia ter sido. Sabia que só havia uma maneira de enfrentar a situação e que a oportunidade não tardaria.

Jimmy vinha do «hemisfério sul» quando, ao passar pela galeria de observação, viu Gibson junto de uma das janelas fitando o espaço. Por um momento, pensou que o escritor não o vira, mas Gibson voltou-se e disse-lhe:

- Olá, Jimmy. Tens um momento livre?

Jimmy tinha muito o que fazer. Mas tinha compreendido que havia qualquer coisa que não estava muito certa, em relação a Gibson, e apercebeu-se de que o homem precisava da presença dele. Portanto aproximou-se e sentou-se na concavidade que servia de banco junto da janela.

- Tenho uma coisa para te dizer, Jimmy - começou Gibson. - Só meia dúzia de pessoas sabem dela. Não me interrompas e não faças perguntas - senão depois de eu ter acabado, suceda o que suceder.

«Quando eu era ainda mais novo do que tu, queria ser engenheiro. Era um rapaz muito inteligente e não tive dificuldade em ser admitido na Universidade. Como não sabia muito bem qual o caminho a tomar, matriculei-me no curso geral de Engenharia. O primeiro ano correu muito bem e isso animou-me a trabalhar ainda mais. O segundo, todavia, não foi tão bom - ainda que eu fosse melhor que a média. No terceiro apaixonei-me. Não era exatamente a primeira vez, mas soube que finalmente era a sério.

«Uma paixão quando se está na universidade não é uma boa coisa, quando a tomamos a sério. Porque, nesse caso, ou ela atua como um estímulo - e leva-nos a trabalhar mais do que quaisquer outros - ou nos faz esquecer tudo o mais e os estudos vão pela pia abaixo. Foi o que aconteceu no meu caso.»

Gibson recolheu-se num silêncio pensativo. estavam do lado da noite e as estrelas viam-se em toda a sua glória. A constelação de Leão estava mesmo na frente deles e no seu coração via-se o brilhante rubi que era o objectivo deles. Marte era, após o Sol, o mais brilhante dos corpos celestes, e o seu disco quase se tornara visível a olho nu.

Seria verdade que nada podia ser inteiramente esquecido? Gibson via ainda, tal como vira vinte anos antes, a mensagem no quadro de avisos da faculdade: «O Reitor quer falar com Mr. Gibson no seu gabinete às 15 horas.» Tivera de esperar até às 15:15 e isso não o ajudara. Nem teria sido tão mau se o Reitor houvesse sido formal ou muito frio, ou mesmo se ele se tivesse mostrado furioso. Mas o Reitor usara a técnica da lamentação. Mostrara-se «mais pesaroso que furioso». Dera a Gibson outra oportunidade, mas ele não chegara a aproveitá-la.

Envergonhava-se de confessá-lo a si próprio, mas o que tornara tudo pior fôra a consciência de que Kathleen fizera uns exames muito bons. Quando os resultados haviam sido publicados, Gibson evitara-a durante alguns dias. E quando tinham voltado a encontrar-se, ele já lhe atribuiria as culpas do seu malogro.

O resto fôra inevitável. A discussão durante o último passeio de bicicleta ao campo e o regresso deles por caminhos diferentes. As cartas que não tinham sido abertas - e, pior que isso, as que não tinham sido escritas.

A tentativa - que não dera resultado - de se encontrarem, mesmo que fosse

somente para se despedirem, no último dia em Cambridge. A mensagem não chegou a tempo às mãos de Kathleen e, ainda que ele tivesse aguardado até ao último momento, não a conseguira ver. O comboio apinhado de estudantes eufóricos tinha-se afastado barulhentos da estação, deixando para trás Cambridge e Kathleen. Nunca mais a vira.

Não valia a pena falar a Jimmy dos meses negros que se tinham seguido. Ele nunca conseguiria compreender o significado daquelas simples palavras: «Tive um colapso e fui aconselhado a não voltar à Universidade» O Dr. Evans fizera um bom trabalho e ele ficara-lhe eternamente grato por isso. Fora Evans que o convencera a escrever durante a sua convalescença e os resultados tinham surpreendido ambos (Quantas pessoas sabiam que a sua primeira novela fora dedicada ao seu psicanalista?).

Evans dera-lhe uma nova personalidade e uma vocação através da qual ele pudera recuperar a sua confiança em si próprio. Mas não podia reviver o futuro perdido. Durante toda a sua vida, Gibson viria a odiar os homens que tinham acabado aquilo que ele apenas principiara – os homens que podiam usar, com os seus nomes, os graus académicos e qualificações que ele jamais possuiria, e que trabalhariam toda a sua vida em campos nos quais ele não poderia ser mais que um espectador.

Quando acabou de falar, ficou surpreendido ao dar conta do nervosismo com que aguardava as reações de Jimmy. Perguntava a si próprio se o rapaz soubera ler nas entrelinhas e se dividira as culpas com justiça - se ele mostraria simpatia, cólera, ou simples embaraço. Subitamente dera conta da tremenda importância que teria a conquista do respeito e da amizade de Jimmy – uma importância muito maior que a de qualquer coisa que lhe acontecera, havia muito tempo. Só assim poderia satisfazer a sua consciência e acalmar aquelas vozes acusadoras que vinham do passado.

Não via o rosto de Jimmy, porque o rapaz estava na sombra, e pareceu-lhe que passara um século antes de ele quebrar o silêncio.

- Porque foi que me contou isso? - perguntou o rapaz, numa voz calma, completamente neutra – tão livre de simpatia como de reprovação.

Gibson hesitou antes de responder. A pausa foi natural porque mesmo ele tinha dificuldade de explicar a si mesmo todas as suas razões.

- Tinha que lhe contar isto – disse ele com ardor – Não podia voltar a ser feliz enquanto não o tivesse feito. Além disso... senti que procedia bem, ao fazê-lo.

De novo o silêncio que arrasava os nervos, Por fim Jimmy levantou-se muito devagar.

- Terei que pensar no que me disse - respondeu o rapaz na mesma voz desprovida de emoção. - Neste momento não sei o que dizer.

Afastou-se e deixou Gibson num estado de extrema incerteza e confusão, perguntando a si próprio se procedera mal ou bem. Só uma coisa era certa: ao falar dos fatos ele aliviara muito o seu espírito.

Mas havia ainda muita coisa que ele não dissera a Jimmy - e muitas coisas mais que ele próprio não sabia.

-----CAPÍTULO VII-----

Que coisa mais louca! - berrou Norden, como se fosse um chefe viking pronto a matar todo mundo. - Deve haver qualquer explicação! Se eles não têm instalações para atracação em Deimos, como é que querem que precedamos à descarga? vou chamar o Diretor-Geral e fazer um barulho dos diabos!

- Se estivesse no teu lugar não faria - disse Bradley. - Reparaste na assinatura? Não são ordens da Terra, transmitidas via Marte. Isto veio do próprio gabinete do Diretor Geral.. Talvez o velho seja um tártaro, mas ele não faz nada sem ter boas razões para isso.

- Indica-me uma:

Bradley encolheu os ombros.

- Não tenho de governar Marte, portanto o que posso eu saber? Não tardaremos a ter uma resposta, - riu-se por entre os dentes. - Pergunto a mim próprio como é que Mac vai aguentar isso! Terá de computar de novo a trajetória de aproximação.

Norden Inclinou-se sobre o painel de comando e moveu uma alavanca.

- Olá, Mac. Estás ouvindo ?

Houve uma pausa e depois ouviu-se a voz de Hilton: - Mac não está aqui.

- Transmite-lhe o seguinte: Temos ordens de Marte para alterar a rota da nave. Querem que nos afastemos de Phobos, não sabemos porquê. Diz a Mac para calcular a trajetória para Deimos e para me comunicar tão depressa quanto possível.

- Mas... Deimos é apenas uma porção de montanhas sem...

- Sabemos disso! Talvez saibamos também a razão de tudo quando chegarmos lá.

Foi o Dr. Scott quem deu a notícia a Gibson enquanto o autor dava os últimos retoques a um dos seus artigos.

- Alguém sabe a razão de tal coisa ? - perguntou ele,

- Não; é um mistério completo. Perguntamos, mas Marte não diz nada.

Gibson coçou a cabeça, ao mesmo tempo que examinava e rejeitava meia dúzia de ideias. Sabia que Phobos, a lua interior, fôra usada como base desde que a primeira expedição alcançara Marte. Apenas a 6.000 quilómetros acima da superfície do planeta e com uma gravidade inferior a um milésimo da terrestre, era ideal para esse fim.

A órbita da *Ares* estava agora a cortar a do planeta e dentro de poucos dias os motores funcionariam de novo para iniciar a travagem. A alteração de velocidade necessária para desviar o rumo de Phobos para Deimos era desprezível, embora obrigasse Mackay a um trabalho árduo.

A excitação do fim da viagem tinha, de certo modo, afastado o espírito de Gibson dos seus problemas pessoais. Encontrara Jimmy talvez meia dúzia de vezes por dia, mas não tinham voltado a falar do assunto. No entanto, e apesar do aumento do

trabalho, determinado pela aproximação do ponto de destino da nave, Jimmy pensara muito naquilo que Gibson lhe dissera. A princípio sentira amargura e cólera contra o homem que fôra responsável, ainda que sem qualquer intenção, pela infelicidade de sua mãe. Mas ao fim de algum tempo começara a compreender o ponto de vista de Gibson e os sentimentos dele. Era suficientemente arguto para compreender que Gibson não lhe dtissera muitas coisas, mas era evidente que o escritor lamentava o passado e estava ansioso por anular todos os males que causara, ainda que estivesse atrasado uma geração.

Era estranho ter de volta a sensação do peso e ouvir de novo o rugido distante dos motores quando a *Ares* reduziu a sua velocidade para igualar à velocidade muito menor de Marte. A manobra e as delicadas correcções finais demoraram mais de vinte e quatro horas, Quando tudo terminou, Marte era doze vezes maior que a Lua cheia, vista da Terra, e Phobos e Deimos pareciam pequenas estrelas, movendo-se rapidamente à sua volta.

Gibson surpreendeu-se de quanto eram vermelhos os grandes desertos marcianos. Mas a palavra «vermelho» não dava qualquer ideia da variedade das cores naquele disco que aumentava lentamente de diâmetro. Certas regiões eram escarlates, outras amarelo-acastanhadas; mas a cor mais vulgar talvez pudesse ser comparada ao vermelho-tijolo.

No hemisfério sul estava-se no fim da primavera e a calota polar ficava reduzida a alguns pontos brancos. A larga cintura de vegetação entre o pólo e o deserto era dominada em grande parte por um verde-azulado algo claro, mas no disco sarapintado podiam ser encontradas todas as cores.

A *Ares* estava entrando na órbita de Deimos a uma velocidade relativa de menos de mil quilômetros por hora. À frente da nave a pequena lua começava a tomar forma, e enquanto as horas se passavam ela foi crescendo até parecer tão grande como Marte. No entanto, que contraste ela apresentava! Não havia ali cores ricas, mas sim um caos escuro de rochas tombadas, de montanhas que se erguiam para as estrelas em todos os ângulos naquele mundo onde praticamente o peso não existia.

Pouco e pouco as rochas cruéis aproximaram-se e passaram por baixo deies, enquanto a *Ares* dirigia-se para o radiofarol que Gibson ouvira dias antes. Por fim ele viu, numa área quase plana, a poucos quiômetros abaixo, os primeiros sinais de que os homens tinham visitado aquele mundo estéril. Duas filas de pilares verticais saltavam da terra e entre eles estava uma rede de cabos. Quase imperceptivelmente a *Ares* desceu para Deimos. Os motores auxiliares não tinham qualquer dificuldade em manobrar a nave, cujo peso efetivo era apenas de algumas centenas de quilogramas.

Foi impossível assinalar o momento do contraste. Só o súbito siiêncio, quando os motores se calaram, disse a Gibson que a viagem terminara. Era certo que ele ainda encontrava-se a cerca de trinta mil quilômetros de Marte e demoraria pelo menos um dia a atingir a superfície do planeta, num dos pequenos foguetes que já estavam vindo ao encontro deles. Mas, pelo que dizia respeito à *Ares*, a viagem terminara.

O pequeno camarote que fôra o seu lar durante tantas semanas nunca mais o veria.

Deixou a galeria de observação e correu para a sala de comando. Os movimentos a bordo da *Ares* já não eram tão fáceis, porque o débil campo gravitacaonai de Deimos mostrava-se suficiente para perturbar os seus movtmentos instintivos. A tripulação estava reunida em uma da mesa das cartas e parecia muito satisfeita.

Chegaste mesmo a tempo – disse Nordem num tom alegre. - Vamos fazer uma

pequena festa. Vai buscar a tua máquina fotográfica e tira as fotografias que quiseses enquanto bebemos à saúde deste caixote!

- Não bebam tudo antes de eu voltar! - gritou Gibson. Quando voltou pronto a fotografá-los o Dr. Scott estava fazendo uma experiência muito curiosa.

- Estou farto de esguichar a cerveja de uma borracha – disse ele. - Agora que temos de novo essa possibilidade, vou despejá-la num copo. Vejamos quanto tempo demora.

- Ficaré sem espuma antes de chegar lá – avisou Mackay. - Vejamos... o valor de g é de meio centímetro por segundo... ao quadrado... deitando-se de uma altura...

Mas a experiência já estava em curso. Scott tinha nas mãos uma lata perfurada e mantinha-a a cerca de trinta centímetros de altura, sobre o seu copo. Com inacreditável lentidão, o líquido cor de âmbar saía da lata. Dir-se-ia um xarope espesso. Passou-se um século antes que o líquido caísse no copo. Quando isso aconteceu ouviram-se palmas.

- Deve demorar cerca de cento e vinte segundos a chegar lá - disse Mackay, por cima de todo o clamor.

- Então é melhor que calcules de novo - retorquiu Scott. - Isso é o mesmo que dois minutos e ela já está no copo!

- O quê? - exclamou Mackay, compreendendo pela primeira vez que a experiência já terminara. Reviu rapidamente os seus cálculos e compreendeu de repente que se enganara numa virgula.

- Disparate! Eram doze segundos, evidentemente.

- E isto é o homem que nos trouxe a Marte! - disse alguém, num tom de estupefação. - Quando voltarmos para casa irei a pé!

No entanto ninguém pareceu interessado em repetir a experiência de Scott. O líquido continuou a correr, mas de borrachas, à maneira «normal», e o grupo tornou-se cada vez mais alegre. Gibson seguiu a boa disposição deles até que a atmosfera começou a tornar-se muito pesada para o seu gosto e teve de sair dali para clarear os seus pensamentos. Quase automaticamente, voltou para o seu lugar favorito, na galeria de observação.

Teve de agarrar-se, porque a pequena mas insistente atração de Deimos o obrigava a deslocar-se. Marte, mais que meio «cheio» e iluminando-se lentamente, estava exatamente por baixo dele.

- Mr. Gibson!

Olhou ao redor, surpreendido.

- Então Jimmy... também já estavas farto?

Jimmy parecia cheio de calor – muito corado – e era evidente que procurava um pouco de ar fresco. Cambaleou um pouco e durante um momento fitou Marte como se nunca o houvesse visto. Por fim abanou a cabeça, num gesto de reprovação.

- Que grande que ele é! - disse ele, a ninguém em particular.

- Não tão grande como a Terra - protestou Gibson. - De que tamanho queria que ele fosse?

Era evidente que isso nem sequer ocorrera a Jimmy e o rapaz manteve-se a meditar no fato durante algum tempo. - Não sei - disse ele por fim, com tristeza, - Mas mesmo assim é demasiado grande, É tudo demasiado grande.

Assim nunca chegariam a parte alguma. Gibson resolveu mudar de assunto.

- Que vai fazer quando descermos em Marte? Terá um par de meses para se divertir, antes da *Ares* voltar para casa.

- Bem, suponho que passarei em volta de Port Lowell e darei uma olhadela nos desertos. Gostaria de os explorar um bocado, se pudesse.

Gibson pensou que a ideia era interessante, mas que para se explorar Marte em qualquer escala útil era necessário muito equipamento e bons guias. Era muito improvável que Jimmy pudesse ligar-se a qualquer das expedições científicas que saíam dos abrigos de tempos em tempos.

- Tive uma ideia - disse ele. - Eles devem mostrar-me tudo quanto eu quiser. Talvez eu consiga organizar algum passeio até Hellas ou Hesperia, onde ninguém ainda esteve. Quer vir comigo? Talvez encontremos alguns marcianos...

Era a gracinha que se tornara habitual desde que as primeiras naves tinham regressado de Marte - sem marcianos. Muitas pessoas continuavam aguardando, contra toda as expectativas, que houvesse vida inteligente em qualquer parte inexplorada do planeta.

- Sim, seria uma grande ideia disse Jimmy. Ninguém poderá me impedir. Ficarei livre logo que chegue a Marte. É o que diz o meu contrato.

Gibson acordou no dia seguinte com um ruído infernal nos ouvidos, Parecia que a *Ares* ia se partir em pedaços e ele vestiu-se apressadamente e dirigiu-se para o corredor. A, primeira pessoa que encontrou foi Mackay, que não se deteve para lhe explicar o que acontecera, mas gritou:

- Os foguetes já estão chegando! O primeiro desce dentro de duas horas. Corre que deves ir nele!

Gibson coçou a cabeça, um pouco alheio a tudo.

- Deviam ter-me avisado - resmungou ele. Mas depois lembrou-se de que lho haviam dito. O único culpado era ele. Voltou a correr para o camarote e começou a meter as suas coisas nas malas. De tempos a tempos sentia-se um estremecimento na *Ares* e ele se perguntava o que estava a acontecendo.

Norden, com a aparência de quem estava muito atarefado encontrou-se com ele na comporta de ar. O Dr. Soott, também pronto para a partida, acompanhava-o. Levava consigo, com extremo cuidado, um volumoso recipiente metálico.

Espero que os dois possam fazer uma bela viagem - disse Norden. - Voltaremos a ver-nos dentro de dois dias, quando eu tiver desembarcado toda essa carga. Portanto até então... oh, quase me esquecia! Preciso que assines isto!

- O quê? - perguntou Gibson suspeito. - Nunca assino nada que os meus agentes não tenham inspecionado.

- Lê e vê - disse Norden com um sorriso. - É um documento que se pode classificar como histórico.

No pergaminho que Norden lhe estendera estavam escritas as seguintes palavras:

CERTIFICAMOS QUE MARTIN M. GIBSON, ESCRITOR, FOI O PRIMEIRO PASSAGEIRO QUE VIAJOU NA NAVE DE CARREIRA ARES, DA TERRA, NA SUA PRIMEIRA VIAGEM DA TERRA PARA MARTE.

Seguiam-se a data e o espaço para as assinaturas de Gibson e do resto da tripulação. Gibson assinou o documento com um gesto florido.

- Suponho que isto acabará no museu da Astronáutica, quando eles se decidirem a construí-lo - disse o escritor.

- A *Ares* também, pelo que espero - disse Scott.

- Que linda coisa para dizer ao fim da sua primeira viagem - Protestou Norden - Mas creio que tens razão. Bem, assim deve ser. Os outros já estão lá fora com os seus escafandros. Até à vista... em Marte!

Pela segunda vez, Gibson entrou num escafandro. Já se sentia um veterano

naquelas coisas.

- Como deves saber, quando o serviço estiver devidamente organizado, os passageiros dirigir-se-ão para o transbordador através de um tubo de ligação. Isso evitará toda esta trapalhada..

- Perderão uma boa oportunidade de se divertirem - respondeu Gibson.

A porta exterior abriu-se e eles lançaram-se através da superfície de Deimos, impelidos pelos jatos. A *Ares*, apoiada num berço feito de cabos – por certo improvisado na última semana -, tinha a aparência de encontrar-se num sucateiro. Gibson compreendeu a origem das pancadas que o tinham despertado. A maior parte das placas do hemisfério sul tinham sido desmontadas para alcançar o porão e os membros da tripulação, vestidos com seus escafandros, estavam retirando a carga que depois empilhavam sobre as rochas em volta da nave. Parecia uma operação muito mal organizada. Fez votos para que a sua bagagem não recebesse acidentalmente um empurrão que a lançasse pelo espaço afora, transformada num terceiro e ainda menor satélite de Marte.

A cinquenta metros da *Ares*, e tornados em verdadeiros anões pelo tamanho da nave, estavam dois foguetes transbordadores que tinham vindo de Marte durante a noite. Um já estava carregando mercadorias. O outro, muito menor, era sem dúvida destinado a transportar, unicamente, passageiros.

Scott ligou o emissor do seu escafandro e despediu-se dos seus camaradas.

- Que descaramento! - respondeu a voz de Bradley. - Ir-se embora e deixar-nos todo o trabalho!

- Têm uma compensação - observou Gibson, com uma gargalhada. - Vocês devem ser os estivadores mais bem pagos do Sistema Solar! - Bradley tinha razão; não era para fazer aquele gênero de trabalho que os técnicos da *Ares*, altamente especializados como eram, tinham sido contratados.

Foi uma tremenda sensação, para os dois homens, verem o rosto de outra pessoa, ao chegarem ao transbordador. O piloto veio ao encontro deles, na comporta de ar, para ajudá-los a se libertarem dos escafandros, que depois abandonaram em Deimos, abrindo simplesmente a porta exterior e deixando o ar impelí-los para o exterior. Depois o piloto levou-os para a pequena cabine e deixou-os repousar nos assentos acolchoados

- Como não souberam o que fosse peso durante um par de meses, vou levá-los para baixo tão suavemente quanto possa - disse ele. - Não usarei mais que a gravidade normal da Terra... mas mesmo isso parecer-lhes-á uma tonelada. Estão prontos ?

- SIM – disse Gibson tentando esquecer a sua última experiência de tal natureza.

Só um segundo !Impulso os libertou da pequena lua e os colocou numa órbita livre em torno de Marte, Durante alguns minutos o piloto observou os instrumentos, recebendo pela rádio as verificações vindas do planeta, em baixo. Depois pôs o motor a funcionar de novo e os foguetes trovejaram durante mais alguns segundos. A nave libertou-se da órbita de Deimos e começou a descer para Marte. A operação inteira era uma réplica, em miniatura, de uma verdadeira viagem interplanetária. Apenas demorariam três horas e não meses, a chegar ao seu destino, e tinham milhares e não milhões de quilômetros a percorrer.

- Bem - disse o piloto, bloqueando os comandos e rodando sobre o assento. - Que tal a viagem?

- Muito agradável- respondeu Gibson. - Mas nada de excitante, evidentemente. Tudo decorreu muito bem.

- Como vão as coisas em Marte? - perguntou Scott.

- Oh, como de costume. Muito trabalho e pouco tempo para nos divertirmos. A grande novidade, neste momento é a grande redoma que estamos construindo em Lowell. Trezentos metros de altura - até parece que voltamos à Terra. Gostaria de saber se poderemos colocar lá dentro nuvens e chuva.

- Que foi que aconteceu em Phobos? - perguntou Gibson, ansioso por notícias, - causou-nos muitos problemas.

- Não creio que seja qualquer coisa importante. Ninguém parece saber exatamente do que se trata, mas lá há muitas pessoas construindo um laboratório. Suponho que Phobos vai ser uma estação de investigação pura e não querem que as grandes naves de transporte perturbem os instrumentos deles.

Gibson ficou desapontado ao ver desabar algumas das suas mais interessantes teorias. Se ele não estivesse tão interessado no planeta que se aproximava, talvez tivesse apreciado de uma maneira mais crítica a explicação, mas naquele momento sentiu-se satisfeito e não pensou mais no assunto.

Marte estava a menos de mil quilômetros e Gibson voltou toda a sua atenção à passagem, que se expandia em baixo. Passaram rapidamente sobre o equador, desceram até às camadas exteriores da espessa mas muito tênue atmosfera do planeta e por fim Marte deixou de ser um globo flutuando no espaço. Surgiram os desertos e os oásis; o Syrtis Major passou debaixo deles antes que Gibson tivesse tempo para reconhecê-lo. Estavam a cinquenta quilômetros de altitude quando tiveram o primeiro indicio de que o ar estava se tornando mais denso. Um silvo distante, que não parecia vir de parte alguma, começou a encher a cabine. A aceleração negativa aumentava à medida que a velocidade do trasbordador diminuía. O assobio tomou-se pouco a pouco mais forte, até que a conversação normal teria sido impossível.

Tudo isso pareceu demorar muito tempo, apesar de na verdade só ter demorado uns minutos. Por fim o uivo do vento desapareceu completamente. O transbordador perdera o seu excesso de velocidade graças à fricção atmosférica. O material refratário do seu nariz e das asas começaram a arrefecer, perdendo a sua luminosidade rubra. Já não era uma nave, mas um simples planador de alta velocidade, que voava a menos de mil quilômetros por hora em direção a Port Lovell.

Gibson avistou primeiro o povoado como uma pequena mancha branca no horizonte, contra o fundo negro do Aurorae Sinus. Quando o transbordador se inclinou, numa viragem, o escritor viu por momentos meia dúzia de redomas muito grandes, juntas entre si. Depois o chão veio ao encontro do aparelho, houve uma série de saltos suaves e a máquina rolou suavemente até parar.

Estava em Marte. Chegara àquilo que, para os homens da antiguidade, fôra uma luz vermelha que se movia através dos céus; que para os homens de havia apenas um século, fôra um mundo misterioso e absolutamente inatingível- e que agora era a fronteira da Humanidade

- Que grande comissão de recepção! - observou o piloto - Toda a frota de transporte veio nos ver. Não sabia que tínhamos tantos veículos no serviço.

Duas pequenas máquinas atarracadas com pneumáticos de enorme secção corriam ao encontro deles. Ambas tinham uma cabine pressurizada, suficientemente grande para conter dois homens, mas uma dúzia de passageiros conseguira agarrar-se aos pequenos veículos. Atrás deles vinham dois grandes caminhões de rodas e rastro continuo, também cheios de espectadores. Gibson não esperava tanta gente e começou a compor um pequeno discurso.

- Creio que ainda não sabem usar isto - disse o piloto, apresentando-lhes duas

máscaras de oxigênio. No entanto, precisam apenas de usarem-nas um momento, enquanto se dirigem às Pulgas. (As quê? - pensou Gibson. Sim, aqueles pequenos veículos deviam ser as famosas «Pulgas da Areia» - o transporte universal do planeta.) - Vou regulá-las. A princípio é um pouco estranho.

O ar silvou ao escapar-se da cabine. Gibson sentiu na pele umas picadas desagradáveis: a atmosfera que o envolvia era agora menos densa que a do cimo do Everest. Tinham sido necessários três meses de aclimação na *Ares* e todos os recursos da moderna ciência médica para que ele pudesse pôr os pés na superfície de Marte sem outra protecção além de uma simples máscara de oxigênio.

Era lisonjeiro que tanta gente tivesse vindo ao seu encontro. Evidentemente, não era muitas vezes que aparecia em Marte um visitante tão distinto, mas ele sabia que a pequena colônia não tinha tempo para muitas cerimônias.

O Dr. Scott surgiu ao lado dele ainda carregado, com a caixa de metal de que ele cuidara tanto durante toda viagem. Quando ele apareceu os colonos correram na sua direção, ignorando por completo a Gibson. O escritor ouviu as suas vozes, tão deformadas pelo ar rarefeito que mal as compreendia.

- Que felicidade ver-te outra vez, doutor! Deixa-nos levar isso!

- Temos tudo pronto! Há dez homens no hospital, à espera: Daqui a uma semana já saberemos o resultado desta coisa!

- Venham! Entrem nos carros e depois falaremos! Antes que Gibson compreendesse o que acontecera, Scott e aquilo que ele transportava já tinham desaparecido. Ouviu-se o silvo agudo de um poderoso motor e o carro arrancou em direção a Port Lowell, deixando o escritor mais decepcionado do que nunca em toda a sua vida.

Esquecera por completo o soro. Para Marte, a sua chegada tivera uma importância infinitamente superior à visita de um escritor, por muito distinto que ele fosse no seu planeta. Era uma lição que ele não esqueceria tão depressa.

Felizmente, não o tinham deixado só. As Pulgas da Areia ainda estavam lá. Um dos passageiros desembarcou e correu para ele.

- Mr. Gibson? Sou Westerman do «Times» - do «*Martian Times*»... Muito prazer em conhecê-lo. Apresento-lhe...

- Henderson, encarregado do astroporto - disse um homem alto, com um rosto como que cortado à faca, obviamente aborrecido por o outro ter falado primeiro. - Tratarei da sua bagagem. Salte para bordo.

Era evidente que Westerman teria preferido que Gibson fosse seu passageiro, mas aceitou a sua sorte com toda a elegância passível. Gibson subiu para a Pulga de Henderson através da bexiga de plástico que formava a comporta de ar do veículo e o outro juntou-se a ele um momento depois. Sentiu-se aliviado por poder deixar de lado a máscara. Sentia-se também muito pesado e lento - exatamente o contrário da sensação que se poderia esperar depois da chegada a Marte. Mas durante três anos ele não soubera o que era o peso, e precisaria de algum tempo para habituar-se até a um terço do peso que teria na Terra.

O veículo começou a correr através da faixa de pouso, em direção às redomas de Port Lowell, um par de quilômetros adiante. Pela primeira vez, Gibson notou que por toda a parte à sua volta se via o brihante verde mosqueado das plantas tenazes que eram a mais comum forma de vida em Marte. Por cima o céu já não era negro, mas sim de um azul-escuro e glorioso. O Sol não estava muito longe do zênite e os seus raios penetravam com um calor surpreendente na redoma de plástico da cabine,

Gibson olhou para o céu, tentando localizar a pequena lua em que os seus

companheiros continuavam a trabalhar. Henderson, ao aperceber-se do seu olhar, tirou uma mão do volante e apontou para perto do Sol.

- Ali está - disse ele.

O escritor protegeu os olhos e fitou o céu. Então viu, suspensa, como um distante arco elétrico contra o azul, uma estrela brilhante um pouco a oeste do Sol. Era muito pequena, mesmo em relação a Deimos, mas passou-se um momento antes que Gibson compreendesse o que o seu companheiro pensava que ele buscava.

Aquela luz firme, que não cintilava e ardia tão inesperadamente no céu, em pleno dia, era e continuaria a ser durante muitos dias a estrela da manhã, de Marte. Mas conheciam-na melhor pelo nome de Terra.

-----CAPÍTULO VIII-----

Perdoe-me por tê-lo feito esperar - disse o «Mayor» Whittaker. - Mas sabe como isto é - o Chefe esteve em conferência uma hora inteira e só agora eu tive oportunidade de dizer-lhe que você estava aqui. Vamos por este lado - seguiremos o caminho mais curto, através dos registros.

Na Terra, seria um gabinete vulgar. A porta dizia apenas: Diretor-Geral. Não havia nome algum: não era necessário. todo mundo no Sistema Solar sabia quem mandava em Marte - até era difícil falar no planeta sem pensar ao mesmo tempo em Warren Hadfield.

Gibson ficou surpreso quando ele ergueu-se da secretária, porque viu que o Diretor-Geral era muito mais baixo do que ele imaginara. Mas o corpo esguio e nervoso e a cabeça semelhante à de um pássaro correspondiam àquilo que ele esperava.

- Espero que Whittaker tenha lhe tratado bem - disse o Diretor depois de terem sido trocados os cumprimentos iniciais. - Espero que me desculpe por não tê-lo recebido antes - voltei agora mesmo de uma inspecção. Dá-se bem aqui?

- Muito bem. Receio ter partido algumas coisas por causa do hábito de deixá-las no ar, mas já estou habituado-me de novo à presença da gravidade,

- E que pensa da nossa pequena cidade ?

- É formidável! Não sei como conseguiram fazer tanto em tão pouco tempo.

Hadfield semicerrou os olhos.

- Fale francamente. É menor do que esperava, não é assim?

Gibson hesitou.

- Bem, suponho que sim... principalmente em comparação com Londres e Nova Iorque. No fim de tudo, duas mil pessoas já fazem uma grande povoação lá na Terra. Como uma grande parte de Port Lowell está debaixo do solo...

O Diretor-Geral não parecia aborrecido nem surpreendido.

- Todo mundo sente um desapontamento quando vê a maior cidade de Marte. Mesmo assim, será muito maior na próxima semana, quando a nova redoma ficar montada. Diga-me... que planeja fazer? Suponho que sabe que eu não concordei muito com esta visita...

- Compreendi isso na Terra - disse Gibson, um pouco surpreendido. Ainda não compreendera bem que a franqueza era uma das maiores virtudes do Diretor-Geral. - Suponho que receia que eu me meta no seu caminho.

- Sim. Mas agora que está aqui, procederei da melhor maneira. Espero que faça o mesmo em relação a nós.

- De que maneira? - perguntou Gibson, tornando-se sério.

Hardfield inclinou-se sobre a mesa.

- Estamos em guerra, Mr. Gibson. Em guerra com Marte e todas as forças que o planeta pode lançar contra nós - frio, falta de água, falta de ar. E também estamos em guerra com a Terra. Uma guerra de papéis, mas com as suas vitórias e derrotas. Estou lutando e a minha linha de reabastecimento tem pelo menos cinquenta milhões de quilômetros de comprimento. As coisas mais necessárias demoram pelo menos cinco meses para chegar até nós - e só consigo obtê-las se a Terra concluir que não posso resolver o caso de outra maneira.

«Suponho que compreende qual é o meu objetivo? - auto-suficiência! Lembre-se de que as primeiras expedições tinham de trazer tudo consigo. Bem, agora já podemos satisfazer as necessidades essenciais da vida, através dos nossos próprios recursos. As nossas oficinas podem construir tudo quanto não seja demasiado complicado - mas é tudo uma questão de mão-de-obra. Há coisas muito especializadas que têm de ser feitas na Terra - e enquanto a nossa população não for pelo menos dez vezes maior do que é, não poderemos fazer muito quanto a isso. Toda mundo em Marte é perito em qualquer coisa - mas há mais especialidades na Terra do que pessoas aqui.

«Vê estes gráficos? Comecei a traçá-los há cinco anos. Mostram o nosso índice de produção de vários materiais. Atingimos o nível da auto-suficiência - essa linha vermelha - em relação à metade deles. Espero que daqui a cinco anos haja poucas coisas que tenhamos de importar da Terra. Neste momento, aquilo de que mais necessitamos é mão-de-obra, e é nesse ponto que nos pode ser útil.

Gibson sentiu-se pouco à vontade.

- Não posso fazer promessas. Por favor recorde-se de que estou apenas fazendo uma reportagem. Concordo consigo, mas tenho de descrever os fatos tal como eles são.

- Aprecio isso. Mas os fatos não são tudo. O que espero que explique à Terra são as coisas que queremos fazer - tal como as coisas que fizemos. Creio que ainda são mais importantes, mas não as conseguiremos realizar se a Terra não nos der o seu auxílio. Nem todos os seus antecessores compreenderam isso.

Era verdade, pensou Gibson.

- Creio que deve compreender que, na opinião da Terra, Marte está a uma distância muito grande, absorve muito dinheiro e não oferece nada em troca. O primeiro encanto da exploração planetária já se dissipou. Agora as pessoas perguntam: «Que ganharemos com isto?» A resposta tem sido: «Muito pouco. Estou convencido de que o seu trabalho é importante, mas no meu caso é mais uma matéria de fé que de lógica. O homem comum, na Terra, pensa provavelmente que os milhões que estão a despender aqui poderiam ser usados de melhor maneira no seu próprio planeta,

- Compreendo a sua dificuldade. É comum. E não é fácil responder-lhe. Deixe que eu ponha as coisas à minha maneira. Suponho que as pessoas mais inteligentes admitiriam o valor de uma base científica em Marte, dedicada à investigação pura ?

- Sem dúvida.

- Mais tarde ou mais cedo os homens habituar-se-ão a viver em Marte sem tudo isto - Hadfield apontou para a redoma que flutuava por cima da cidade e lhe dava vida.

- Acha que os homens poderão vir a adaptar-se à atmosfera lá de fora? - perguntou Gibson, desesperado, - Se o conseguissem deixariam de ser homens!

O Diretor-Geral manteve-se silencioso por um momento. Depois respondeu num tom calmo:

- Não falei na possibilidade de os homens se adaptarem a Marte. Pensou alguma vez na possibilidade de Marte vir ao nosso encontro?

Deixou a Gibson o tempo suficiente para absorver as palavras, e depois, antes que o visitante pudesse ordenar as perguntas que saltavam no seu cérebro, pôs-se de pé.

- Bem, espero que Whittaker trate de si e lhe mostre tudo quanto quiser. Compreende que a situação dos transportes é bastante apertada, mas mesmo assim levá-lo-emos a todos os postos avançados, se nos der tempo para tratar disso. Se houver alguma dificuldade, diga-me.

Era uma maneira cortês de fazê-lo retirar-se. O homem mais atarefado de Marte dera a Gibson uma generosa porção do seu tempo e as perguntas do escritor teriam de aguardar outra oportunidade.

- Que pensa do Chefe, agora que o viu? - perguntou o Major Whittaker quando Gibson voltou para a antecâmara.

- Foi muito agradável e prestimoso, Tem um grande entusiasmo por Marte, não tem?

Whittaker torceu os lábios,

- Não direi que seja assim. Acho que ele considera Marte um inimigo que tem de ser batido. Acontece o mesmo com todos nós, mas ele tem mais razões para isso. Sabe o que aconteceu à sua mulher, não é verdade?

- Não.

- Foi uma das primeiras pessoas a morrer da febre marciama, dois anos depois de ter chegado aqui.

- Oh! - exclamou Gibson. - Compreendo. Suponho que seja uma das razões por que fizeram um esforço tão grande para encontrar a cura.

- Sim. O Chefe preocupou-se muito com isso. Além do que prejudica muito os nossos recursos, Não podemos dar-nos ao luxo de adoecermos aqui!

A última frase foi dita quando ele atravessava a Broadway - a Rua Larga -, assim chamada porque tinha quinze metros de largura - expunha precisamente a situação da colônia, Gibson ainda sentia o choque que recebera ao ver quanto Port Lowell era pequeno e como lhe faltavam os luxos a que ele se habituara na Terra. Com as suas filas de casas metálicas, iguais umas às outras, e os poucos edifícios públicos, aquilo era mais um acampamento militar que uma cidade, ainda que os habitantes tivessem feito o possível para alegrar o ambiente com flores terrestres. Algumas tinham atingido um tamanho impressionante, por causa da menor gravidade, e Oxford Circus estava engalanada com girassóis que tinham três vezes altura de um homem.

Gibson continuou o seu caminho até alcançar Marble Arch - o ponto de junção entre as redomas um e dois.

Era aqui que se encontrava colocado estrategicamente o único bar de Marte o «George's».

- Bom dia, Mr. Gibson - disse George, - Espero que o Chefe estivesse bem disposto.

Como deixara o edifício da administração apenas dez minutos antes, Gibson notou que as notícias ali andavam muito depressa. Rapidamente veria que era de fato assim, e que a maior parte delas parecia passar por George.

George era uma figura curiosa. Como os taberneiros eram olhados como relativamente, mas não essencialmente, necessários ao bem estar da povoação, ele

tinha duas profissões oficiais, Estava encarregado do pequeno teatro e sentia-se muito contente com a sua vida. Tinha uns quarenta e cinco anos e era um dos homens mais velhos de Marte.

- Na próxima semana teremos em cena uma revista - disse ele, ao mesmo tempo que servia Gibson. - Espero que possa vê-la.

- Sem dúvida - respondeu Gibson. - farei o possível. Quantas vezes acontecessem essas coisas?

- Cerca de uma vez por mês. E também cinema três vezes por semana, de modo que isto não é muito mau. - Ainda bem que Port Lowel tem alguma vida noturna.

O bar estava deserto, uma vez que àquela hora, em Port Lowel, todo mundo trabalhava duramente. Gibson começou a tomar notas. Era um hábito aborrecido, ainda que inconsciente. George respondeu-lhe ligando o rádio do bar.

Era um programa vindo da Terra e retransmitido do lado noturno de Marte. Gibson perguntou a si próprio se valeria a pena despender tanto esforço e energia para enviar a voz de um soprano algo medíocre e de uma orquestra ligeira de um mundo para outro. Mas metade de Marte devia estar escutando aquilo com vários graus de sentimentalidade e saudade - ainda que por certo negassem uma coisa e outra.

De repente sentiu um desejo quase irreprimível de deixar aquelas ruas estreitas e sair para o céu aberto. Pela primeira vez teve saudades da Terra, o planeta que pensara ter tão pouco mais para lhe oferecer. Sentia-se atraído pelos campos verdes que estavam à sua volta, tão perto e tão afastados dele pelas leis da Natureza.

- George - disse Gibson de repente -, estou aqui já há algum tempo e ainda não fui lá fora. Não devo fazer isto sem que ninguém me acompanhe. Você não deve ter fregueses senão daqui a uma hora, pouco mais ou menos. Não será capaz de passar a comporta comigo - apenas por dez minutos ?

Gibson pensou que George ficaria surpreso com o seu pedido. Pelo contrário: aquilo acontecera já tantas vezes que o taberneiro já considerava como inevitável. Encolheu os ombros, desapareceu no fundo da loja e voltou algum tempo depois trazendo consigo um par de máscaras e o seu equipamento auxiliar.

- Não precisamos da aparelhagem toda num dia como este - disse ele, enquanto Gibson ajustava desajeitadamente a máscara. - Tome cuidado! Aperte bem a borracha esponjosa, Muito bem... vamos. Mas só dez minutos!

Gibson seguiu-o, contente, como um cão-pastor atrás do dono, A comporta tinha quatro portas separadas, nenhuma das quais podia abrir-se a menos que as outras três estivessem fechadas. Pareceu-lhe demorar um tempo infinito até que a última das portas se fechasse e a planície verde se abrisse perante ele. Sentia picadas na pele, mas o ar rarefeito era razoavelmente tépido e não tardou a sentir um certo conforto. Esquecendo por completo o seu companheiro, abriu caminho através da vegetação rasteira e cerrada, perguntando a si mesmo a razão por que ela se concentrava em volta da redoma. Talvez fosse atraída pelo calor ou pela lenta fuga de oxigênio,

Debruçou-se e examinou as plantas. Vira muitas vezes as suas fotografias. Nada tinham de excitantes e ele não era um botânico que pudesse apreciar as suas peculiaridades. Na verdade, se as houvesse encontrado na Terra, nem sequer teria olhado para elas. Nenhuma era mais alta que a sua cintura e as que o rodeavam pareciam feitas de folhas de pergaminho verde, muito fino mas forte, concebidas para absorver tanta luz quanta fosse possível sem perder a preciosa água. Essas folhas irregulares estavam abertas como velas ao Sol, e seguiam o seu curso através do céu.

George aproximou-se dele e ficou olhar as plantas com uma expressão de preguiçosa indiferença. Gibson perguntou a si próprio se o homem não estava

aborrecido por ter sido tão abruptamente arrastado para fora da redoma, mas George pensava apenas na sua próxima produção teatral. Subitamente saiu dos seus sonhos e disse ao escritor numa voz fina mas perfeitamente audível àquela distância:

- É muito curioso. Fique parado por um momento e veja a planta que estiver na sua sombra.

Gibson obedeceu. Durante um instante nada aconteceu. Depois viu as folhas de pergaminho dobrando-se umas sobre as outras, muito lentamente. Três minutos depois a planta tornara-se numa pequena bola de papel verde.

George riu-se por entre os dentes.

- Acha que está anoitecendo e não quer ser apanhada desprevenida, Quando você se afastar, ela pensará durante mais de meia hora antes de se arriscar a abrir de novo as folhas. Provavelmente teria um colapso nervoso se lhe fizesse isso durante o dia inteiro.

- Estas plantas têm qualquer uso? - perguntou Gibson. - Quer dizer: podem ser comidas ou contêm quaisquer substâncias químicas valiosas?

- Não podem ser comidas. Não são venenosas, mas não tornam muito felizes aqueles que as ingerem. Entenda: não são bem como as plantas da Terra... O verde é apenas uma coincidência. Não é... como se chama ?

- Clorofila?

- Isso. Nem sequer dependem do ar, como as nossas. Extraem tudo do solo. Bem, é tempo de nos retirarmos.

Gibson seguiu-o. Já não sentia aquela opressão claustrofóbica que, como bem compreendia, devia ser em parte resultante da decepção que sentira ao encontrar-se em Marte. Tinham-no deixado à vontade, para colher as impressões que quisesse, e a principal que tivera fôra um sensação de impotência perante os problemas que o Homem ainda tinha de enfrentar no planeta. Três quartas partes da superfície marciana ainda estavam por explorar!

Os primeiros dias em Port Lowell foram, no entanto, agradáveis e bem ocupados. O «Mayor» Whittaker conseguira arranjar tempo para lhe mostrar a cidade, logo que ele se viu instalado num dos quatro aposentos do Grande Hotel Marciano. (Os outros três ainda não estavam acabados). Tinham começado pela Redoma Um - a primeira que fôra construída - e o «Mayor» tinha-lhe descrito, com orgulho, o desenvolvimento da sua cidade desde o tempo - dez anos antes - em que ela era formada apenas por um grupo de tendas pneumáticas.

A maior parte das casas era de construção metálica, com dois andares de altura, esquinas arredondadas e janelas bastante pequenas. Eram habitadas por duas famílias e não pareciam muito grandes, tanto mais que a taxa dos nascimentos, em Port Lowell, era a mais alta do universo conhecido. De resto, isso era pouco surpreendente, uma vez que a quase totalidade da população tinha idades entre os vinte e os trinta, com alguns dos principais administradores a subir pelos quarenta. Todas as casas tinham um pórtico curioso, que Gibson compreendeu depois, ter sido concebido para atuar como uma comporta de ar, numa emergência.

Whittaker levava-o primeiro ao centro administrativo, o mais alto edifício da cidade. Do seu terraço quase se podia tocar o alto da redoma. Por dentro não havia nada de excitante. Era como qualquer escritório na Terra, com as suas filas de secretárias, máquinas de escrever e arquivos,

O "Ar Principal" era muito mais interessante. Era esse o verdadeiro coração de Port Lowell; se deixasse de funcionar a povoação não tardaria a morrer, Gibson não sabia muito bem como era obtido o oxigênio. A princípio pensara que ele era extraído da própria atmosfera marciana, mas depois lembrou-se de que a quantidade dele ali

existente era de menos de um por cento.

O «Mayor» Wittaker apontou-lhe o grande monte de areia vermelha que tinha sido retirada do lado exterior da redoma. Toda mundo lhe chamava areia, mas tinha poucas semelhanças com a areia da Terra. Era uma mistura, complexa de óxidos metálicos - os destroços de um mundo que enferrujara até morrer.

- Extraímos destes minérios todo o oxigênio de que precisamos - disse Whittaker.
- E também todos os metais imagináveis. Tivemos um ou dois golpes de sorte em Marte. E este foi o maior.

Entraram no edifício baixo, brihantemente iluminado, para o qual uma corrente contínua de areia era levada numa esteira sem-fim. Não havia muita coisa para ver e, ainda que o engenheiro-chefe se mostrasse ansioso em explicar tudo quanto acontecia, Gibson sentiu-se satisfeito por saber que os minérios eram fundidos em fornos elétricos, o oxigênio extraído, purificado e comprimido, e os vários resíduos metálicos enviados para instalações onde seriam submetidos a operações mais complicadas. Muita água era produzida ali - quase suficiente para as necessidades da colônia, apesar de haver outras fontes disponíveis.

- Mantemos uma pressão de 150 milímetros dentro da redoma, no verão, e um pouco mais no inverno. Isso nos dá quase a mesma pressão de oxigênio que na atmosfera da Terra.. E a absorção do CO_2 , é feita, muito simplesmente, pelas plantas. Importamos uma quantidade suficiente para esse efeito, uma vez que as plantas marcianas não se servem da foto-síntese.

- Então essa é a razão de ser daqueles girassóis em Oxford Circus.

- Bem, os girassóis são mais ornamentais do que funcionais. Temo que acabem por ser uma preocupação: não tardará que as suas sementes estejam espalhadas por toda a cidade, Agora vamos à fazenda.

O nome era um pouco enganador. Tratava-se da grande instalação produtora de alimentos que enchia a Redoma Três. O ar era muito úmido e a luz do Sol era auxiliada por baterias de lâmpadas fluorescentes, de modo que o crescimento podia ser feito de noite e dia. Gibson sabia pouco sobre as culturas hidropônicas e por isso não se impressionava muito com os números que o «Mayor» Whittaker lhe soprava orgulhosamente ao ouvido. Pôde, no entanto, compreender que um dos maiores problemas era a produção de carne, e admirou a engenhosidade com que ele fôra em parte resolvido, a partir da cultura de tecidos em grandes tanques cheios de líquidos alimentícios.

- É melhor que nada - disse o «Mayor». - Mas o que eu não faria por uma boa costeleta de carneiro.

No fim do passeio, Gibson já sentia um começo de indigestão mental. Os problemas da vida citadina eram tão complicados, e o «Mayor» Whittaker tentara mostrar-lhe tanta coisa que ele sentiu-se feliz quando tudo acabou e dirigiram-se à casa de Whittaker para jantarem.

- Creio que é bastante para um dia - disse ele -, mas eu queria mostrar-lhe tudo porque amanhã terei muito que fazer. Como sabe, o Chefe vai sair e só voltará depois de amanhã, de modo que terei de tratar de tudo.

- Aonde foi ele? - perguntou Gibson, esquecendo a cortesia.

- Oh, lá em cima, foi a Phobos. Quando ele voltar terá muito prazer em vê-lo de novo.

A conversa foi interrompida pela chegada de Mrs. Whittaker e da família, e durante o resto da noite Gibson teve de falar da Terra. Era estranho falar dela a crianças que nunca a haviam conhecido e que tinham passado as suas curtas vidas sob as

grandes redomas. Que representaria a Terra para eles? Seria para eles mais real que os países dos contos de fadas?

Gibson perguntou a si próprio quais seriam as suas reações quando um dia fossem à Terra, habituadas como estavam a um ambiente completamente artificial. Seria uma experiência interessante, mas por enquanto nenhuma das crianças nascidas em Marte atingira a idade suficiente para deixar os pais.

As luzes da cidade estavam apagando-se quando o escritor saiu de casa do «Mayor». Na manhã seguinte ele poria em ordem as suas impressões, mas naquele momento a maior cidade de Marte parecia-lhe apenas uma aldeia excessivamente mecanizada.

Gibson ainda não dominava os problemas do calendário marciano, mas sabia que os dias da semana tinham o mesmo nome que os da Terra e os meses também, ainda que a sua duração fosse de cinquenta a sessenta dias. Quando saiu do hotel, em uma hora que supunha ser razoável, a cidade pareceu-lhe deserta. Todo mundo já estava trabalhando.

Encontrou o «Mayor» Whittaker assediado pelas secretárias e falando por dois telefones ao mesmo tempo. Não teve coragem de interrompê-lo e afastou-se nas pontas dos pés. Resolveu passear sozinho. Não havia perigo de se perder. A maior distância que poderia percorrer em linha reta era de cerca de quinhentos metros...

Passou os seus primeiros dias em Port Lowlell andando às ao redor e fazendo perguntas, à noite, fazia companhia às famílias de Whittaker e dos outros membros dos quadros superiores. Não tardou a se sentir como se vivesse ali há vários anos.

Mas sabia que era ainda um estranho: na verdade, vira menos da milésima milionésima parte da superfície de Marte. Para além do abrigo da redoma, para além das colinas vermelhas, do limite da planície esmeralda, todo o resto daquele mundo era um mistério.

-----CAPÍTULO IX-----

Bem, que prazer ver-te de novo! - disse Gibson, transportando as bebidas com todo o cuidado abrevés do bar. - Suponho que vão pintar Port Lowell de vermelho. A primeira coisa que vão fazer será falar com as vossas noivas neste porto, não é verdade?

- Não é muito fácil - disse Norden. - Têm o hábito de se casarem entre as viagens. A propósito, que aconteceu a Miss Margaret Mackinnon, George?

- Fala de Mrs, Henry Lewis? É mãe de um menino muito bonito!

- Deram-lhe o nome de John ? - perguntou Bradley.

- Espero que tenham guardado um pouco do bolo de noiva para mim. à tua saúde, Martin.

- E à *Ares* - disse Gibson. - Espero que a tenham montado de novo. Ela parecia em mísero estado a última vez em que a vi.

Norden riu-se.

- Oh, não! Deixamos todas as chapas do lado de fora até a carregarmos de novo. A chuva não deve lhe fazer mal! - Que pensas de Marte, Jimmy? - perguntou Gibson.

- Ainda não vi muita coisa - respondeu o rapaz, cautelosamente. - Parece-me tudo muito pequeno.

- Foi o mesmo que eu senti após o primeiro par de dias. Só há uma cura - ir lá para fora e esticar as pernas. Dei umas voltas por lá, mas agora já consegui arranjar uma Pulga da Areia, cedida pelos Transportes. Amanhã vou passear pelas colinas. Queres vir?

Os olhos de Jimmy relampejaram. - Muito obrigado. Gostaria muito...

- E nós? - protestou Norden.

- Já sabem como é isso - respondeu Gibson. - Mas como há um lugar vago, podem sorteá-lo. Levaremos um condutor oficial; não nos deixarão sair sozinhos com um dos seus preciosos veículos e suponho que não se queixarão disso.

Quem ganhou foi Mackay, Os outros explicaram imediatamente que, na verdade, não queriam ir a parte alguma.

Os exploradores prepararam-se rapidamente, e apresentaram-se com o equipamento protetor que tinham recebido na chegada: capacete, reservatórios de oxigênio e purificador de ar. O condutor era um jovem geólogo que afirmava ter passado tanto tempo fora de Port Lowell como lá dentro. Parecia extremamente competente e desembaraçado.

- Estas máquinas avariavam-se muitas vezes? - perguntou Gibson quando entraram na Pulga.

- Não muitas vezes. Têm um magnífico coeficiente de segurança e há muito

poucas coisas que possam correr mal, Evidentemente, por vezes um condutor descuidado fica atolado, mas, de uma maneira geral, pode safar-se de tudo com o guincho. Só houve dois casos de pessoas que tiveram de voltar a pé para casa, no mês passado.

- Não quero ser o terceiro - disse Mackay.

- Não se preocupe muito - respondeu o condutor, enquanto esperava que se abrisse a comporta. - Não iremos muito longe da cidade.

Saíram da cidade e entraram por uma estrada estreita, aberta na vegetação.

- Bem - disse o condutor, quando chegaram à primeira encruzilhada, - Para onde querem que eu vá?

Gibson debatia-se com um mapa três vezes maior do que era conveniente para o tamanho da cabine. O piloto sorriu com ironia.

- Não sei onde arranjou isso. Está completamente desatualizado. Se me disser para onde quer ir, eu os levarei e não se fala mais nisso.

- Muito bem. Então vamos subir as colinas e olhar em volta. Depois iremos ao Observatório.

A Pulga saltou pela estreita estrada e a verdura que o envolvia tornou-se numa coisa confusa, indistinta.

- Qual é a velocidade que esta coisa pode atingir? perguntou Gibson.

- Oh, pelo menos cem, numa boa estrada. Mas agora vou a sessenta. Se o caminho fosse acidentado, teríamos de andar a metade da velocidade.

- E o raio de alcance?

- Uns bons mil quilômetros numa única carga, com uma margem generosa para o aquecimento, cozinha e tudo o mais. Para as viagens realmente longas levamos um reboque com células de reserva. O máximo está em torno de cinco mil quilômetros. Já isso atingi três vezes, explorando o Argyre. Quando fazemos isso somos reabastecidos pelo ar.

Embora só estivessem em marcha há pouco mais de dois minutos, Portt Lowell já estava desaparecendo atrás do horizonte. A pronunciada, curvatura de Marte tornava muito difícil a avaliação de distâncias e o fato das redomas já estarem meio escondidas dava a ideia de que eram muito maiores do que na verdade eram.

Não tardou que reaparecessem quando a Pulga começou a subir as colinas, que tinham menos de mil metros de altura, mas formavam uma excelente defesa contra os ventos frios do sul e o local ideal para a instalação da estação de rádio e do observatório.

Chegaram à estação de rádio meia hora depois de terem deixado a cidade. Ajustaram as suas máscaras e saíram da Pulga para desentorpecerem as pernas.

Gibson considerou que o panorama não era muito impressionante. Ao norte, as cúpulas de Port Lowell flutuavam como bolhas num mar esmeralda. A oeste podia apenas vislumbrar o escarlante do deserto que rodeava todo o planeta. Como a crista da colina ainda estava acima dele, não podia ver nada para sul, mas sabia que a cintura de vegetação estendia-se por centenas de quilômetros até desaparecer no Mare Erythraeum. Quase não havia plantas no cume e na opinião dele isso devia ser consequência da falta de umidade.

A estação de rádio era automática, de modo que não havia ninguém a quem ele fizesse perguntas, mas sabia o suficiente do assunto para compreender como aquilo funcionava. A voz de Mackay, deformada e fraca no ar rarefeito, o fez voltar-se de repente.

- Alguém vai pousar... ali à direita.

Com alguma dificuldade, Gibson viu a pequena pluma de chamas do foguete correndo através do céu. Passou sobre a cidade e desapareceu por detrás das redomas em direcção à faixa de pouso. Gibson fez votos que o aparelho trouxesse consigo o resto da sua bagagem, que parecia estar demorando tempo demais.

O Observatório situava-se a cinco quilômetros mais ao sul, exatamente no alto das colinas, onde as luzes de Port Lowell não prejudicavam o seu trabalho. Gibson esperara ver as cúpulas brilhantes que na Terra eram o distintivo dos astrônomos, mas em vez disso, encontrou apenas a pequena bolha de plástico que cobria os alojamentos dos cientistas. Os instrumentos estavam ao ar livre., ainda que houvesse possibilidade de cobri-los no caso muito raro de surgir mau tempo.

Tudo parecia deserto quando a Pulga se aproximou.

Mas era evidente que havia alguém ali, porque encontraram um veículo idêntico ao deles, estacionado junto ao edifício.

- São muito sociáveis – disse o condutor - A vida aqui é muito aborrecida e eles gostam de visitas. Além disso, dentro da cúpula teremos espaço suficiente para esticar as pernas e comer com conforto.

- Por certo que não lhes iremos impor que nos dêem de jantar - protestou Gibson.

O condutor riu-se.

- Isto não é a Terra. Em Marte temos todos de nos ajudar uns aos outros - ou não iremos a parte alguma, Mas trouxe as provisões comigo: quero apenas usar o fogão deles. Se soubessem o que é tentar cozinhar a bordo de uma Pulga da Areia, com quatro pessoas a bordo, já saberiam porque.

Tal como ele previra, os dois astrônomos de serviço acolheram-nos calorosamente e não tardou que a aparelhagem de condicionamento de ar tivesse de cuidar dos odores da cozinha.

Gibson jantou – melhor do que alguma vez lhe acontecera em Marte -, satisfeito por ter trazido alguma alegria à vida daqueles homens. Como nunca conhecera suficientemente os astrônomos para desfazer uma ilusão, sentia um respeito desproporcionado por eles, considerando-os como exemplos de dedicação monástica, no seus mosteiros em remotas montanhas. Nem mesmo o seu primeiro encontro com o excelente bar do Monte Palomar lhe destruíra essa fé tão simples.

Depois do jantar, todo mundo larvou a louça com tanta consciência que a operação demorou o dobro do tempo normal. Em seguida os visitantes foram convidados a observar os céus através do grande telescópio refletor. Como estava no fim da tarde, Gibson achou que não haveria muito o que ver. Enganou-se.

Durante um momento a imagem pareceu desfocada e teve dificuldade em ajustá-la, por causa das luvas e da máscara. Suspenso no céu, já quase negro, junto do horizonte, estava um belo crescente cor de pérola. Viam-se nele algumas marcas, mas por mais que Gibson se esforçasse não conseguiu identificá-las. A maior parte do planeta estava nas trevas e era impossível ver os continentes.

Não muito longe estava um crescente idêntico, mas menor e indistinto. No entanto, Gibson pôde identificá-lo pelas crateras que se viam ao longo da periferia. Era um belo par - os planetas gêmeos, Terra e Lua -, mas pareciam demasiado longínquos e etéreos para que ele sentisse alguma saudade deles e do que deixara neles.

Um dos astrônomos disse a Gibson:

- Quando cai a noite podemos ver as luzes das cidades - principalmente Nova Iorque e Londres, O mais belo, entretanto, são os reflexos do sol no mar. Então parece uma estrela resplandecente.

Quando já nada mais havia para ver, despediram-se dos dois astrônomos que lhes acenaram com alguma tristeza, enquanto o condutor seguia pela crista da colina. Segundo ele dissera, queria fazer um desvio para recolher alguns espécimes de rochas, e como para Gibson todas as partes de Marte eram iguais, isso pouco lhe importou.

Não havia estrada alguma sobre as colinas, mas séculos e séculos atrás todas as irregularidades tinham desaparecido, de modo que o chão era, perfeitamente plano. Aqui e ali alguns penedos sobressaíam da superfície, num fantástico tumulto de cor e formas, mas esses obstáculos podiam ser facilmente evitados. Uma vez ou duas passaram por pequenas árvores - se tal nome podia se dar. Pareciam pedaços de coral, completamente hirtos e petrificados, Segundo o condutor, eram imensamente antigas, e ainda que estivessem vivas, ninguém conseguira ainda medir a sua velocidade de crescimento. O menor valor que podia ser calculado era de cinquenta mil anos e o seu método de reprodução era um mistério completo.

Perto do meio da tarde, chegaram a uma colina baixa, mas belamente colorida - a «Crista do Arco-íris», como disse o geólogo, Gibson, encantado, gastou um rolo de filme, fotografando-a.

- Bem - disse o Condutor -, acho que chegou o momento de voltarmos, se quisermos chegar à hora do chá. Podemos voltar por onde viemos ou contornar as colinas. Que preferem ?

- Porque é que não vamos pela planície ? Seria o caminho mais direto - disse Mackay, que se sentia um pouco aborrecido.

- É o mais direto e o mais lento. Não se pode andar depressa através dessas couves gigantes...

- Não gosto nunca de voltar por onde vim - começou Gibson. - O melhor será contornarmos as colinas e ver o que há por lá.

O condutor sorriu.

- Não alimente falsas esperanças. É mais ou menos a mesma coisa de ambos os lados. Vamos!

A Pulga deu um salto em frente e a «Crista do Arco-Iris» não tardou a desaparecer atrás deles. A paisagem era agora completamente deserta, e até as árvores petrificadas tinham deixado de se ver. Por vezes Gibson descobria uma mancha verde que ele julgava ser vegetação, mas, quando se aproximavam, verificavam invariavelmente que se tratava de um afloramento de minério. A região era fantásticamente bela, um paraíso para os geólogos, e Gibson fez votos para que nunca fosse destruída por operações mineiras. Seria certamente uma das maiores atrações de Marte.

Viajavam há meia hora quando a encosta da colina desceu em direção a um longo e tortuoso vale que era, sem dúvida alguma, o leito de um antigo curso de água. Talvez cinquenta milhões de anos antes, segundo dissera o condutor, um grande rio passara por ali para levar as suas águas até o Mare Erythraeum - um dos pocos «mares» marcianos que merecia esse nome, ainda que com muito atraso. Pararam a Pulga e olharam para o leito seco do rio. Gibson tentou imaginar aquela cena como teria sido nos dias remotos em que os grandes répteis reinavam sobre a Terra e o Homem era ainda um sonho no futuro distante. As colinas vermelhas mal teriam mudado durante todo esse tempo, mas entre elas o rio correria lentamente para o mar, devido à baixa gravidade. Era uma cena que quase poderia ter pertencido à Terra, e teria sido testemunhada por olhos inteligentes? Ninguém sabia. Talvez houvessem Marcianos nesses tempos, mas o tempo sepultara-os completamente.

O velho rio deixara uma herança, pois ainda havia umidade ao longo das partes mais profundas do vale. Uma cinta estreita de vegetação saía do Erythraeum, o seu verde forte contrastando vivamente com o escarlate das colinas. As plantas eram aquelas que Gibson já encontrara do outro lado das colinas, mas aqui e ali eram estranhas. Eram suficientemente altas para que lhes chamassem árvores, mas não tinham folhas - somente ramos finos como chicotes que tremiam constantemente apesar da calma do ar. Gibson pensou que eram umas das coisas mais sinistras que jamais vira - uma planta terrível, capaz de lançar subitamente seus tentáculos sobre um transeunte inocente. Na verdade, e como ele bem sabia, eram inofensivas, como tudo o mais em Marte.

Tinham ziguezagueado pelo vale abaixo e estavam subindo a encosta fronteira quando o condutor, de súbito, fez parar a Pulga,

- Olá! -dise ele. - Isto é estranho. Não sabia que havia tanto trânsito por estes lados!

Durante um momento, Gibson, que na verdade não era o observador que gostaria de ser, não compreendeu nada. Depois deu-se conta de um rastro meio apagado que corria através do vale, fazendo um ângulo reto com o caminho que seguiam.

- Deve haver por aqui alguns veículos pesados - disse o condutor. - Estou convencido de que este rastro não existia na última vez que passei por aqui - vejamos... há um ano. E não houve quaisquer expedições ao Erythraeum desde então.

- Aonde é que isto levará? - perguntou Gibson.

- Bem, se subirmos o vale e passarmos a colina, voltaremos para Port Lowell, e é o que eu penso fazer. A outra direcção nos levará ao Mare.

- Temos tempo - porque é que não o seguimos um pouco?

Cheio de má vontade, o condutor fez rodar a Pulga e dirigiu-se para o vale. De tempos a tempos o rastro desaparecia, quando passavam sobre a rocha nua e lisa, mas voltavam sempre a surgir. Por fim, apesar disso, perderam-no completamente.

O condutor parou a Pulga.

- Sei o que aconteceu - disse ele. - Só há um caminho por onde poderia ter seguido. Notaram a passagem a cerca de um quilômetro atrás? Dez contra um em como ele vai até lá!

- E aonde é que isso leva ?

- Isso é o mais curioso: é um perfeito beco sem saída.

Ali há um pequeno e lindo anfiteatro com cerca de dois quilômetros de largura, mas não se pode sair de lá senão pelo caminho por onde se veio. Passei lá um par de horas quando fiz o primeiro levantamento desta região. É um lugar muito bonito, bem abrigado e com alguma água na primavera.

- Um esconderijo excelente para os contrabandistas - disse Gibson, rindo.

O condutor sorriu.

- É uma boa ideia. Talvez haja alguém contrabandeando bifos da Terra. Se me derem um por semana, eu ficarei calado.

A estreita passagem teria por certo sido aberta por um afluente do rio e era muito mais acidentada que o vale principal. Ainda não tinham avançado muito quando se tornou bem evidente que estavam no caminho correto.

- Houve explosões por aqui - disse o condutor. Esta parte da estrada não existia quando vim aqui. Tive de fazer um desvio e quase fui obrigado a abandonar a Pulga.

- Que acha que significa isto? - perguntou Gibson, muito excitado.

- Oh, há tantos projetos de investigação, e tão especializados, que ninguém sabe nada sobre eles. Nem tudo pode ser feito próximo da cidade. Talvez estejam

construindo aqui um observatório magnético - tem-se falado muito nisso. Os geradores de Port Lowell ficariam bem escondidos pelas colinas. Mas não creio que seja essa a explicação porque ouvi... Meu Deus!

Tinham saído subitamente da passagem e perante eles estava um oval verde, quase perfeito, flanqueado pelas colinas baixas, cor de ocre. Tempos atrás aquilo deveria ter sido um belo lago da montanha; ainda era um alívio pra os olhos fatigados da rocha morta e multicolorida. Mas naquele momento Gibson notou o magnífico tapete de vegetação; ficou estupefato perante o grupo de cúpulas que, como uma miniatura de Port Lowell, se encontrava no extremo da pequena planície.

Correram em silêncio pela estrada que fôra aberta através da vegetação. Ninguém se movia fora das redomas, mas um grande veículo transportador, várias vezes maior que a Pulga da Areia, mostrava que alguém estava ali.

- Que grande instalação - disse o condutor, ao mesmo tempo em que ajustava a sua máscara. - Deve haver uma boa razão para gastarem tanto dinheiro aqui. Esperem um pouco enquanto eu vou falar com eles.

Viram-no desaparecer na comporta de ar da redoma maior. Aos impacientes passageiros pareceu que ele se demorava demais. Depois viram a porta exterior abrir-se e o condutor encaminhou-se lentamente para eles,

- Bem - perguntou Gibson, ansiosamente, quando o homem voltou à cabine -, que disseram eles?

Houve uma pequena pausa; depois o condutor pôs o motor em funcionamento e a Pulga da Areia começou a afastar-se.

- Então onde está essa famosa hospitalidade marciana? Não nos convidaram a entrar? - gritou Mackay.

O condutor parecia atrapalhado. Gibson pensou que ele tinha a aparência de um homem que acabava de fazer uma bela figura de idiota.

- É uma estação de investigação de plantas - disse ele, escolhendo as palavras com cuidado evidente - Funciona há pouco tempo e por isso eu nunca tinha ouvido falar nela. Não se pode ir lá dentro porque a instalação é esterilizada e não querem que surjam esporos no seu interior - temos todos de mudar as roupas e tomar um banho desinfetante.

- Compreendo - disse Gibson. - Havia qualquer coisa que lhe dizia para não fazer mais perguntas. Sabia, para além de todas as possibilidades de erro, que o seu guia lhe contara apenas parte da verdade - e a menos importante. Pela primeira vez, as pequenas divergências e dúvidas que ignorara ou esquecera começaram a cristalizar-se no seu cérebro. Tinham começado antes de chegar a Marte, com a mudança de rumo da *Ares* para Deimos. E agora surgira aquela estação oculta. Fôra uma surpresa tão grande para o seu guia como para todos eles, mas o condutor procurava anular os efeitos da sua indiscrição accidental.

Havia qualquer coisa em tudo aquilo, Gibson não fazia ideia do que era. Devia ser muito grande, porque não dizia respeito somente a Marte, mas também a Phobos. Era qualquer coisa desconhecida da maior parte dos colonos, ainda que eles colaborassem nela quando a descobriam.

Marte estava escondendo qualquer coisa. E só podia estar escondendo da Terra.

-----CAPÍTULO X-----

O Grande Hotel Marciano tinha agora nada menos que dois hóspedes, o que exigia um severo reforço do seu pessoal temporário. O resto dos tripulantes da nave tinham arranjado alojamentos particulares, mas como Jimmy não conhecia ninguém em Port Lowell, aceitara a hospitalidade oficial. Gibson se perguntava se aquilo seria um sucesso: não queria forçar demasiado a sua amizade um tanto ou quanto provisória e se Jimmy o visse demasiadas vezes o resultado poderia ser um desastre.

A vida dele em Port Lowell tornara-se uma rotina mais ou menos permanente. De manhã passava para o papel as suas impressões de Marte – uma coisa presunçosa, levando-se em conta o pouco que vira do planeta. A tarde era reservada a visitas de inspeção e conversas com os habitantes da cidade. Por vezes Jimmy acompanhava-o nesses passeios, e uma vez todos os tripulantes da *Ares* foram ao hospital, ver como o Dr. Scott e os seus camaradas progrediam na sua luta contra a febre marciana. Era ainda demasiado cedo para tirar conclusões, mas Scott mostrava-se otimista.

Jimmy tinha duas razões para acompanhar Gibson nas suas voltas pela cidade. Em primeiro lugar, o escritor podia ir a quase todos os locais que desejasse, incluindo aqueles que em condições normais o rapaz nunca teria conseguido visitar. A segunda razão era absolutamente pessoal e explicava o seu interesse cada vez maior pelo curioso carácter de Martin Gibson.

Sabia que Gibson estava ansioso pela amizade dele e compreendia que o escritor podia ser extremamente útil para a sua carreira. No entanto, seria injusto dizer que Jimmy tinha essas considerações materiais em primeiro plano no seu espírito.

A vida de Jimmy iria, no entanto, ser transformada por um novo e inesperado elemento. Uma tarde, dirigiu-se ao pequeno café em frente ao edifício da Administração. Escolheu mal a hora, porque quando estava bebendo um pouco de chá que nunca chegara a uns bons milhões de quilômetros de Ceilão, a casa foi subitamente invadida. Era o período de vinte minutos, durante a tarde, em que todo o trabalho parava obrigatoriamente em Marte. Uma regra que o Diretor-Geral inventara e impunha em favor da eficiência, ainda que todo mundo preferisse ir para casa mais cedo esses mesmos vinte minutos. Jimmy viu-se subitamente rodeado por um exército de moças que o olharam com uma candura alarmante e uma completa falta de artificialidade. Meia dúzia de homens já tinha sido arrastada por aquela inundação, mas para se protegerem haviam-se reunido em torno de uma mesa e, a avaliar pelas suas expressões, continuavam a luta mentalmente com as pastas que tinham deixado sobre as secretárias. Jimmy resolveu beber o chá tão depressa quanto possível e sair.

Uma mulher de aspecto duro, de trinta e muitos anos - provavelmente chefe de secretaria - estava sentada em frente dele, falando com uma moça muito mais

jovem, Era difícil abrir caminho. Quando Jimmy tentou passar, tropeçou num pé estendido. Agarrou-se à mesa quando caiu e conseguiu evitar um desastre completo, mas à custa de abrir com o cotovelo uma grande fenda no tampo de vidro. Esquecendo que não estava a bordo da *Ares*, aliviou seus sentimentos com algumas palavras bem bem escolhidas. Depois, rubro de vergonha, fugiu em direção à rua e à liberdade. Viu de relance a mulher mais idosa esforçando-se para não rir, mas a mais nova nem tentou dominar-se.

E depois, ainda que isso parecesse inconcebível, esqueceu-se de ambas.

Foi Gibson que, muito acidentalmente, forneceu o segundo estímulo. Estavam comentando sobre o rápido crescimento da cidade e o escritor notara o fato de haver uma distribuição anormal de idades entre a população, causada pelo fato de ninguém com menos de vinte e um anos ser autorizado a emigrar para Marte, pelo que havia uma ausência completa de jovens entre os dez e os vinte e um anos - uma ausência que, de resto, não demoraria a deixar de verificar-se, dada a alta taxa de nascimentos da colônia. Jimmy observou, subitamente:

- É curioso. Ontem vi uma moça que não deve ter mais do que dezoito anos.

Calou-se. Como uma bomba de ação retardada, a memória do rosto da jovem, aberto numa gargalhada, quando ele tropeçara, explodiu no seu espírito. Nem sequer ouviu Gibson dizer-lhe que deveria ter se enganado. Sabia apenas que, quem quer que ela fosse e de onde tivesse vindo, não tardaria a vê-la de novo.

Num lugar como Port Lowell, ninguém demorava muito tempo a encontrar outra pessoa. No entanto, Jimmy não se sentiu disposto a deixar isso entregue às leis do acaso. No dia seguinte, exatamente antes do período da folga da tarde, estava na mesma mesa bebendo chá.

Esperou ali até que o café voltasse a esvaziar-se e não viu a moça e a sua companheira. Deviam ter ido para qualquer outro local.

Pensou em observar o edifício da Administração, na hora da entrada e saída do pessoal, apesar de ser um grande problema fazê-lo disfarçadamente. Antes de ter feito qualquer tentativa para resolver, o destino surgiu-lhe na pessoa de Martin Gibson, um pouco sem fôlego.

- Tenho andado à tua procura, Jimmy. É melhor que te vistas o mais depressa possível. Sabes que hoje temos teatro? Espero encontrar uma roupa adequada.

Conseguiram-no, mas com muita dificuldade. O traje de cerimônia em Marte era constituído apenas por uma camisa de seda branca com duas filas de botões de pérola, e uma gravata preta, com laço, e calças pretas com um cinto largo de alumínio e elástico. Era mais elegante do que seria de se esperar, mas Gibson achou que parecia um pouco agarotado. Norden e Hilton tinham uma bela aparência, vestidos assim. Mackcay e Scott não tinham tanta sorte e era evidente que Bradley nem sequer pensava em tal.

A residência do Chefe era a maior de Marte, ainda que na Terra tivesse sido muito modesta. Juntaram-se na sala de estar e conversaram um pouco, antes do jantar. O «Mayor» Whittaker também fôra convidado, na sua qualidade de imediato de Hadfield, e Gibson teve ocasião de compreender pela primeira vez o respeito e a admiração que os colonos tinham pelos homens que os ligavam à Terra. Hadfield deteve-se bastante tempo falando da *Ares* de uma maneira um tanto lírica, pensando nos efeitos que a sua velocidade e capacidade de carga teriam sobre a economia de Marte.

- Antes de irmos para a sala de jantar – disse o Chefe -, gostaria que conhecessem a minha filha. Tem estado preparando tudo. Um momento...

Voltou daí a pouco e disse numa voz que pretendia não ser orgulhosa, mas falhava

completamente:

- Aqui têm Irene, - Apresentou-a aos convidados, um a um, e finalmente a Jimmy. Irene olhou para ele e sorriu.
- Creio que já nos encontramos - disse ela.
- Jimmy corou ainda mais, mas não se perturbou e respondeu com outro sorriso.
- Não se enganou – respondeu ele.

Era de fato um disparate que ele não tivesse previsto tudo. Em Marte, o único homem que podia quebrar as regras era aquele que as estabelecia. Jimmy lembrou-se de ter ouvido que o Chefe tinha uma filha, mas nunca tivera ocasião de ligar os dois fatos. Agora tudo estava certo: Quando Hadfield e a mulher tinham vindo para Marte, haviam trazido consigo a sua única filha, como parte do contrato, Mais ninguém o pudera fazer.

O jantar foi excelente, mas Jimmy não soube saboreá-lo. E como estava sentado perto do extremo da mesa, só podia ver Irene esticando o pescoço de uma maneira pouco cavalheiresca. Sentiu-se satisfeito quando a refeição chegou ao fim e foram tomar café.

Os outros dois familiares do Diretor-Geral esperavam pelos convidados: Um par de gatos siameses já ocupava os seus lugares, olhando os visitantes com olhos infinitamente profundos. Eram Topásio e Turquesa e Gibson, que adorava gatos, começou imediatamente a tentar captar a amizade deles.

- Gosta de gatos? - perguntou Irene a Jimmy.
- Muito! - respondeu o rapaz, apesar de odiá-los – Há quanto tempo estão aqui?
- Há cerca de um ano. São os únicos animais existentes em Marte! Saberão eles disso?
- Não sei. Mas Marte sabe... Não estarão sendo mimados em demais?
- São demasiado independentes. Não creio que dêem atenção a quem quer que seja - nem mesmo ao Pai, apesar dele afirmar o contrário.

Com grande sutileza, Jimmy conseguiu arrastar a conversa para assuntos mais pessoais. Descobriu que ela trabalhava na seção de contabilidade. E que a posição do pai, longe de a ajudar, talvez a prejudicasse.

Era muito difícil conseguir que Irene falasse muito sobre Marte. Tinha uma ansiedade extrema de ouvir falar da Terra, o planeta que ela deixara quando era criança e que tinha para ela características irreais. Jimmy falou das grandes cidades, das montanhas e dos mares, do céu azul e das nuvens, dos rios e do arco-íris – de tudo quanto Marte perdera. Enquanto falava, foi ficando mais e cada vez mais enfeitado pelos olhos sorridentes de Irene. Até que sentiu que se estabelecera um grande silêncio. todo mundo olhava para eles.

- Bom! - disse o Diretor-Geral. - Se os dois já acabaram, será melhor que saiamos. O espetáculo começa dentro de dez minutos.

Quando chegaram ao pequeno teatro encontraram quase todo mundo lá. Gibson, Hadfield e Irene foram instalados ao centro, ladeados por Norden e Hilton. Jimmy não teve outra alternativa senão a de olhar para o palco.

Como todas as récitas de amadores, tinha alguns momentos bons. Havia um mezzo-soprano que igualava o melhor nível profissional da Terra. Gibson não ficou surpreso quando, após o nome dela, no programa, encontrou a indicação de que pertencera à Opera Real, do Convent Garden.

Depois de um intermédio dramático e de um ventríloquo fantástico - que na verdade usava um receptor de rádio dentro do boneco-ajudante e um comparsa fora do palco, o escritor assistiu a um quadro sobre a vida na cidade, tão cheio de alusões

locais que ele mal pôde compreendê-lo. No entanto, as dificuldades da principal personagem – obviamente baseada no «Mayor» Whittaker – originavam tempestades de riso. E as gargalhadas aumentaram quando ele começou a ser perseguido por outra personagem fantástica que fazia continuamente perguntas ridículas, anotando sempre as respostas num pequeno livro, que perdia constantemente, e fotografando tudo quanto via.

Passaram-se alguns minutos antes que Gibson compreendesse o que estava acontecendo. Ficou rubro por um momento. Depois fez a única coisa que lhe era possível: riu ainda mais que os outros.

Por fim, depois de terem entoado algumas canções em coro – numa expressão de quanto aqueles homens e aquelas mulheres estavam unidos numa mesma tarefa, em direção a um objetivo comum, na consciência de que o seu trabalho era vital para a comunidade, saíram do teatro, aos dois e aos três, rindo, falando e cantando, e dissolveram-se na noite. Gibson e os seus amigos dirigiram-se para o hotel, depois de se despedirem do Chefe e do «Mayor» Whittaker. Os dois homens que dirigiam Marte viram-nos desaparecer nas ruas estreitas. Depois Hadfield virou-se para a filha e disse:

- Vai para casa, querida. Mr Whittaker e eu vamos passear um pouco. Daqui a meia hora estarei lá.

Esperaram até que a pequena praça ficasse deserta. O «Mayor» Whittaker, que sabia o que o esperava, parecia muito inquieto.

- Lembra-me de dar os parabéns a George amanhã – disse Hadfield.

- Sim. Gostei da alusão sobre a nossa dor de cabeça: Gibson. Queres proceder à autópsia da última habilidade dele?

O Chefe mostrou-se um pouco hesitante.

- Agora é tarde e não há prova de ter havido um prejuízo verdadeiro. Pergunto apenas qual será a maneira de evitar acidentes futuros.

- Não se pode dizer que o motorista tenha sido o culpado. Não conhecia o Projeto e foi por sorte que deparou com ele.

- Achas que Gibson suspeita de qualquer coisa?

- Não sei. Mas ele é muito esperto.

- Que belo momento para mandarem um jornalista para cá! Só Deus sabe o que eu invento para mantê-lo afastado de tudo.

- Se ficar aqui muito mais tempo acabará descobrindo qualquer coisa. Creio que só há uma solução.

- Qual?

- Contar-lhe o que se passa. Não tudo, mas o suficiente.

Caminharam alguns metros em silêncio. Depois Hadfield falou:

- Isto é muito drástico. Estás partindo do princípio de que ele é inteiramente digno de confiança.

- Tenho-o acompanhado muito estas semanas. Fundamentalmente está do nosso lado. Entenda, estamos fazendo aquilo que tem sido o motivo do seus escritos, durante toda a vida. Seria fatal se o deixássemos voltar à Terra, suspeitando qualquer coisa, mas sem saber de nada.

Seguiu-e outro longo silêncio. Chegaram à periferia da redoma e olharam para a paisagem marciana, mal iluminada pela cidade.

- Tenho de pensar no assunto – disse Hadfield voltando para trás. - De resto, depende muito da rapidez com que as coisas avançarem.

- Quaisquer indícios?

- Não. O diabo que os levem. Nunca se pode acreditar numa data indicada por cientistas.

Um par de jovens, de braço dado, passou por eles, sem os ver. Whittaker riu-se por entre os dentes.

- Isto lembrou-me uma coisa. Irene parece ter-se agradado do rapaz. Como é que ele se chama ? Spencer.

- Oh! Não sei. É sempre uma festa ver uma cara nova, E as viagens no espaço são muito mais românticas do que o trabalho que temos aqui.

- Todas as moças bonitas gostam dos marinheiros. Não é? Bem. Não digas que não te avisei.

Não tardou a tornar-se evidente a Gibson que acontecera qualquer coisa com Jimmy e o que fôra que acontecera. Aprovou a escolha do rapaz: Irene parecia uma bela moça pelo pouco que vira dela. Não era muito complicada, o que de modo algum constituía uma desvantagem. Muito mais importante era o fato dela ter uma disposição alegre e feliz, ainda que uma vez ou duas o escritor a tivesse surpreendido numa atitude pensativa que era muito atraente. Era também extremamente bonita; Gibson tinha idade suficiente para compreender que isso não era muito importante, mas Jimmy podia ter uma opinião diferente.

A princípio decidiu-se a não dizer nada sobre o assunto. Mas quando o rapaz falou na possibilidade de trabalhar uma temporada em Port Lowell, não pôde dominar-se, apesar de ser uma prática usual, por parte dos tripulantes das naves. Mackay, por exemplo, estava dando aulas noturnas de matemática, e o pobre Dr. Scott nem sequer tivera tempo para respirar, antes de ir trabalhar no hospital.

Mas Jimmy, ao que parecia, pensava numa coisa diferente. Havia falta de pessoal na seção de contabilidade e, no entender dele, os seus conhecimentos de matemática poderiam ser úteis ali. Gibson ouviu-o com autêntica delícia.

- Meu bom Jimmy - disse ele -, porque é que me contas tudo isso ? Não há nada que te impeça de fazeres o que quizeres.

- Bem sei, mas talvez seja mais fácil se me fizer o favor de falar a respeito do assunto com o «Mayor» Whittaker.

- Falarei ao Chefe se quizeres.

- Oh, não. Não é... - Jimmy calou-se e tentou corrigir o seu descuido. - Não vale a pena aborrecê-lo com tais pormenores.

- Olha, Jimmy - disse Gibson num tom muito firme. - Porque é que não confessas tudo? A idéia é tua ou de Irene?

Valera a pena viajar até Marte para ver a expressão do rapaz. Parecia um peixe que estivesse respirando ar há algum tempo e só então descobrisse isso.

- Oh! - disse ele por fim. - Não sabia que tinha compreendido. Não diga nada a ninguém, certo?

Gibson ia dizer que era desnecessário, mas viu qualquer coisa nos olhos do rapaz que o levou a abandonar todos os propósitos de fazer humor. Tudo havia voltado ao princípio - sabia bem o que Jimmy sentia. Talvez o rapaz viesse mais tarde a descobrir de novo o amor, mas a memória de Irene daria cor e forma a toda a sua vida - tal como a própria Irene seria a memória de um ideal que ele trouxera consigo àquele universo.

- Farei o que puder - disse o escritor, e disse-o com todo o seu coração. Ainda que a história pudesse repetir-se, nunca o fazia com tanta exatidão, e uma geração podia sempre aprender alguma coisa com os erros da última. Algumas coisas estavam para além de todo o poder de previsão, mas ele faria tudo quanto pudesse para auxiliá-

los, e dessa vez o resultado seria diferente.

-----CAPÍTULO XI-----

A luz amarela estava acesa, Gibson bebeu um último gole de água e verificou se os papéis escritos por ele estavam em ordem. Sempre que falava no rádio, sentia um nó na garganta. O operador levantou um dedo; a luz amarela mudou para vermelho.

- Atenção, Terra. Martin Gibson fala-vos de Port Lowell, em Marte. É um grande dia para nós. Esta manhã a nova redoma foi cheia e a cidade quase dobrou de tamanho. Não sei se posso transmitir-lhes a impressão do triunfo que isto representa, a sensação de vitória que nos dá na batalha contra Marte. Mas tentarei fazê-lo.

«Sabem que é impossível respirar a atmosfera marciana. É demasiado rarefeita e quase não contém oxigênio. Port Lowell, a nossa maior cidade, encontra-se sob quatro redomas de plástico transparente sustentadas pela pressão do ar no seu interior - ar que podemos respirar confortavelmente, ainda que seja muito menos denso que o vosso.

«Durante o ano passado foi construída uma nova redoma, duas vezes maior que qualquer das outras, Vou descrevê-la como era ontem, quando entrei nela antes de começarem a enchê-la.

«Imaginem um grande espaço circular com quinhentos metros de diâmetro, rodeado por uma parede de tijolos de vidro com o dobro da altura de um homem. Nessa parede abrem-se os túneis de ligação às outras cúpulas e as saídas diretas para a magnífica paisagem verde que nos cerca. Os túneis são simples tubos de metal com grandes portas que se fechariam automaticamente se o ar escapasse de qualquer das cúpulas.

«Quando entrei ontem na Redoma Sete, todo esse grande espaço circular estava coberto com uma película fina e transparente, unida à parede circundante, e caída no chão em grandes dobras sob as quais tínhamos de abrir caminho. Era como se estivéssemos dentro de um balão antes dele ser cheio. A cúpula é feita de um plástico muito forte, de uma transparência quase perfeita, e muito flexível.

«Evidentemente, tive de usar a minha máscara, porque, ainda que a redoma já tivesse sido tornada estanque, não havia praticamente ar algum dentro dela. Estava sendo bombeado tão rapidamente quanto possível e eu podia ver as grandes folhas de plástico moverendo-se preguiçosamente, à medida que a pressão subia.

«Isso continuou por toda a noite. Quando nessa manhã voltei à redoma, a primeira coisa que vi foi que a cúpula formara uma grande bolha ao centro, muito embora continuasse plana na periferia. Essa enorme bolha, com cem metros de diâmetro, movia-se em redor como se estivesse viva – e não parava.

«Cerca do meio da manhã, crescera de tal modo que já podíamos ver a redoma inteira tomando forma; a cúpula abandonara inteiramente o chão. Parou-se a

bombagem durante algum tempo para verificar as fugas e depois voltou-se a trabalhar por volta do meio-dia. O Sol então também já estava nos ajudando, aquecendo o ar e expandindo-o.

«Há três horas terminou a primeira fase do enchimento. Tiramos as máscaras e rompemos em aclamações. O ar ainda não estava suficientemente denso para ser confortável, mas podíamos respirá-lo e os engenheiros podiam trabalhar sem se preocuparem com as máscaras. Passarão os dias seguintes verificando os esforços a que a cúpula está sendo submetida e procurando fugas. Encontrarão por certo algumas, mas desde que as perdas de ar não excedam um certo valor não se importarão com isso.

«Portanto é como se tivéssemos aumentado um pouco mais a nossa fronteira em Marte. Não tardarão a surgir novos edifícios sob a Redoma Sete e estamos fazendo planos para um pequeno parque e até um lago – o único de Marte.

«De resto, isto é apenas o princípio, e um dia representará uma proeza sem importância, mas é um grande passo na nossa batalha – representa a conquista de outro pedaço de Marte. E representa também espaço para viverem mais mil pessoas. Ouviram isto, aí na Terra? Boa noite!»

A luz vermelha apagou-se. Durante um instante, Gibson olhou para o microfone, pensando no fato de que as suas palavras, apesar de se deslocarem à velocidade da luz, só naquele momento estarem chegando à Terra. Depois juntou os seus papéis e atravessou as portas acolchoadas em direção à sala de comando.

O operador estendeu-lhe um telefone.

- Uma chamada para si, Mr. Gibson. Houve alguém que não perdeu tempo!

- Sem dúvida - respondeu ele com um sorriso – Fala Gibson.

- Aqui Hadfield. Parabéns. Estive ouvindo. Também foi transmitido pela estação local, como deve saber.

- Estou satisfeito por ter gostado.

Hadfield riu-se por entre os dentes.

- Provavelmente compreendeu que li a maior parte das suas palestras anteriores. Foi muito interessante notar a mudança de atitude.

- Que mudança ?

- Antes você dizia «eles». Agora diz «nós». Talvez não tenha dito tudo, mas creio que fui bastante claro.

Não deu tempo a Gibson para lhe responder, pois que prosseguiu:

- Finalmente consegui arranjar-te passagem para Skia. Temas um jato de passageiros na quarta-feira, com espaço para três. Whittaker falará consigo. Adeus.

A primeira oportunidade de ver Marte em grande escala chegara. Dentro de dias voaria para Port Schiaparelli, a segunda cidade do planeta, a dez mil quilômetros a leste, no Trivium Charontis. A viagem fôra planejada uma quinzena antes, mas surgia sempre qualquer coisa que fazia adiá-la. Tinha de dizer a Jimmy e Hilton que se aprantassem – tinham sido aqueles que a sorte designara. Talvez Jimmy não tivesse agora tanta vontade de ir como mostrara ter da primeira vez. Sem dúvida que contava com ansiedade os dias que ainda lhe restavam em Marte, e odiaria tudo que pudesse afastá-lo de Irene. Mas se ele recusasse *aquela* oportunidade, Gibson não teria por ele qualquer espécie de simpatia.

- Um belo aparelho, não é? - disse o piloto, orgulhoso. - Só há seis como este em Marte. E difícil desenhar um jato que possa voar nesta atmosfera, mesmo com a baixa gravidade a ajudá-lo

Gibson não sabia o suficiente sobre aerodinâmica para apreciar os pormenores

mais importantes da aeronave, mas compreendia que a área das asas era anormalmente grande. O aparelho fôra construído para vôos rápidos e longos - e para pousar em qualquer superfície que fosse aproximadamente plana, segundo se deduzia do trem de aterrissagem, que parecia um trator.

Subiu depois de Jimmy e Hilton e acomodou-se o melhor que pôde no pequena espaço disponível. A maior parte da cabine era ocupada por grandes caixas - carga urgente para Skia, por certo.

Os motores aceleraram rapidamente. O avião rumou para oriente e a grande «ilha» do Aurorae Sinus afundou-se no horizonte do planeta. À parte alguns oásis, o deserto estava na frente deles, numa extensão de milhares de quilômetros.

O piloto passou as comandos a automáticos e veio até o meio do aparelho para falar com os passageiros.

- Estaremos em Charontis dentro de quatro horas, mais ou menos – disse ele. Receio que entretanto não tenham muito que ver, apesar de encontrarmos alguns efeitos coloridos curiosos quando chegarmos no Euphrates. Depois será um deserto muito uniforme até chegarmos ao Sirtis Major.

Gibson fez uns rápidos cálculos mentais.

- Vejamos: Estamos voando para leste e partimos bastante tarde. Quando chegarmos lá já estará escuro.

- Não se preocupe; captaremos o radiofarol de Charontis quando estivermos a duzentos quilômetros. Marte é tão pequeno que raras vezes podemos fazer uma viagem a longa distância sempre de dia.

- Há quanto tempo está em Marte? - perguntou Gibson, que até então estivera tirando fotografias através das janelas.

- Cinco anos.

- Sempre voando?

- A maior parte do tempo.

- Não gostaria antes de estar nas naves espaciais ?

- Não. Não é coisa que me excite... ficar flutuando à volta do nada, meses e meses a fio.

- O que é que o excita? - perguntou Gibson.

- Ora, aqui ainda temos paisagens para ver, não estamos longe de casa muito tempo e temos sempre a possibilidade de encontrarmos qualquer coisa nova. Fiz meia duzia de viagens aos polos, a maior parte no verão, mas tive ocasiões de atravessar o Mare Boreum no inverno passado. Cem graus abaixo de zero!

- Já vi pior - disse Hilton. - Em Titã temos cento e vinte e cinco graus à noite. - Foi a primeira vez que Gibson o ouviu referir-se à expedição a Saturno.

- A propósito, Fred – perguntou ele – é verdade o que dizem?

- O que é que dizem?

- Bem sabes. Que vais outra vez a Saturno.

Hilton encolheu os ombros.

- Ainda não foi decidido; há muitas dificuldades. Mas acho que iremos lá de novo. Seria uma pena perder a oportunidade. Entenda: se largarmos no próximo ano poderemos passar perto de Júpiter e vê-lo convenientemente pela primeira vez. Mac estudou uma órbita muito interessante. Passaremos entre a superfície de Júpiter e a órbita do mais próximo dos seus satélites e o seu campo gravitacional far-nos-á curvar a trajetória em direção a Saturno. Será necessária uma navegação muito precisa, mas nada tem de impossível.

- Então onde está a dificuldade?

- O dinheiro, como de costume. Marte não nem pode pensar em pagar a

expedição. Estamos vendo se a Terra se resolve a pagar a conta.

- Dêem-me os pormenores quando voltarmos para casa e não se esqueçam de que a imprensa é uma grande força. – disse Gibson

A conversa foi mudando de planeta para planeta, até que Gibson se lembrou de que estava perdendo uma oportunidade de ver Marte pela primeira vez. Passou para o lugar do piloto - depois de ter se comprometido a não tocar nos comandos. Cinco quilômetros abaixo, o deserto corria por baixo dele, para oeste. Gibson nunca tivera uma tão grande impressão de velocidade, porque os aparelhos em que voara na Terra sempre o faziam a altitudes nas quais o solo era invisível. A proximidade do horizonte tornava o efeito ainda mais sensível.

O Sol estava muito baixo a oeste e até as atarracadas colinas marcianas projetavam longas sombras sobre o deserto. Em baixo a temperatura já devia ter atingido o ponto de congelamento e continuava descendo depressa. Gibson bocejou e espreguiçou-se. A paisagem na sua corrida constante, tinha um efeito quase hipnótico. Resolveu dormir um pouco durante os noventa e tantos minutos que faltavam para o fim da viagem.

Qualquer mudança na luz despertou-o. Durante um momento perguntou-se se não estaria sonhando. Já não olhava para uma paisagem quase incaracterística que encontrava o azui-escuro do céu no horizonte. O deserto e o horizonte tinham desaparecido; no seu lugar havia uma cadeia de montanhas vermelhas que se estendia de norte a sul até onde a vista alcançava. Os últimos raios do sol-poente iluminavam as suas cristas e davam-lhes como herança a sua glória moribunda; o sopés estavam já perdidos na noite que avançava de oeste.

Durante alguns segundos o esplendor da cena afastou-o de toda a realidade e logo de todas as ameaças. Depois o escritor despertou do seu transe e compreendeu num terrível momento que estavam voando baixo demais para poderem escapar àqueles picos tão altos.

A sensação de pânico absoluto demorou apenas um momento - porque foi logo seguida por um terror ainda mais profundo. Gibson lembrara-se do que o primeiro choque fizera afastar do seu espírito – o simples fato em que ele deveria ter pensado desde o princípio:

Não havia montanhas em Marte.

Hadfield estava ditando um memorando urgente à Junta de Fomento Interplanetário quando recebeu a notícia. Port Schiaparelli esperara os quinze minutos regulamentares depois da hora designada para a descida do avião, e o Comando de Vôo de Port Lowell aguardara mais dez para transmitir o sinal de «Desaparecido». Um precioso avião da pequena frota marciana já estava pronto para uma busca assim que chegasse a alvorada. A alta velocidade e a altitude necessárias para o vôo tornariam uma busca muito difícil, mas quando Phobos nascesse os seus telescópios poderiam entrar em ação com muito maiores possibilidades de sucesso.

A notícia chegou à Terra uma hora depois, numa ocasião em que não havia muita coisa com que a Imprensa, a Rádio e a TV se preocupassem; Gibson poderia ter ficado satisfeito com a publicidade. Ruth Goldstein só soube do que se passava quando um editor lhe apareceu agitando o jornal da noite. Vendeu imediatamente os direitos da segunda edição da última série de Gibson por uma vez e meia o preço que a sua vítima pretendia pagar e retirou-se para o seu quarto, onde chorou copiosamente durante um minuto. O escritor teria também ficado muito satisfeito com esses fatos se tivesse tido conhecimento deles.

Em duas dúzias de redações começaram a compor a notícia necrológica, para não perderem tempo. E em Londres um editor começou a senti-se muito infeliz, porque tinha feito um bom adiantamento a Gibson.

O grito de Gibson ainda ecoava através da cabine quando o piloto alcançou os comandos. Depois foi atirado ao chão quando a máquina ergueu-se quase na vertical, numa tentativa desesperada de fuga para o norte. Quando Gibson pôde por-se de novo de pé, viu de relance uma encosa alaranjada, de contornos estranhamente confusos, avançando para eles a poucos quilômetros de distância. Mesmo naquele momento de pânico podia ver que havia qualquer coisa muito estranha, e de repente compreendeu tudo. Não era nenhuma cadeia de montanhas, mas sim alguma coisa não menos mortal. Iam chocar-se com uma muralha de areia que o vento fizera subir do deserto quase até à estratosfera.

O furacão apanhou-os um segundo depois. Qualquer coisa bateu no avião violentamente, de um lado e de outro, e através do isolamento da fuselagem ouviu-se um uivo colérico – o som mais terrível que Gibson escutara em toda a sua vida. A noite fechou-se sobre eles, instantaneamente.

Tudo se passou em cinco minutos, mas pareceu ter durado uma eternidade. Foi a velocidade que os salvou, porque o avião atravessou a tempestade como um projétil. Através da vigia traseira o escritor viu pela última vez a tempestade que se afastava para oeste, rasgando o deserto.

Foi só então, quando os seus ouvidos deixaram de ser ensurdecidos pelo furacão, que Gibson sentiu o segundo choque. Os motores tinham parado.

A pequena cabine encheu-se de tensão.

Depois o piloto disse por cima do ombro:

- Ponham as máscaras! A fuselagem poderá estourar quando pousarmos.

Uma colina passou por eles e desapareceu nas trevas.

O avião inclinou-se violentamente para evitar outra e depois deu um salto espasmódico quando tocou no chão e pulou de novo. Um momento mais tarde voltou a tocar e pular, e Gibson preparou-se para o choque inevitável.

Passou-se um século antes que ele se atrevesse a relaxar os nervos, sem poder acreditar ainda que tinham conseguido pousar sãos e salvos. Depois Hilton tirou a máscara e disse ao piloto:

- Fantástico, Comandante! Que distância teremos de percorrer a pé?

Durante um momento não houve resposta. Depois o piloto disse numa voz trêmula:

- Alguém pode dar-me fogo ? Não sou capaz de acender o cigarro.

- Que grande tempestade! - comentou Gibson. - Esta coisa acontece muitas vezes em Marte? E porque foi que não tivemos aviso algum?

O piloto, passado o choque inicial, estava pensando em qualquer coisa. Mesmo com um piloto automático, não deveria ter abandonado o seu posto durante tanto tempo...

- Nunca vi nenhuma como esta - disse ele. - Isto apesar de já ter feito umas cinquenta viagens entre Lowell e Skia. O problema é que não conhecemos nada sobre a meteorologia marciana, mesmo na atualidade. E há apenas meia dúzia de estações meteorológicas no planeta - o que não chega para nos dar uma ideia precisa do que acontece.

- E Phobos ? Não poderia ter nos avisado ?

O piloto agarrou no seu almanaque e folheou rapidamente as páginas.

- Phobos ainda não nasceu - disse ele, depois de um breve cálculo. - Creio que a

tempestade surgiu repentinamente do Hades - um nome apropriado, não é? - e provavelmente já se dissipou. Não creio que tenha chegado a Oharontis, de modo que eles também não poderiam ter nos avisado. Trata-se de um daqueles acidentes em que ninguém tem culpa.

Pareceu que isso bastava para que ele se sentisse satisfeito, mas Gibson não se sentia disposto a ser filósofo.

- Entretanto estamos perdidos no meio do deserto retorquiu o escritor. - Que tempo demorarão a encontrar-nos ? Há alguma esperança de repararmos o aparelho?

- Não. Os motores estão arruinados. Foram feitos para trabalharem no ar e não na areia!

- Bem, podemos emitir um pedido de socorro.

- Agora estamos na superfície. Quando Phobos nascer – daqui a... a cerca de uma hora - poderemos chamar a atenção do observatório e ele retransmitirá a nossa mensagem. É a maneira como resolvemos o problema das comunicações a longa distância. A ionosfera é muito fraca para poder refletir os sinais em torno do planeta, como acontece na Terra. De qualquer modo, vou ver se o rádio funciona.

Jimmy sorriu.

- Pelo menos isto nos dá a oportunidade de contar qualquer coisa aos outros quando voltarmos. Talvez até possamos fazer uma exploraçãozinha autêntica. - espreitou através das janelas, colocando as mãos em volta dos olhos para isolá-los da luz da cabine. A paisagem circundante estava imersa em trevas completas exceto a zona iluminada pelo próprio aparelho.

- Parece que há colinas por toda a parte. Temos sorte em não estar em pedaços. Meu Deus... há um monte mesmo ao nosso lado! Mais uns metros e teríamos batido nele!

- Tem qualquer ideia do lugar onde estamos ? - perguntou Gibson ao piloto. A pergunta devia ter sido muito estúpida, pois que teve por resposta um olhar tão frio como se fosse de pedra.

- Cerca de 120 leste, 20 norte. A tempestade não deve ter nos afastado muito do rumo.

- Então devemos estar em qualquer parte da Aetheria - disse o escritor, inclinándose sobre os mapas. Sim, há uma região acidentada, por aqui. Não se sabe muito sobre ela.

- É a primeira vez que alguém pousou aqui. Esta parte de Marte quase não foi ainda explorada: foi muito bem fotografada do ar, mas ficaram por aí.

- Lamento entristecê-los – disse Hilton num tom que mostrava ser essa, afinal, a intenção dele. - Não tenho certeza de que possamos nos comunicar com Phobos.

- O quê?! - gritou o piloto. - O emissor funciona perfeitamente!

- Sim. Mas notou onde estamos ? Nem sequer podemos ver Phobos. Esse monte ao sul nos corta completamente a vista. Isto significa que o satélite não poderá captar os nossos sinais. E o que é pior: não nos poderão localizar com os seus telescópios.

Houve um silêncio de choque.

- Então que faremos? - perguntou Gibson. Teve uma visão horrível de uma viagem de mil quilômetros através do deserto, mas afastou-a imediatamente do seu espírito. Não seria possível transportar o oxigênio necessário para tal viagem, e ainda menos os alimentos e o equipamento. E ninguém podia passar a noite sem protecção na superfície de Marte.

- Teremos de fazer outra espécie de sinal! - disse Hilton calmamente... Amanhã de

manhã subiremos essas colinas e veremos o que há em volta.

Sem que ninguém soubesse como, Hilton assumira o comando com o consentimento de todos. Talvez ele próprio ainda não tivesse consciência disso. Mas o próprio piloto cederia-lhe a sua autoridade, sem pensar duas vezes no assunto.

- Phobos nasce dentro de uma hora, não é? - perguntou Hilton.

- Sim.

- E como é a órbita dela? Nunca consigo me recordar dos hábitos dessa lua meio maluca.

- Bem, nasce a ocidente e põe-se a oriente cerca de quatro horas depois.

- Portanto deve estar no sul perto da meia-noite, não é?

- É verdade. Meu Deus... Isso significa de fato que não poderemos vê-la! Estará eclipsada por pelo menos uma hora!

- Que grande lua! - resmungou Gibston.. - Quando mais precisamos dela é que não a vemos!

- Isso não importa - disse Hilton, com toda a calma. - Sabemos onde ela está e não perderemos nada se tentarmos fazer uso do rádio quando ela passar. Por esta noite é tudo. Alguém tem um baralho de cartas? Não?. Então talvez Martin possa nos contar uma das suas histórias...

Era uma grainha impiedosa e Gibson encontrou imediatamente a oportunidade que esperava.

- Nem sequer seria capaz de pensar em tal coisa - disse ele. - Tu é que tens histórias para contar.

Hilton ficou hirto e o escritor se perguntou se o teria ofendido.

- Apanhaste-me, não é verdade? Está bem. Falarei. Mas com uma condição.

- Qual ?

- Quando escreveres qualquer coisa a respeito disso, mostrar-me-ás primeiro o manuscrito.

- Evidentemente.

Fora da fuselagem, a noite marciana era a rainha – uma noite decorada de estrelas que não cintilavam e eram finas como agulhas. A leste estava Júpiter – o corpo celeste mais brilhante, erguendo-se em toda a sua glória, a seiscentos milhões de quilômetros..

Muitas pessoas ainda olhavam com estranheza o fato do homem ter visitado Saturno e não Júpiter, tão perto das suas mãos. Mas nas viagens espaciais a distância não era o mais importante e Saturno fôra alcançado por causa de um golpe de sorte que parecia demasiado grande para ser verdadeiro. Em volta de Saturno orbitava Titã, o maior satélite do sistema solar - com cerca de duas vezes o tamanho da Lua. Em 1944 fôra descoberto que Titã possuía uma atmosfera. Não era respirável. Era muito mais valiosa do que isso. Era formada de metano - um dos propulsores ideais para os foguetes nucleares.

Isso conduzia a uma situação única na história dos vôos espaciais. Pela primeira vez uma expedição poderia ser enviada a um mundo estranho com a certeza antecipada de que poderia se reabastecer para regressar.

A *Arcturus* e a sua tripulação de seis homens fôra lançada no espaço a partir da órbita de Marte. Atancara o sistema saturnino nove meses depois, apenas com o propulsante suficiente para pousar em segurança em Titã. Depois as bombas tinham começado a trabalhar e os grandes depósitos tinham sido recheados com as incontáveis toneladas de metano necessárias para a largada. Reabastecendo-de em Titã quando era necessário, a *Arcturus* tinha visitado as quinze luas de Saturno e até

roçado pelos anéis. Em poucos meses conseguira descobrir mais coisas sobre o planeta que em todos os séculos anteriores de observação telescópica.

Tinham pago isso com um preço muito alto. Dois dos tripulantes tinham morrido devido aos efeitos das radiações, depois de uma reparação de emergência em um dos motores nucleares. Tinham sido sepultados em Dione, a quarta lua. O chefe da expedição, o Comandante Envers, fôra morto por uma avalanche de ar congelado em Titã. O seu corpo nunca foi encontrado. Hilton assumira o comando e conduzira a *Arcturus* em segurança de regresso a Marte, um ano depois, apenas com dois homens ajudando-o.

Gilbson sabia tudo isso muito bem. Ainda se recordava de ter escutado as mensagens que surgiam através do rádio, transmitidas de um mundo para outro. Mas era muito diferente ouvir Hilton contar a história segundo a sua marreira calma e curiosamente impessoal, como se ele tivesse sido mais um espectador do que um participante.

Hilton falou de Titã e das suas pequenas oompanheiras, as outras luas que tornavam Saturno quase num segundo sistema solar. Descreveu como descera na lua mais próxima do planeta - Mimas, afastada de Saturno apenas metade da distância que separava a Lua da Terra.

- Descemos num grande vão entre duas montanhas; onde estávamos certos de encontrar um solo bastante sólido. Não estávamos dispostos a repetir o erro que tínhamos cometido em Rhea. A gravidade não era muito forte - apenas um centésimo da da Terra. Era apenas suficiente para que não saltássemos para o espaço. Gostei daquilo. Mimas tem um dia um pouco mais curto que o da Terra - gira em volta de Saturno uma vez em cada vinte e duas horas e mantém a mesma face voltada para o planeta, de modo que o dia e o mês tinham o mesmo comprimento, tal como se estivéssemos na Lua. Tínhamos pousado no hemisfério norte, não muito longe do equador e a maior parte de Saturno estava acima do horizonte. Parecia muito estranho - um crescente enorme, agarrado no céu, como uma montanha impossivelmente curvada com milhares de quilômetros de altura.

«De resto, viram os filmes que fizemos - especialmente aquele que, acelerado, nos mostra um ciclo completo das fases de Saturno. Mas não penso que ele lhes dê uma ideia do que era viver com essa coisa enorme sempre no céu. Não podíamos ver os anéis muito bem porque eles estavam colocados a cutelo, mas sabíamos onde eles estavam por causa da larga cinta sombria que eles projetavam sobre o planeta,

«Nunca nos fatigávamos de olhar para o Planeta. As nuvens, ou seja lá o que fosse, corriam de um lado a outro do disco em poucas horas, mudando continuamente de forma. E as cores eram maravilhosas - verdes, castanhos e amarelos. De vez em quando havia grandes erupções, muito lentas, e por vezes tão grandes como a Terra, que subiam das profundezas e formavam uma grande mancha na metade da circunferência do planeta.

«Há uma coisa curiosa de que nunca falei porque nunca tive a plena certeza dela. Uma vez ou duas, quando estávamos na sombra de Saturno e o seu disco devia mostrar-se completamente negro, pensei ter visto uma fraca luminosidade vinda do lado da noite. Não durou muito tempo - se é que de fato aconteceu. Talvez fosse qualquer espécie de reação química desenvolvendo-se nesse caldeirão giratório.

«Admiram-se que eu deseje voltar a Saturno? Desta vez gostaria de aproximar-me muito mais - talvez uns mil quilômetros. Basta entrarmos numa órbita parabólica e deixarmos-nos «cair» como um cometa que passasse em torno do Sol. É certo que passaremos apenas uns minutos verdadeiramente perto de Saturno, mas poderemos obter simultaneamente uma importantíssima documentação..

«E quero descer de novo em Mimas e ver o grande crescente, subindo até metade da altura do céu. Deve valer a pena fazer a viagem, apenas para ver Saturno «crescer» e «minguar», e ver as tempestades umas atrás das outras em torno do equador. Sim, deve valer a pena, mesmo que desta vez eu não volte.

As últimas palavras não tinham sido ditadas por um falso heroísmo. Tratava-se apenas de uma afirmação e todos quantos a ouviram compreenderam-na perfeitamente

Gibson pôs fim ao longo silêncio. Dirigiu-se à janela e espreitou para a noite.

- Podemos apagar as luzes? - perguntou ele. Quando o piloto satisfez o seu pedido as trevas tornaram-se completas, Os outros acercaram-se também da janela.

- Olhem - disse o escritor – Vejam bem. Estiquem o pescoço se quiserem.

A colina junto da qual tinham pousado já não era uma muralha de trevas absolutas. Nos seus píncaros via-se uma nova luz que se filtrava até o vale. Phobos surgira a oeste e estava subindo meteoricamente para o sul, correndo para trás, através do céu.

Minuto a minuto a luz tornou-se mais forte e por fim o piloto começou a emitir sinais. Mal o começara a fazer, quando o débil luar desapareceu e subitamente Gibson gritou estupefato. Phobos escondera-se na sombra de Marte, e ainda que estivesse erguendo-se, deixaria de brilhar durante quase uma hora. Não haveria possibilidade alguma de dizer se ele voltaria ou não a espreitar sobre a crista da grande colina ou voltar a estar em posição para receber os seus sinais.

Passaram-se quase duas horas antes que perdessem a esperança. De repente a luz nasceu de novo nos píncaros, mas brilhava a leste. Phobos emergira do eclipse e estava descendo para o horizonte, o qual alcançaria em pouco mais de uma hora. O piloto desligou o emissor, desanimado.

- Não vale a pena - disse ele. - Temos de experimentar outra coisa.

- Não podemos levar o emissor para o alto do monte? - perguntou Gibson, entusiasmado,

- Já tinha pensado nisso, mas quem conseguiria sem ferramenta adequada? - perguntou o piloto. - A coisa toda, ela e as próprias antenas fazem parte integrante da fuselagem.

- Não podemos fazer mais nada – disse Hilton. - Sugiro que durmamos um pouco antes da alvorada. Boa noite a todos.

Era um conselho excelente, mas não muito fácil de seguir. O espírito de Gibson estava longe dali, fazendo planos para o dia seguinte. Só quando Phobos desapareceu a leste e a sua luz deixou de surgir irônicamente sobre o monte é que ele começou a dormir.

Mesmo então sonhou que estava tentando arranjar uma transmissão por correia dos motores ao trem de aterrissagem para percorrerem os mil quilômetros que os separavam de Port Schiaparelli...

-----CAPÍTULO XII -----

Quando Gibson despertou já a alvorada ia longe. O Sol estava invisível atrás das colinas, mas os seus raios refletidos nos cumes escarlates inundavam a cabine com uma luz sinistra. O escritor espreguiçou-se; os assentos não tinham sido concebidos para dormir e a noite tinha sido muito incômoda.

Olhou em volta e viu que o piloto e Hilton tinham saído. Jimmy continuava dormindo. Gibson sentiu a vaga impressão de ter sido esquecido, mas pensou que ainda estaria mais aborrecido se o houvessem despertado.

Havia uma mensagem de Hilton pregada na parede.

Dizia apenas: «Saimos às 6:30. Voltaremos dentro de cerca de uma hora. Estaremos cheios de fome então. Fred.»

Gibson compreendeu o que Hilton pretendia. E a verdade era que ele também se sentia bastante esfomeado. Abriu o pacote de rações de emergência que o avião transportava na previsão de acidentes como aquele, perguntando a si próprio quanto tempo elas durariam. As suas tentativas para preparar uma bebida quente no fervor de pressão despertaram Jimmy, que pareceu um pouco envergonhado quando compreendeu que fôra o último a acordar.

- Dormiu bem? - perguntou Gibson.

- Pareceu-me que já não dormia há uma semana - respondeu o rapaz, - Onde estão os outros?

A pergunta foi imediatamente respondida pelos sons de alguém que entrava na comporta de ar. Um momento depois Hilton apareceu, seguido pelo piloto. Tiraram as máscaras e os aquecedores - lá fora a temperatura ainda estava abaixo do ponto de congelamento - e avançaram para os pedaços de chocolate e carne comprimida que Gibson distribuira com uma imparcialidade impecável.

- Bem - perguntou o escritor -, que dizem ?

- Posso dizer-lhe uma coisa imediatamente - respondeu Hilton, com a boca cheia. - Temos muita sorte em estarmos vivos.

- Isso eu já sabia.

- Não sabem nem a metade; não viram o lugar em que pousamos. Descemos paralelamente a esta colina durante quase um quilômetro, antes de pararmos. Se tivéssemos desviado o rumo um par de graus para estibordo - pum! Quando pousamos ainda viramos um pouco para dentro, mas não o suficiente para provocar estragos,

«Estamos num longo vale, que se estende de leste a oeste. Parece uma falha geológica e não o velho leito de um rio. A encosta oposta a nós tem uma boa centena de metros de altura e é praticamente vertical - na verdade até se inclina um

pouco para dentro no alto. Se quisermos que nos vejam de Phobos teremos de andar um pouco para norte, até onde a encosta não obstrua a vista. Talvez essa seja a resposta, se conseguirmos empurrar o avião até lá. Então utilizaremos o rádio e daremos aos telescópios e à busca aérea uma melhor probabilidade de nos avistarem.

- Quanto é que isto pesa? - perguntou Gibson, em dúvida.

Cerca de trinta toneladas com toda a carga. Evidentemente, há muita coisa que poderemos alijar.

- Não! - gritou o piloto. - Isso obrigar-nos-ia a abrir a comporta e não podemos perder muito 'ar.

- Meu Deus, não tinha pensado nisso. Mesmo assim, a superfície é lisa e o trem está em condições perfeitas.

Gibson não se mostrou muito convencido. Apesar da gravidade ser três vezes mais fraca que na Terra, não parecia muito fácil deslocar o avião.

Acabaram a refeição em silêncio. Não estavam verdadeiramente preocupados; sabiam que seriam feitas buscas intensivas e que não tardaria muito que fossem localizados. Mas esse tempo poderia ser reduzido algumas horas se pudessem enviar algum sinal para Phobos.

Depois do desjejum tentaram deslocar o avião.

Com muito esforço conseguiram fazê-lo avançar cinco metros. Depois a rodagem atolou-se na areia e tiveram de desistir, arquejantes.

- Têm alguma coisa branca que possamos espalhar por uma grande área? - perguntou Gibson.

A ideia era excelente, mas não pôde ser aproveitada porque uma busca completa na cabine mostrou seis lenços e alguns pedaços de pano sujo. Todas concordaram em que, mesmo nas condições mais favoráveis, não seriam visíveis de Phobos.

- Só há uma coisa a fazer - disse Hilton. - Temos de desmontar os faróis de aterragem, estender um cabo até um local fora da encosta e apontá-los para Phobos. Mas para isso teremos que destruir uma asa.

Jimmy teve de repente outra ideia:

- E se arranjássemos um heliógrafo? Se apontássemos um espelho para Phobos...

- Eles poderiam ver-nos a 6.000 quilômetros de distância? - perguntou Gibson, num tom de dúvida.

- Porque não? Têm telescópios com um poder de ampliação de 1.000 vezes. Não é possível ver o reflexo do sol num espelho a uma distância de 6 quilômetros?

- Deve haver qualquer coisa errada com esse cálculo, ainda que não saiba o que seja - disse Gibson. - As coisas nunca são assim tão simples. Mas de qualquer maneira, onde arranjaremos um espelho?

Ao fim de um quarto de hora, o plano de Jimmy teve de ser abandonado. Não havia espelho algum no avião.

- Podemos cortar um pedaço da asa e polí-la - sugeriu Hilton, pensativo. - Será a mesma coisa.

- Trata-se de uma liga de magnésio que não pode adquirir um bom polimento - disse o piloto, disposto a defender o avião até às últimas.

Gibson pôs-se subitamente de pé.

- Há aí alguém capaz de me dar três bons pontapés? - exclamou ele.

- Com muito prazer - respondeu Hilton - Mas qual é a razão?

Sem responder, Gibson dirigiu-se à retaguarda do aparelho e começou a rebuscar

a bagagem, de costas voltadas os interessados espectadores. Demorou apenas um momento para descobrir o que pretendia e então virou-se subitamente.

- Aqui está o que eu queria - disse ele.

Um relâmpago intolerável encheu de repente a cabine, inundando todos os seus recantos com uma luz brilhante e dura. Durante alguns minutos todos ficaram meio cegos, tendo nas suas retinas a imagem fixa da cabine no momento de tal explosão.

- Perdoem-me - disse Gibson, contrito. - Nunca a tinha usado com toda a potência num local fechado...

- Safa! - exclamou Hilton, esfregando os olhos. É pior que uma bomba atômica!

O escritor explicou:

- É um gerador especial, para permitir a obtenção de fotografias coloridas à noite. Até agora não tinha tido oportunidade de fazer uso dele.

Hilton examinou a pequena lâmpada de flash.

- Poderemos focar isto convenientemente? - perguntou ele.

- Há um regulador atrás do refletor. O feixe é largo, mas deve ajudar.

Hilton pareceu ficar satisfeito..

- Devem ver isto em Phobos, mesmo durante o dia. No entanto é melhor não desperdiçarmos a carga.

- Phobos está bem por cima de nós? - perguntou Gibson, - Vou lá fora e dispararei isto imediatamente.

- Não dispare mais de dez vezes - disse Hilton. Temos de guardar energia para a noite. E abriga-te nas sombras.

Com a máquina e a preciosa luz de flash bem aconchegadas ao peito, Gibson correu pelo vale como uma jovem gazela, acompanhado por Jimmy. Não tardaram em deixar a sombra da encosta, Olharam para o céu e viram Phobos a oeste, como uma meia lua que rapidamente transormou-se num o crescente enquanto corria para o sul. Gibson se perguntou se naquele momento alguém estaria observando aquela parte de Marte.

A cerca de um quilômetro do avião o solo descia suavemente e na parte mais baixa do vale havia uma larga cintura castanha que parecia estar coberta por ervas altas. Gibson dirigiu-se para ela. Jimmy seguiu-o.

Encontraram-se ente plantas esguias e coriáceas, de um tipo que nunca tinham visto antes. As folhas elevavam-se verticalmente e estavam cobertas por numerosas vagens. Sem perder tempo em investigações botânicas, Gibson abriu caminho até o centro da pequena floresta. Então ergueu a luz de flash e disparou na direcção de Phobos. O momento fôra bem escolhido, pois que o lado do satélite que estava virado para ele encontrava-se nas trevas e os telescópios poderiam funcionar nas melhores condições.

Disparou dez vezes, em cinco pares, bem espaçados. - Por hoje basta - disse o escritor. - Vejamos agora as plantas. Sabes o que me lembram?

- Algas muito crescidas... - respondeu Jimmy.

- É verdade. Que haverá nestas vagens ? Tens um canivete ? . .. Obrigado.

Gibson não descansou enquanto não rasgou um dos pequenas balões negros. Aparentemente ele continha gás, e a uma pressão considerável, porque ouviu-se um pequeno silvo.

- Que coisa tão estranha! - comentou o escritor. Levemos algumas conosco.

Não sem dificuldade, conseguiu cortar uma das plantas quase pela raiz. Um líquido castanho-escuro saiu do corte, libertando bolhas de gás. Gibson coioeceu o seu troféu ao ombro e iniciou a viagem de regresso ao avião.

Ignorava que trazia consigo o futuro de um mundo. Tinham dado apenas alguns

passos quando encontraram uma moita mais densa e tiveram de fazer um desvio. Com o Sol como guia não havia receio de se perderem e portanto não tentaram seguir o caminho por onde tinham vindo.

No entanto, Gibson teve dificuldade em orientar-se.

E ficou aliviado quando encontrou um caminho estreito e tortuoso que seguia mais ou menos na mesma direção. Para qualquer outro observador, o seu alívio teria sido uma interessante prova de lentidão de certos processos mentais. Porque só depois de o escritor e Jimmy darem alguns passos, se recordaram do simples mas espantoso fato de que as pegadas não nascem por si próprias.

- Já era tempo dos nossos dois exploradores voltarem, não é? - disse o piloto, enquanto ajudava Hilton a desmontar os faróis do avião.

- Há quanto tempo partiram ?

- Há cerca de quarenta minutos. Espero que não tenham se perdido.

- Gibson é muito cauteloso. Mas o jovem Jimmy é capaz de ter começado a procurar marcianos.

- Olhe! aí vêm eles. E vêm correndo!

Dois vultos tinham aparecido à distância e corriam aos saltos através do vale. A sua pressa era tão óbvia que os dois homens abandonaram as ferramentas e observaram a aproximação deles com uma curiosidade crescente.

O fato de Gibson e Jimmy terem regressado tão depressa representava o triunfo do cuidado e do domínio de si próprios. Durante um longo instante tinham olhado com estupefação incrédula, o rastro que passava através das plantas. O escritor fôra o primeiro a falar, numa voz muito baixa, como se tivesse medo de ser escutado.

- Não há dúvida de que são pegadas. Mas quem as teria feito? Ninguém esteve aqui!

- Talvez seja alguma espécie de animal.

- Muito grande, por certo.

- Talvez tão grande como um cavalo.

- Ou um tigre.

Gibson observou:

- Não vale a pena enfrentarmos riscos, vamos voltar imediatamente e contar aos outros o que se passa. Depois pensaremos em explorar a zona.

Jimmy teve o bom senso de não retorquir. E não deixou de olhar para trás enquanto corria para o avião. Demoraram algum tempo a convencer os companheiros, pois que eles não os levavam a sério. Todo mundo sabia que não havia vida animal em Marte. Em uma questão de metabolismo: Os animais consumiam oxigênio tão depressa que não poderiam existir naquela atmosfera tênue e praticamente inerte.

- Mesmo que tenham visto aquilo que dizem, isso deve ter qualquer outra explicação natural,

- Vá ver - respondeu Gibson. - Digo-lhe que é um caminho bastante usado.

- Está bem. Então vou lá - disse Hilton. - E eu também - acrescentou o piloto.

- Um momento! Não podemos ir todos, Pelo menos um tem de ficar,

Gibson pensou em sacrificar-se. Mas depois compreendeu que nunca se perdoaria a si próprio uma atitude dessas. - Eu encontrei o rastro - disse ele, com firmeza.

- Parece-me que temos motim a bordo - comentou Hilton. - Alguém aí tem uma moeda? Vamos tirar a sorte.

Foi o piloto quem perdeu.

- De qualquer maneira é um disparate - disse ele. Espero que voltem dentro de

uma hora. Se demorarem mais tempo exigirei que tragam uma princesa marciana, como as dos contos de Edgar Rice Burroughs.

Os três expedicionários atravessaram o vale em direcção à pequena floresta, com Gibson à frente. Alcançaram as plantas e não tiveram dificuldade em encontrar o rastro. Hilton fitou-o por algum tempo, em silêncio. Depois disse:

- Dá-me a tua luz de flash, Gibson. Vou na frente. Não podia haver sensação mais estranha que a de avançar através doquele estreito caminho entre altas paredes de folhas, sabendo que a qualquer momento poderiam enfrentar uma criatura desconhecida e talvez feroz.

Já quase no meio da floresta, descobriram que o rastro se dividia em dois. Hilton seguiu pelo da direita, mas logo descobriu que era um beco sem saída. Levava a uma clareira de cerca de vinte metros de diâmetro, em que todas as plantas tinham sido cortadas - ou comidas - rente ao chão.

- Herbívoros - murmurou Gibson.

- Razoavelmente inteligentes - comentou Hilton. - Deixaram as raízes de modo a poderem rebentar de novo. Vejamos agora o outro caminho.

Encontraram a segunda clareira cinco minutos depois.

Era muito maior que a primeira e não estava vazia!

Hilton agarrou à luz de flash, enquanto Gibson, num movimento bem estudado, colocou a máquina em posição e começou a tirar as mais famosas fotografias que já tinham sido feitas em Marte, até então. Depois acalmaram-se e esperaram que os Marcianos notassem a presença deles.

Nesse momento, séculos de fantasia e lenda dissiparam-se. Todos os sonhos do encontro do homem com seres não muito diferentes dele desvaneceram-se instantaneamente. Com eles, mas sem qualquer lamento, desapareceram também os monstros tentaculares de Wells e outras legiões de monstros de pesadelo. E também o mito de frias inteligências não humanas, que pudessem olhar para o Homem como ele próprio para um inseto daninho.

Havia dez criaturas na clareira e estavam tão atarefadas comendo, que nem sequer tinham dado conta dos intrusos. Pareciam cangurus muito gordos, com os seus corpos quase esféricos equilibrados sobre duas coxas grandes e esguias. Não tinham pêlos e a sua pele mostrava um lustro curioso, como o de couro brunido. Dois braços finos, que pareciam inteiramente flexíveis, saíam da parte superior do corpo e terminavam em mãos pequenas como as garras de um pássaro - aparentemente pequenas e fracas demais para serem de qualquer utilidade prática. As cabeças estavam colocadas diretamente sobre o tronco, sem a menor suspeita de pescoço, e tinham dois grandes olhos pálidos, com largas pupilas. Não possuíam narinas - somente uma grande boca triangular com três bicos largos e curtos que trituravam rapidamente a folhagem. Um par de orelhas muito grandes, quase transparentes, pendia da cabeça, torcendo-se ocasionalmente e formando por vezes cornetas que deveriam ser magníficos detectores de som, mesmo naquela atmosfera tão rarefeita.

O maior dos animais era tão alto como Hilton, mas os outros eram muito menores. Uma «criança», com menos de um metro de altura, parecia extremamente engraçada, saltava contente, procurando atingir as folhas mais suculentas e de tempos a tempos emitia gritos agudos que eram irresistivelmente patéticos.

- Até que ponto serão inteligentes? - murmurou Gibson, por fim.

- É difícil dizer. Note o cuidado com que comem as plantas. Mas pode ser puro instinto - como acontece com as abelhas.

- Movem-se muito devagar, não é? Pergunto a mim mesmo se serão de sangue

quente.

- Pois eu pergunto se têm sangue, O seu metabolismo deve ser muito invulgar para que possam sobreviver aqui.

- Já era tempo de terem nos notado.

- O maior de todos sabe que estamos aqui. Notei que nos olhava pelo canto do olho. Estás notando como ele dirige as orelhas para nós?

- É melhor sairmos daqui.

- Não acho que possam fazer-nos muito mal, mesmo que queiram. As mãos parecem muito fracas, mas suponho que os três bicos podem fazer alguns estragos. Vamos avançar seis passos, muito devagar.

Aproximaram-se de uma maneira que tentavam fazer parecer inspiradona de confiança. Não havia dúvida de que os Marcianos os viam. Meia dúzia de olhos grandes e calmos fitaram-nos e depois desviaram-se, porque os seus donos tinham mais a fazer.

- Não parecem ser muito curiosos - disse Gibson algo desapontado. - Seremos assim tão pouco interessantes ?

- Olha, a «criança» descobriu-nos! O que ele vai fazer? O menor dos Marcianos deixara de comer e olhava para os intrusos com uma expressão que tanto podia significar uma incredulidade absoluta como a esperançosa antecipação de mais comida. Soltou um par de guinchos agudos que foram respondidos por um «honk» desinteressado, de um dos adultos. Depois, resolveu saltitar em direção aos visitantes.

Parou a dois passos deles, sem mostrar medo ou desconfiança.

- Como está? - perguntou Hilton, com toda a solenidade - Apresento-lhe Jimmy Spencer, à minha direita; Martin Gibson, à minha esquerda. Mas tenho a impressão de que ainda não conheço o seu nome.

- Squik - disse o pequeno Marciano.

- Bem, Squik, em que lhe posso ser útil?

A pequena criatura estendeu a mão e agarrou a roupa de Hilton. Depois saltou na direção de Gibson, que estava atarefado, fotografando aquela troca de cumprimentos. O escritor estendeu-lhe a mão e ficou surpreso quando os pequenos dedos fecharam-se à sua volta com uma força surpreendente.

- Um belo amiguinho, não é? - disse Gibson, depois de se ter libertado com dificuldade. - Pelo menos não é tão insensível quanto os parentes,

Os adultos não tinham mostrado o menor interesse no que estava acontecendo. Continuavam triturando as folhas placidamente.

- Gostaria de ter alguma coisa para lhe oferecer, mas não creio que ele possa comer qualquer dos nossos alimentos. Empréstame a tua faca, Jimmy. Vou cortar umas «algas» para ele, para provarmos que somos amigos.

O presente foi recebido com alegria e imediatamente comido. As pequenas mãos estenderam-se, pedindo mais. - Parece que o conseguiste um sucesso, Martin - disse Hilton.

- Receio que seja só gulodice. Eh! Larga a minha máquina – não é para comer!

- Há qualquer coisa estranha aqui - disse Hilton de repente. - De que cor é o garoto?

- Castanho... na frente. Atrás é de um cinzento-sujo.

- Certo. Vai para trás dele e oferece-lhe mais comida.

Gibson assim fez. Squik rodou sobre as ancas e agarrou o pedaço de comida. E quando acabou de triturá-la sucedeu uma coisa muito curiosa.

A cor castanha desapareceu da frente do seu corpo, e em menos de um minuto foi substituída por um cinzento-sujo. Ao mesmo tempo acontecia o contrário nas costas da criatura, invertendo as cores.

- Meu Deus! - exclamou o escritor. - É como um camaleão!

- Não. É algo mais hábil. Olha para os outros. São sempre castanhos ou quase negros do lado que está voltado para o Sol. É simplesmente uma forma de absorver tanto calor quanto possível e evitar perdê-lo. As plantas fazem o mesmo. O sistema não teria utilidade alguma num animal que se movesse rapidamente, mas eses cavalheiros não mudaram de posição nos últimos cinco minutos.

Gibson começou logo a fotografar aquele fenômeno tão curioso, mas, quando terminou, Hilton disse-lhe:

- Lamento interromper o divertimento, mas temos de voltar.

- Não precisamos ir todos. Jimmy, volta ao avião e diz que estamos bem.

Mas Jimmy não o ouviu. Estava olhando para o céu. Fôra o primeiro a compreender que durante os últimos cinco minutos um avião voava em círculos sobre o vale, a grande altura.

O grito que deram até perturbou os plácidos marcianos, que olharam para eles com uma expressão reprovadora. Squik assustou-se tanto que deu um tremendo pulo para trás, mas não tardou a vencer o medo e a avançar de novo.

- Até logo - gritou Gibson por cima do ombro, enquanto corriam para fora da floresta. Os nativos não lhes deram a mínima atenção.

Já estavam na metade do caminho quando o escritor notou que eram seguidos. Parou e olhou para trás. Fatigado mas sempre aos pulos, atrás deles vinha Squik.

- Volta para a tua mãe - disse Gibson agitando os braços. - Não tenho nada para ti.

Não adiantou nada. A pausa apenas serviu para que Squik se aproximasse dele. Os outros já estavam longe. Perderam uma cena muito curiosa, quando o escritor tentou libertar-se do seu novo amigo sem ferir os seus sentimentos.

Desistiu dos métodos diretos ao fim de cinco minutos e tentou um ardil. Por sorte ainda tinha a faca de Jimmy e, depois de muito trabalho, conseguiu reunir um pequeno monte de «algas» que colocou em frente de Squik. Isso - segundo ele esperava - devia mantê-lo entretido durante um bom tempo.

Acabara exatamente de fazer isso quando Hilton e Jimmy voltaram correndo, para ver o que lhe acontecera.

- Tinha de desembaraçar-me de Squik de qualquer maneira - disse ele. - Agora não me seguirá mais.

O piloto já estava ansioso porque a hora quase já passara e não havia sinal dos seus oompanheiros, Subiu no alto da fuselagem e olhou até o meio do vale. Estava observando a mancha de vegetação em que eles desapareceram. Foi então que o avião de socorro surgiu do oeste e começou a voar em círculos sobre o vale.

Quando se certificou de que tinham-no avistado, voltou a olhar para o chão. Fez isto bem mesmo tempo de ver um grupo de figuras que saíam do meio das plantas - e um momento depois esfregou os olhos, sem poder acreditar no que via.

Três pessoas tinham entrado na floresta. Mas haviam saído quatro dela. E a quarta parecia uma pessoa muito estranha!

-----CAPÍTULO XIII-----

Depois daquilo que viria a ser considerado como o melhor desastre da história da exploração marciana, a visita ao Trivium Charontis e a Port Schiaparelli perdeu, inevitavelmente, todo o interesse. Gibson pensara até em adiá-la e voltar imediatamente a Port Lowell com a sua descoberta. Tinha perdido por completo as esperanças de se livrar de Squik, e como todo mundo na colônia queria ver um Marciano verdadeiro e bem vivo, tinham resolvido levar a pequena criatura com eles.

Mas Port Lowell não os deixou regressar de imediato. Passaram-se dez dias antes que voltassem a ver a capital. Sob as grandes redomas travara-se uma das batalhas decisivas pela posse do planeta. A epidemia temida pelo Dr. Scott chegara. A certa altura, um décimo da população da cidade estivera doente com a febre marciana. Mas o soro vindo da Terra permitira enfrentar o ataque e a batalha fôra vencida apenas com três vidas perdidas. Foi a última vez que a febre ameaçou a colônia.

O transporte de Squik para Port Schiaparelli foi difícil, pois implicou no carregamento de grandes quantidade de «algas» para a sua alimentação. A princípio recearam que ele não pudesse viver na atmosfera oxigenada das redomas, mas depressa descobriram que isso não o importunava de modo algum - apesar de reduzir consideravelmente o seu apetite. A explicação desse fenómeno afortunado só foi descoberta muito mais tarde. O que nunca se descobriu foi a razão da dedicação de Squik a Gibson. Alguém sugeriu, com muita malícia, que isso era devido ao fato de terem ambos aproximadamente a mesma forma.

Antes de continuarem a sua viagem, Gibson e os seus colegas, com o piloto do avião de socorro e a equipe de recuperação, que chegou depois, fizeram algumas visitas à pequena família de Marcianos. Não descobriam outro grupo e Gibson perguntou a si próprio se aqueles seriam os últimos espécimes deixados no planeta. Mais tarde saberiam que não era assim.

O avião de socorro fôra alertado pela notícia de que Phobos observara clarões brilhantes em Aetheria. (todo mundo ficou surpreso com tal fato, até que Gibson, orgulhoso, explicou o que se passara.) Enquanto substituíam os motores do aparelho avariado, resolveram estudar os Marcianos no seu ambiente natural. Foi então que Gibson teve a primeira suspeita do segredo da sua existência.

No seu longínquo passado haviam sido muito provavelmente respiradores de oxigênio e os seus processos vitais ainda dependiam desse elemento. Não podiam obtê-lo diretamente do solo, onde ele se encontrava em inúmeros bilhões de toneladas, mas as plantas que comiam poderiam fazê-lo. Gibson não demorou a descobrir que as numerosas «vagens» das «algas» continham oxigênio sob uma pressão bastante alta. Tornando o seu metabolismo mais lento, os Marcianos tinham

conseguido um equilíbrio - quase uma simbiose - com as plantas que os abasteciam de comida e ar. Era um equilíbrio precário, que podia ser perturbado em qualquer momento por qualquer catástrofe natural. Mas as condições em Marte tinham há muito atingido a estabilidade, e o equilíbrio devia ser mantido por muito e muito tempo – se o Homem não o perturbasse!.

Chegaram a Port Schiaparelli três dias depois de terem saído de Port Loweli. A segunda cidade de Marte tinha menos de mil habitantes que viviam em duas redomas num longo e estreito planalto. Só anos depois, quando os recursos do planeta começaram a ser mais conhecidos, resolveu-se mudar o centro de gravidade da colônia para Lowell e não mais desenvolver Port Schiaparelli.

A pequena cidade era, sob muitos aspectos, idêntica à sua rival maior e mais moderna. Especializara-se em engenharia ligeira, investigação geológica, e na exploração das regiões circundantes. Por isso, o fato de Gibson e os seus camaradas terem feito acidentalmente a maior descoberta da história de Marte fôra uma decepção para muita gente. E a visita deve ter tido um efeito desmoralizador em todas as atividades normais em Port Schiaparelli, porque, fosse para onde fosse, juntavam-se multidões em torno de Squik. O pior foi quando se lembraram de projetar desenhos simples sobre o Marciano, para fotografarem a reprodução na sua pele antes que desaparecesse. Um dia Gibson ficou furioso ao ver uma imagem do seu amigo ostentando uma caricatura grosseira, mas facilmente identificável, de uma conhecida estrela da televisão.

O regresso a Port Lowell foi quase um cortejo de vitória. A capital estava eufórica perante a derrota da epidemia e aguardava ansiosamente a ocasião de ver Gibson e o seu «amigo». Os cientistas tinham preparado uma bela recepção para Squik. Os zoólogos, em particular, atarefavam-se a explicar o malogro das suas anteriores explicações sobre a ausência de vida animal em Marte.

Gibson só o entregou aos peritos depois deles terem jurado solenemente que não pensavam sequer em fazer-lhe o menor mal. Depois correu para ver o Chefe.

Hadfield acolheu-o calorosamente. O escritor notou que havia uma importante diferença na atitude do Diretor-Geral a respeito dele. Era evidente que o Chefe já não o olhava como uma verdadeira calamidade.

- Você acrescentou alguns cidadãos interessantes ao meu pequeno império - disse Hadfield com um sorriso - Acabo de ver o seu adorável «amigo». Já mordeu o chefe dos Serviços de Saude.

- Espero que o tenham tratado devidamente - disse Gibson, aflito.

- Quem, o médico ?

- Não, Squik. Estava me perguntando se haverão outras formas de vida animal ainda a serem descobertas - e talvez mais inteligentes.

- Poderão passar-se anos antes de termos a certeza disso, mas estou convencido de que estes são os únicos Marcianos genuínos. As condições que tornaram possível a sua sobrevivência não ocorrem em muitos lugares neste planeta.

- Há uma coisa sobre a qual eu queria falar consigo, - Gibson tirou do bolso um ramalhete da «alga» castanha. Furou uma das bexigas e ouviu-se o silvo do oxigênio escapado.

- Se isto for devidamente cultivado, pode resolver o problema do oxigênio nas cidades e tornar dispensável a maquinaria atual. Desde que haja areia suficiente para se alimentarem, darão todo o oxigênio que for necessário.

- Continue...

- Evidentemente, terão que proceder algumas experiências de seleção, antes de

conseguirmos a variedade que forneça mais oxigênio.

- Naturalmente...

Gibson olhou para o seu interlocutor com uma súbita suspeita e protestou com amargura: - Não está me levando a sério!

Hadfield pôs-se de pé de um salto.

- Pelo contrário. Estou a levá-lo muito mais a sério do que imagina. - Inclinou-se de repente sobre o intercomunicador e falou: - Preciso de uma Pulga da Areia e de um condutor, daqui a trinta minutos, na Comporta Um Oeste.

Voltou-se para Gibson e acrescentou:

- Esteja preparado para partir daqui a meia hora.

O Serviço de Transportes apresentou o veículo exatamente no momento indicado e o Chefe foi pontual como sempre. Deu ao condutor instruções que Gibson não pôde ouvir e a Pulga saiu da redoma para a estrada que rodeava a cidade.

- Estou fazendo uma coisa um pouco incômoda - disse Hadfield ao escritor, enquanto a verdura desaparecia perante os olhos deles. - Dê-me a sua palavra de que não dirá nada disso enquanto eu não o autorizar?

- Certamente.

A Pulga rumou para sul, seguindo o rastro que levava às colinas. E de repente Gibson compreendeu para onde iam.

- Ficaste muito perturbada quando soubeste do desastre? - perguntou Jimmy, ansioso.

- Evidentemente - respondeu Irene. - Perdi a cabeça. Nem podia dormir, tão preocupada estava contigo.

- Agora que tudo acabou, não achas que valeu a pena?

- Acho que sim. Mas não consigo esquecer de que dentro de um mês partirás de novo. Oh, Jimmy, que faremos então ?

Os dois apaixonados ficaram esmagados pelo desespero. A *Ares* largaria de Deimos dentro de quatro semanas e talvez demorasse anos a voltar a Marte. Não havia palavras que pudessem dar uma ideia de quanto era terrível essa perspectiva,

- Não posso ficar em Marte, mesmo que me deixassem - disse Jimmy. - Não poderia ganhar a vida enquanto não tivesse o curso e ainda me faltam dois anos de aprendizado e uma viagem a Vênus! Há apenas uma solução.

Os olhos de Irene entristeceram.

- Já não é a primeira vez que tal acontece. O Pai nunca concordaria

- Bem, não haverá mal nenhum em experimentar. Vou pedir a Martin que trate disso. Estou certo de que ele concordará. Não é direito que estejas presa a Marte e nunca tenhas visto a Terra. Paris, Nova Iorque, Londres... ninguém pode dizer que viveu, desde que nunca a tenha visitado. Sabes o que penso?

- O quê?

- O teu pai é egoísta, ao conservar-te aqui.

Irene não gostou da afirmação. Mas aceitou-a. E respondeu:

- Estou certa de que se estivesses na Terra e tivesses de voltar a Marte, serias capaz de usar os mesmos argumentos!

Foi a vez de Jimmy mostrar-se um pouco magoado, mas depois notou que a moça não se estava rindo dele. - Muito bem - disse. - Está combinado. Falarei a Martin assim que o vir e pedir-lhe-ei para cuidar do teu pai. Portanto, até lá esqueçamos o assunto, sim?

Quase o fizeram.

O pequeno anfiteatro nas colinas sobranceiras a Port Lowell tinha o mesmo aspecto, excetuando o fato de o verde da sua vegetação luxuriante ter escurecido um pouco. A Pulga dirigiu-se à maior das quatro cúpulas e passaram pelo guarda-ar.

- Quando estive aqui disseram-me que tínhamos de ser submetidos a uma desinfecção antes de entrarmos - observou Gibson.

- Um pequeno exagero para afastar os visitantes indesejáveis - disse Hadfield.

A porta interior abriu-se e entraram na redoma. Um homem com uma bata branca - limpa como a de um trabalhador científico muito importante - aguarda-o. - Olá, Baines - disse Hadfield. - Gibson, apresento-lhe o professor Baines. Devem ter ouvido falar um do outro.

O escritor sabia muito bem que Baines era um dos maiores especialistas mundiais em genética de plantas. E que ele viera pra Marte um ou dois anos antes para estudar a flora.

- Então foi você quem descobriu a *Oxyfera!* - exclamou o professor, como num sonho.

- O quê? Já lhe arranjaram um nome? Está bem. Creio que fui eu que a descobri, mas já começo a ter dúvidas.

Caminharam entre tabiques que repartiam o espaço interior da redoma em numerosos compartimentos e corredores. Tudo parecia ter sido construído muito apressadamente: Havia belos aparelhos científicos montados sobre caixotes e a atmosfera era de plena improvisação. Baines levou-os ao guarda-ar que ligava com outra das redomas e, enquanto esperavam pela abertura da última porta, observou calmamente:

- Isto deve magoar seus olhos um pouco.

A primeira impressão de Gibson foi de luz e calor. Era quase como se tivesse passado do Polo para os trópicos num único passo. Em cima, baterias de lâmpadas poderosas inundavam a câmara hemisférica com luz. Havia qualquer coisa pesada e opressiva no ar que não era apenas devida ao calor e ele perguntou-se que espécie de atmosfera estava respirando.

Aquela redoma não estava dividida por tabiques. Era apenas um grande espaço circular dentro do qual cresciam todas as plantas marcianas que Gibson já vira até então, e muitas mais. Cerca de um quarto da superfície era ocupada pelas «algas» acastanhadas que Gibson descobrira..

- Foram encontradas há dois anos e não são muito raras em torno do equador - disse Hadfield. - Só podem crescer onde há abundância de luz solar e aquele grupo que encontraram é o que se conhece mais ao norte.

O escritor aproximou-se das plantas. No fim de tudo não eram exatamente as mesmas que ele descobrira, ainda que fossem por certo de origem comum. O mais surpreendente era que as bexigas de gás tinham desaparecido, substituídas por miríades de pequenos poros.

- Isto é o mais importante. Conseguimos obter uma variedade que liberta o oxigênio diretamente no ar. Desde que tenham luz e calor suficientes para extrair da areia tudo quanto necessitar e jogar fora o excesso. *Todo o oxigênio que estamos respirando agora é produzido por essas plantas* - não há qualquer outra fonte na redoma.

- Compreendo - disse Gibson, numa voz lenta, - Só não entendo a razão de tanto segredo.

- Que segredo? - perguntou Hadfield.

- Então?! Pediu-me que não dissesse nada sobre o que ia ver!

- Oh, é porque vai haver um comunicado oficial dentro de poucos dias. Apenas

isso.

O escritor meditou sobre a resposta durante toda a viagem de regresso. Hadfield contara-lhe muita coisa, mas dissera tudo? Que papel tinha Phobos naquilo, se é que tinha algum?

As redomas de Port Lowell já estavam à vista quando Gibson resolveu falar do assunto que o preocupava havia quinze dias:

- Gostaria de permanecer em Marte mais algum tempo - disse ele. - Talvez até o próximo ano.

- Oh! - exclamou Hadfield, de uma maneira que não representava satisfação nem reprovação. - E o seu trabalho?

- Posso fazê-lo com tanta facilidade como na Terra.

- Suponho que compreende que a sua permanência aqui o obriga a exercer uma profissão mais útil – sorriu e acrescentou: - Devia ter falado com mais um pouco de tato, não é verdade? No entanto, quero apenas dizer que voce terá de fazer qualquer coisa para ajudar a colônia a viver. Tem alguma idéia?

- Não pensava ficar aqui permanentemente - respondeu Gibson, como que num queixume. - Mas pretendo passar algum tempo estudando os Marcianos e gostaria de ver se seria capaz de encontrar mais alguns deles. Além disso, não quero abandonar Marte exatamente quando as coisas começam a parecer interessantes.

- Que quer dizer? - perguntou Hadfield, como que sobressaltado.

- Essas plantas de oxigênio. A entrada a serviço da Redoma Sete. Gostaria de ver o que resultará de tudo isso.

- O entusiasmo não basta, como sabe.

- Compreendo-o bem.

- O nosso pequeno mundo está assente em duas coisas: habilidade e trabalho. Sem ambas mais valeria que voltássemos à Terra. Faça uma petição para permanência provisória e envia-la-ei à Terra. Teremos a resposta dentro de uma semana. Evidentemente, se eles não derem a autorização nada poderemos fazer.

- E se a Terra concordar?

- Então começarei a pensar o que deverei responder.

A porta do guarda-ar abriu-se e a Pulga entrou na cidade. Mesmo que ele tivesse cometido um erro, não poderia fazer muita coisa. Marte mudara-o. Sabia o que alguns dos seus amigos diriam quando lessem as notícias: «Ouviste o que Martin fez? Parece que Marte fez dele um homem! Quem teria pensado nisso?»

Gibson estremeceu involuntariamente. Tinha um medo horrível das histórias em que os homens preguiçosos e egoístas se tornavam em membros úteis da comunidade.

-----CAPÍTULO XIV-----

Acaba com isso Jimmy. Em que estás pensando? - Parece que não tens muito apetite esta manhã.

Jimmy acabou de cortar em minúsculos pedacinhos a omelete sintética que tinha no seu prato.

- Estava pensando em Irene e na vergonha que é o fato de ela nunca ter tido uma oportunidade de ver a Terra.

- Tens certeza disso ? Nunca ouvi falar bem desse lugar.

- Ela quer. Tenho certeza. Perguntei-lhe.

- Deixemo-nos de histórias. Que querem ? Fugir na *Ares*?

- É uma ideia, mas não acha que Irene deveria completar a sua educação na Terra? Se ela ficar aqui...

- Transformar-se-á numa provinciana. Não é isso?

- Não seja tão cruel.

- Na realidade até concordo contigo. Já tinha pensado nisso. Tenho de falar do assunto com Hadfield.

- É exatamente o que...

- O que tu e Irene querem que eu faça? Me diz uma coisa com toda a franqueza, Jimmy: gostas dela a sério?

Jimmy olhou para ele com uma expressão que respondia a tudo.

- Quero casar com ela assim que ela tenha idade para isso, e eu possa ganhar a vida.

- O pior é que Hadfield tem muito o que fazer e eu já lhe pedi uma coisa.

- O quê?

Gibson pigarreou.

- Pedi para ficar em Marte.

- Meu Deus! - exclamou Jimmy.

Gibson sorriu.

- Achas que é uma boa coisa ?

- Sim. Gostaria de fazer o mesmo.

- Mesmo que Irene vá para a Terra?

- Não está certo! Mas qual é a sua ideia?

- Depende de muita coisa. Para começar, tenho de aprender um ofício. Terás tu alguma ideia a esse respeito?

Jimmy manteve-se silencioso durante algum tempo.

- Receio não ter ideia alguma – disse ele por fim – Mas pode ficar com o meu lugar! Lembrei de uma coisa que encontrei na Administração outro dia. Já ouviu falar

no «Projeto Alvorada»

- Não sei de nada.

- Não me admira. Há apenas algumas dezenas de pessoas em Marte que lhe podem dizer o que é.

- E tu és uma delas?

- Bem, estava trabalhando no arquivo uma noite destas, quando o Chefe e o «Mayor» Whittaker entraram. Não sabiam que eu estava ali e começaram a falar. De repente o «Mayor» disse uma coisa que me fez pôr as mãos na cabeça: «Aconteça o que acontecer, vai ser o diabo se a Terra souber do "Projeto Alvorada".» Não ouvi mais nada: saíram logo a seguir. Que pensa quanto a isso?

- «Projeto Alvorada»! verei o que posso descobrir através das minhas... várias fontes de informação. Falaste disso a mais alguém?

- Não.

- Não o faria, se estivesse no meu lugar. Certamente que deve ser qualquer coisa importante. Falarei contigo assim que souber alguma coisa.

George, o homem do bar, foi o primeiro alvo do escritor tornado em investigador. Era um objetivo lógico, uma vez que parecia saber de tudo quanto acontecia em Marte. Mas desta vez não aconteceu isso.

- «Projeto Alvorada»? - disse ele surpreso – Nunca ouvi falar disso.

O diretor do *Martian Times* foi um pouco mais falador. Gibson evitava, habitualmente, falar com Westerman, porque ele estava sempre tentando apanhar-lhe assunto para artigos. O escritor ofereceu-lhe algumas cópias de manuscritos para lhe adoçar a boca e depois perguntou:

- Estou tentando reunir todas as informações que puder sobre o «Projeto Alvorada». Sei que ainda é segredo, mas gostaria de ter tudo pronto para quando pudermos torná-lo público.

Durante alguns fez-se um silêncio mortal.

Depois Westerman retorquiu:

- Creio que será melhor falar com o Chefe a esse respeito.

- Não queria incomodá-lo. Ele tem tanto que fazer.

- Bem. Não lhe posso dizer nada.

- Quer dizer que não sabe nada ?

- Apenas mantenho os olhos abertos e estabeleço hipóteses. Não sei nada de concreto.

Foi tudo quanto Gibson conseguiu saber dele. No entanto a entrevista confirmara dois fatos: o «Projeto Alvorada» existia de fato. E estava muito bem oculto!.

O escritor abandonou a sua busca e dirigiu-se ao Laboratório de Biofísica, onde Squik era o hóspede de honra. O pequeno Marciano estava muito satisfeito, assente sobre as ancas, enquanto os cientistas, no canto oposto, pensavam no que deviam fazer a seguir. Assim que ele viu Gibson, soltou um pequeno silvo de alegria e deu um salto através da sala, botando uma cadeira abaixo mas poupando, felizmente, muitos aparelhos valiosos.

- Bem - disse Gibson ao chefe da equipe, quando se desembaraçou do abraço de Squik. - Já descobriram até que ponto é inteligente?

O cientista coçou a cabeça.

- É um bicharoco estranho. Por vezes tenho a impressão de que ele ri de nós. O mais estranho é que é diferente do resto da tribo.

- Qual é a diferença ?

- Os outros não mostram quaisquer emoções, pelo que temos visto. Carecem de

toda a curiosidade. Podemos estar ao lado deles enquanto comem toda a vegetação à nossa volta. Desde que não os importunemos, não nos dão a mínima atenção.

- E se os perturbam?

- Tentam empurrar-nos para fora do caminho deles, como se fôssemos um obstáculo qualquer. Mas nunca se aborrecem.

- Então como explicam a atitude deste cavalheiro? - disse Gibson apontando para Squik, que estava rebuscando nos seus bolsos. - Não tem fome. Acabo de oferecer-lhe comida. É apenas curiosidade.

- Talvez seja uma fase por que eles passam quando são jovens.

- Pobre Squik! Por vezes tenho pena de o ter afastado do seu «lar». Mesmo assim, a idéia foi vossa. Vamos passear?

Squik pulou imediatamente para a porta.

- Viram isto? - exclamou o escritor – Ele compreende o que eu digo!

- Bem... Acontece o mesmo com um cão quando ouve uma ordem. Talvez seja apenas uma questão de hábito. Pode trazê-lo de volta daqui a meia hora? Estamos preparando o eletro-encefalógrafo para o examinarmos.

Os habitantes de Port Lowell já estavam habituados a ver aquele estranho par dando o seu passeio diário pelas ruas. De resto, estava-se no princípio da tarde e a população juvenil estava ainda nas escolas. Não havia ninguém à vista na Rua Larga, mas por fim surgiu à distância uma figura familiar. Hadfield dava o seu habitual passeio de inspeção e, como de costume, andava acompanhado pelos seus animaizinhos de estimação.

- Que jardim zoológico! - exclamou Hadfield, numa gargalhada,

- Já vieram algumas notícias da Terra ? - perguntou Gibson, ansioso.

- Por Deus! Enviei a sua petição há dois dias! Só ao fim de uma semana costumamos ter resposta.

O escritor se perguntou se teria coragem de mencionar os dois outros assuntos que o preocupavam: o «Projeto Alvorada» e Irene. Pelo que dizia respeito a Irene, prometera fazê-lo e não teria outro remédio, mais tarde ou mais cedo. Mas primeiramente teria de falar com a própria Irene - e isso seria uma excelente desculpa para não dizer nada naquele momento.

Demorou tanto que o assunto fugiu-lhe das mãos. Foi Irene quem o apresentou, sem dúvida instigada por Jimmy. E pela cara do rapaz, no dia seguinte, era fácil deduzir qual fora a resposta.

As sugestões de Irene tinham sido um tremendo choque para Hadfield, que sem dúvida, supunha ter dado à sua filha tudo quanto ela necessitava. No entanto, era um homem muito inteligente para adotar a atitude de um pai profundamente magoado. Limitara-se a enunciar as razões lúcidas e inegáveis pelas quais Irene não poderia ir à Terra antes dos vinte e um anos, quando ele voltasse ali para umas longas férias. E isso representava três anos de espera.

- Três anos! - lamentou-se Jimmy. - É como se fossem três vidas inteiras!

Gibson compreendeu-o, mas tentou chamar-lhe a atenção para o lado bom das coisas.

- Não é tão longo como se poderia pensar. Até então, já terás completado o teu curso e ganharás muito mais dinheiro do que os rapazes da tua idade. Lembra-te de que o tempo corre sempre muito depressa. Outra coisa: ele sabe do que se passa contigo?

- Creio que não. Pensei uma vez ou duas em falar-lhe. Mas tive medo.

- Hás-de sentir medo durante muito tempo se o tiveres por sogro. Que mal te pode fazer ele?

- Pode impedir Irene de me ver.

- Não é homem para isso e, se o quisesse, já o teria feito há muito tempo.

- Se eu for falar com ele, que devo dizer ?

- O que há de errado em dizer-lhe a verdade pura e simples? Nessas ocasiões costuma fazer maravilhas. Vem comigo esta noite à casa do Chefe e fala com ele. Tens de compreender o ponto de vista dele. Tem todas as razões para supor que trata-se de uma paixoneta vulgar. Mas se fores falar-lhe e lhe disseres que querem ficar noivos - então será diferente.

Gibson estava na biblioteca, folheando os livros e pensando em quantas vezes o Chefe teria tempo para lê-los, quando Jimmy entrou.

- Mr. Hadfield quer falar-lhe.

- Que aconteceu?

- Ainda não sei, mas não foi tão mau quanto eu esperava.

- Nunca é. E não te preocupes. Dei as melhores referências que podia dar a teu respeito, sem mentir.

Quando Gibson entrou no gabinete, encontrou Hadfield afundado num dos cadeirões, olhando para o tapete como se o visse pela primeira vez na vida. Fez um gesto ao visitante para que se sentasse.

- Há quanto tempo conhece Spencer? - perguntou ele.

- Só desde que parti da Terra. Conheci-o na *Ares*..

- Acha que foi um tempo suficiente para conhecer o seu caráter ?

- E uma vida inteira é bastante para isso?

- Não fuja ao assunto. Que pensa dele? Seria capaz de o aceitar como genro ?

- Sim. Sentir-me-ia feliz se isso acontecesse.

- Diga-me uma coisa, Gibson. Porque é que você está se dedicando tanto ao jovem Spencer? Disse que o conhece apenas há cinco meses.

- É verdade. Mas ao fim de poucas semanas descobri que conhecera muito bem os pais dele. Estivemos todos na mesma universidade.

As sobranças de Hadfield ergueram-se ligeiramente. Fez algumas perguntas sem importância e Gibson respondeu-lhe com toda a inocência. Esquecera que estava falando com um dos espíritos mais vivos do Sistema Solar. Quando compreendeu o que acontecera já era tarde.

- Perdoe-me - disse Hadfield, com uma suavidade enganadora -, mas essa sua história carece de fundamento. Não digo que você não me tenha dito a verdade, É absolutamente possível que tenha se interessado por Spencer por ter conhecido muito bem os pais dele há vinte anos. No entanto, é demasiado evidente que o assunto o toca muito mais profundamente. - Inclinou-se a frente, de súbito, e apontou o dedo para Gibson – Não sou tolo, Gibson, e os espíritos dos homens são a minha especialidade. Não precisa responder ao que lhe vou perguntar, mas acho que me deve uma resposta neste momento. Jimmy Spencer é seu filho, não é!

A bomba caíra e explodira. No silêncio que se seguiu, a única emoção que teve foi a de um alívio extremo. - Sim. É meu filho. Como foi que descobriu isso?

Hadfield sorriu. Parecia satisfeito consigo próprio.

- É extraordinário como os homens podem ser cegos perante os efeitos das suas ações e como pensam tão facilmente que os outros não têm quaisquer poderes de observação. Há uma ligeira mas inconfundível semelhança entre você e Spencer. Quando os vi pela primeira vez, perguntei a mim mesmo se não eram parentes e

fiquei muito surpreso quando me disseram que não eram.

- É muito curioso que estivéssemos estado todos juntos na *Ares* durante três meses e ninguém se desse conta disso.

- Curioso? Os companheiros de Spencer pensavam que já conheciam perfeitamente o seu passado e nunca o relacionaram consigo. Isso, muito provavelmente, levou-os a se manterem cegos para a suas semelhanças. Diga-me uma coisa: Spencer sabe disso?

- Tenho certeza de que nem sequer suspeita de tal coisa.

- Porquê? E porque foi que não lhe contou o que estava acontecendo?

- Quando encontrei Jimmy e me lembrei de tudo quanto tinha procurado esquecer, senti, a princípio, pena dele. Depois tomei-lhe amizade. Mas nunca pensei quem ele era. Até procurei encontrar nele qualquer semelhança com Gerald.

- E quando foi que descobriu a verdade?

- Apenas há algumas semanas, quando Jimmy me pediu para testemunhar certos documentos oficiais que ele tinha de preencher - na verdade, a sua petição para trabalhar aqui. Foi então que eu tive conhecimento da sua data do nascimento.

- Compreendo. Mas mesmo isso não constitui uma prova absoluta, não é?

- Estou perfeitamente certo de que não havia uma terceira pessoa. Mesmo que tivesse dúvidas, o senhor acaba de dissipá-las

- E Spencer? Você não me disse qual o motivo por que se sentia tão certo de que ele não sabe de nada. Não é verdade que ele poderia ter confrontado certas datas, como a do casamento da mãe, por exemplo?

- Não creio. Para ele a mãe era um ídolo. E, além disso, nada prova que ele saiba quando os pais se casaram - poucas são as pessoas que sabem isto. Tenho certeza que Jimmy não sabe de nada, e receio que ele sofra um grande choque quando souber,

Hadfield encolheu os ombros, num gesto que representava uma vida inteira de estudo da natureza humana.

- Ele gosta de si - disse ele. - Suportará a notícia muito bem.

- Tanto tempo! - exclamou Jimmy. - Que aconteceu?

Gibson agarrou-o pelo braço. - Não te preocupes - disse ele. - Está tudo em ordem. Daqui em diante tudo estará em ordem.

Hadfield dissera-lhe:

- Pouco me importa quem tivessem sido os pais de Spencer. Só me interessa o rapaz e devo dizer que a minha impressão é favorável. Não se trata apenas da conversa desta noite, mas também de informações que recebi do Capitão Norden. Já previa isto... Há poucos jovens em Marte.

Estendeu as mãos e olhou para os dedos como se os visse pela primeira vez.

- O noivado pode ser anunciado amanhã. E agora... que vai fazer por sua parte?

- O que for melhor pra Jimmy, assim que chegar a uma conclusão sobre o que possa ser.

- E Você ainda quer ficar em Marte?

- Pensei também nisso. Se eu voltar à Terra, que ganharei? Jimmy nunca estará por lá mais tempo do que alguns meses, de vez em quando - e na verdade eu o verei durante muito mais tempo se eu ficar em Marte.

- Suponho que seja assim - disse Hadfield sorrindo. - Ainda não sabemos como

Irene suportará um marido que passa metade do tempo no espaço... mas há muito tempo que acontece uma coisa semelhante com as mulheres dos marinheiros. Sabe o que penso que voce deve fazer?

- Sentir-me-ei feliz se me der o seu conselho.

- Não faça nada enquanto eles não se casarem e enquanto não estiverem bem assentes. Se Você lhes revelasse agora o segredo, não lhe faria bem algum e talvez fizesse algum mal. Mais tarde, porém, deve dizer a Jimmy quem você é - e quem ele é. No entanto, não penso que o momento conveniente surja tão depressa..

Fora essa a primeira vez que Hadfield falara de Spencer tratando-o pelo nome próprio. Talvez tivesse sido uma atitude inconsciente, mas provava que ele já considerava o rapaz como seu genro... Recordando esse momento, mais tarde, Gibson identificá-lo-ia como o do início da sua própria amizade com Hadfield. Uma amizade que iria ter no futuro de Marte um papel muito mais importante do que qualquer deles poderia pensar.

----- CAPÍTULO XV -----

O dia começara como qualquer outro em Port Lowell. Jimmy e Gibson tinham tomado em silêncio o desjejum - porque ambos estavam absorvidos pelos seus problemas pessoais.

Gibson resolveu dirigir-se ao edifício da Administração, para saber se a sua petição de permanência tinha sido deferida. Logo que entrou no gabinete do Diretor-Geral compreendeu que não era o melhor momento para tal coisa. Em geral, Mrs. Smyth, a secretária do Chefe, mandava-o entrar imediatamente. Por vezes dizia para ele aguardar uns momentos, Mas daquela vez disse apenas:

- Lamento muito, mas Mr. Hadfield não está. Só voltará amanhã de manhã.
- Foi a Sida? - perguntou o escritor.
- Não - respondeu Mrs. Smyth hesitando um pouco, mas numa defensiva evidente.
- Lamento não poder lhe dizer nada. Mas ele voltará dentro de vinte e quatro horas.
- Sabe se já há alguma resposta à minha petição?

Mrs. Smyth ainda pareceu mais aflita.

- Creio que sim. Mas veio dirigida pessoalmente a Mr. Hadfield e também não posso falar nela.

- Certamente que não há nada que a impeça de dizer-me o que ela continha. Afinal, saberei tudo amanhã,

- Lamento muito, na verdade, Mr. Gibson. Mas sei que Mr. Hadfield não gostaria que eu lhe dissesse alguma coisa neste momento.

- Muito bem - respondeu Gibson. E saiu furioso.

Resolveu aliviar a sua cólera interrogando o «Mayor» Whittaker, se ele estivesse na cidade. O «Mayor» não pareceu muito feliz ao ver o escritor e ao compreender a sua disposição.

- Ouça, Whittaker - principiou Gibson. - Sou um homem paciente e creio que concordará em que não tenho por hábito fazer pedidos pouco razoáveis. - Interrompeu-se e, depois de ter concluído que o outro não mostrava sinais de estar disposto a responder-lhe, continuou: - Há qualquer coisa muito estranha por estes lados. Estou ansioso por saber do que se trata.

Whittaker suspirou. Era uma pena que Gibson não tivesse esperado pelo dia seguinte, para fazer aquela pergunta...

- Que foi que o levou a essa conclusão?
- Muita coisa. Pelo menos, se não me puder dizer o que há, diga-me porque não pode me dizer. É o «Projeto Alvorada», não é?

Whittaker levantou-se de um salto. - Como foi que soube isso?

- Não importa, Também posso ser obstinado.
- Não estou sendo obstinado. Gostaria apenas que me dissesse aquilo que sabe.
- Muito bem, se isso também o ajudar a abrir a boca. O «Projeto Alvorada» é qualquer coisa ligada às experiências genéticas que vocês estão realizando nas colinas com a... como é que lhe chamam? *Oxyfera*. Vocês mantêm isso em tal segredo que as poucas pessoas em Marte que sabem alguma coisa quanto ao assunto não falam. Mas ainda a ocultaram mais da Terra do que ao seu planeta. Agora que me diz?

Whittaker não se mostrou de modo algum surpreso.

- Devo cumprimentá-lo... pela sua perspicácia - respondeu ele. - Talvez fique satisfeito se souber que há duas semanas sugeri ao Chefe que lhe contasse tudo. Posso contar-lhe uma pequena história muito curiosa? Qualquer semelhança... com pessoas e lugares reais será pura coincidência.

- Compreendo. Continue...

- Suponhamos que no primeiro impulso do entusiasmo interplanetário, o mundo "A" instalasse uma colônia no mundo "B". Ao fim de alguns anos descobrira que ela lhe custava mais do que pensara e não dava quaisquer lucros tangíveis. Então teriam surgido duas facções no mundo-mãe. O grupo conservador pretendia encerrar o projeto – para reduzir despesa. O outro grupo, os progressistas, queriam continuar a experiência por crerem em que, com o tempo, o Homem explorará e dominará o universo material, ou de outro modo estagnaria muito simplesmente no seu próprio mundo. Mas como os contribuintes pouco se interessam por tais argumentos, os conservadores teriam começado a dominar a situação.

«Ora tudo isso, evidentemente, teria começado a perturbar os colonos. E esses não teriam encontrado qualquer maneira de resolver o problema - e de deixarem de ser olhados como parentes pobres vivendo da caridade pública – até um dia em que teria sido feita uma descoberta científica verdadeiramente revolucionária. (Deveria ter dito logo de início que uma das razões por que o mundo "A" se sente preocupado é a de o mundo "B" ter começado a atrair os seus melhores cérebros). Essa descoberta poderia abrir imediatamente perspectivas quase ilimitadas ao futuro de "B", mas implicaria também certos riscos, assim como a diversão de uma boa parte dos recursos de "B". Mesmo assim o plano teria sido apresentado – e rejeitado por "A".

«Os colonos teriam sido obrigados a enfrentar duas alternativas: Se dessem publicidade ao assunto, o povo do mundo "A" apoiá-los-ia, mas os homens que se encontravam nos lugares estratégicos poderiam sufocar tudo. Por último, a única possibilidade seria a de executar o plano sem informar à Terra – quero dizer: o planeta "A" – e foi isso que resolvemos fazer.

«Lamento não poder dizer-lhe o fim da história, mas sabe como as coisas são. Os episódios acabam sempre no ponto mais interessante»

- Fiquei sabendo de tudo, exceto de um pequeno pormenor – respondeu Gibson. - Continuo a ignorar o que seria o «Projeto Alvorada». Amanhã voltarei para ouvir o último episódio tua sua interessante *série*.

- Não precisará disso. - Whittaker olhou para o relógio. - Conhecê-lo-á muito antes disso.

Quando saiu do edifício da Administração, Gibson foi interceptado por Jimmy.

- Ei deveria estar trabalhando, mas tinha de lhe falar – disse o rapaz arquejante – Há qualquer coisa muito importante no ar. Irene está muito perturbada. Disse-me

que o pai despediu-se dela a noite passada como se... bem, como se nunca mais fosse voltar.

Gibson assobiou baixinho. O «Projeto Alvorada» não era apenas uma coisa muito importante. Era também muito perigosa.

- Seja o que for, amanhã já saberemos de tudo, foi o que me disse Whittaker. Mas creio que sei onde Hadfield está..

- Onde?

- Lá em cima, em Phobos. Não sei porquê, é a chave do «Projeto Alvorada», e é onde o Chefe deve se encontra .

Se o escritor tivesse apostado teria uma grande decepção. Hadfield estava nesse momento tão longe de Phobos como de Marte. Encontrava-se sentado com algum desconforto, numa pequena nave carregada de cientistas e equipamento desmontado à pressa. Jogava xadrez – e mal. O seu adversário ainda jogava pior. Era evidente que queriam apenas passar o tempo.

O dia fora longo - o mais longo que Gibson conhecera - e morria lentamente. Todo mundo em Port Lowell sabia que alguma coisa estava para acontecer e formulava as mais fantásticas teorias. Mas aqueles que conheciam a verdade nada diziam. Quando a noite chegou, a cidade encontrava-se num estado de confusão extrema, Gibson perguntou a si mesmo se valeria a pena ficar de pé até tarde, mas por volta da meia-noite resolveu deitar-se. Estava dormindo profundamente, quando, invisível e silenciosamente, escondido dele pela massa do planeta, o «Projeto Alvorada» atingiu o momento culminante. Só os homens que se encontravam dentro da pequena nave viram o que aconteceu e deixaram de ser graves cientistas para gritarem e rirem-se às gargalhadas como rapazinhos da escola, enquanto voltavam correndo para Marte.

De manhã muito cedo, Gibson foi despertado por grandes pancadas na porta. Era Jimmy, que lhe gritava para que se levantasse e saísse. Vestiu-se depressa, mas quando chegou à porta o rapaz já estava na rua. Port Lowell parecia um enxame de abelhas subitamente perturbado.

Passou-se um minuto inteiro antes que Gibson compreendesse o que despertara a cidade. Surgira a alvorada. O céu, a oriente, estava iluminado pelo sol-nascente. O céu a oriente? Não! meu Deus! Esta alvorada está surgindo do ocidente!

Ninguém seria menos supersticioso que Gibson, mas naquele momento o escritor sentiu-se dominado por um terror irracional. A luz tornou-se mais brilhante, cada vez mais brilhante. Os seus raios começaram a tocar as colinas em volta da cidade. Moviam-se rapidamente – muito mais depressa que os do sol – e de repente um meteoro dourado e resplandescendente subiu do deserto, quase verticalmente, para o zênite.

Era Phobos - ou fora-o poucas horas antes. Agora era um disco amarelo de fogo e Gibson podia sentir o seu calor sobre o rosto. A cidade estava silenciosa olhando o milagre e tomando lentamente a consciência do que ele podia representar para Marte.

Era o «Projeto Alvorada» - e o nome não podia ser mais apropriado, O sistema de comunicações públicas de Port Lowell, tão poucas vezes usado, começou a funcionar e a voz de Whittaker fez-se ouvir através das ruas:

- Bom dia. Creio que acordaram todos e viram o que aconteceu. O Diretor Geral está voltando do espaço e gostaria de vos falar. Escutem:

Ouviu-se um estalido e um momento depois a voz de Hadfield, fatigada mas triunfante, surgiu através dos alto-falantes. Era a de um homem que travara uma grande batalha e alcançara a vitória.

- Atenção, Marte. Fala Hadfield. Estou no espaço, a caminho de vós. Estarei aí dentro de uma hora.

«Espero que gostem do nosso novo Sol. Segundo os nossos cálculos, deve demorar cerca de mil anos para extinguir-se. A ignição foi feita quando Phobos estava bem abaixo do horizonte porque a radiação inicial poderia ser demasiado intensa. Devo esclarecer que não há qualquer possibilidade de combustão instantânea – ou seja: de uma verdadeira explosão.

«A nossa nova estrela nos dará apenas a décima parte do calor do Sol, mas isso bastará para elevar a temperatura de Marte a valores semelhantes aos da Terra. No entanto, essa não é a razão principal pela qual incendiamos Phobos.

«Marte necessitava ainda mais de oxigénio que de calor - e possui todo o oxigénio que necessitamos para obter uma atmosfera quase tão boa como a da Terra. Mas ele está debaixo dos nossos pés, encerrado na areia. Há dois anos descobrimos uma planta que pode extrair o oxigénio da areia. É uma planta tropical: só se desenvolve em torno do equador. Se tivéssemos luz solar suficiente poderíamos espalhá-la pela superfície de Marte e dentro de cinquenta anos teríamos uma atmosfera respirável para o Homem. É esse o nosso objetivo. E quando o atingirmos não teremos necessidade de redomas e máscaras. É um sonho que muitos entre vós verão realizado e significará que demos um novo mundo à Humanidade,

«Mesmo num futuro imediado os benefícios serão evidentes. Teremos muito mais calor, principalmente quando o Sol e Phobos se encontrarem no céu, e os invernos serão muito menos rigorosos. As correntes de convecção aquecerão as regiões polares e evitarão que a preciosa umidade fique acumulada ali durante metade do ano.

«Haverão também algumas desvantagens - as estações e as noites vão tornar-se em coisas complicadas! -, mas os benefícios serão muito maiores. Estamos fazendo história, porque é a primeira vez que o Homem tentou mudar a face de um planeta. Se o conseguirmos, outros, o tentarão, noutra parte. No futuro teremos civilizações em mundos dos quais nunca ouvimos falar e que deverão a sua existência àquilo que fizemos esta noite.

«É tudo que tenho para vos dizer agora. Marte perdeu uma Lua, mas ganhou um Sol - quem terá dúvidas sobre o que tem maior valor ?

«E agora, boa noite a todos!»

No entanto, ninguém em Port Lovell voltou a dormir.

Era difícil esquecerem-se daquele pequeno disco dourado que subira pelo céu sem hesitar, com o seu calor aumentando de momento a momento. O que seria quando os dois sóis se juntassem?...

O foguete do Chefe pousou meia hora depois, mas Hadfield e os cientistas do «Projecto Alvorada» evitaram a multidão entrando a pé na Redoma Sete e enviando o transporte para a comporta principal. Na cidade, todo mundo festejava o acontecimento. Gibson e Jimmy encontraram os tripulantes da *Ares* entre a multidão e insistiram firmemente com George para que abrisse a taberna.

Hilton, como Chefe de Máquinas, devia saber mais sobre energia nuclear que qualquer outra pessoa no grupo, mas quando lhe perguntaram a natureza da reação que criara o novo sol limitou-se a responder:

- Aquilo que esta gente fez em Phobos está anos à frente de tudo quanto sei. Na verdade, acredito até que na Terra não haja alguém que saiba como fazer tal coisa. Deve ser algo que Marte aprendeu por si próprio.

- Queres dizer que Marte está à frente da Terra em física nuclear ou em qualquer

outra coisa ? - perguntou Bradley.

A pergunta quase provocou uma desordem e os camaradas de Bradley tiveram de salvá-lo das mãos dos colonos indignados. Quando a calma se restabeleceu, Hilton pôs as coisas no seu lugar, observando:

- Evidentemente, todos sabem que alguns dos maiores cientistas da Terra têm vindo para cá nos últimos anos; o que aconteceu nada tem, portanto, de surpreendente,

Era verdade; e Gibson recordou-se do que Whittaker lhe dissera nessa manhã. E também de uma coisa que esquecera - como todo mundo, em Port Lowell -, na excitação das últimas horas. As notícias já deveriam estar chegado na Terra. Marte mostrava-se por certo muito mais brilhante nos céus terrestres.

Dentro de muito pouco tempo a Terra começaria a fazer perguntas muito importantes.

-----CAPÍTULO XVI-----

As câmaras de televisão mostraram o «Mayor» Whittaker entregando a Hadfield a pá em que já estava apoiado havia cinco minutos. Hadfield escavou a areia e plantou a «erva de ar», como todo mundo lhe chamava agora. Depois a câmara rodou e focou o «amigo» de Gibson, que se balançava sobre as ancas como um «sempre-em-pé». Pela primeira vez, todo mundo na Terra poderia ver um verdadeiro Marciano.

Gibson falava com o «Mayor» e parecia ter-se esquecido por completo do seu «amigo». Squik deu um pequeno salto, e logo outro, e começou a debicar a «erva de ar» que acabava de ser plantada com tanto cuidado. O operador da televisão não interveio: era uma imagem muito boa para que se perdesse. Passou a imagem, por um momento, para Hadfield e os seus companheiros, ainda cumprimentando-se pelo trabalho que Squik estava destruindo rapidamente.

O escritor foi o primeiro se dar conta do que acontecia e soltou um grande grito que sobressaltou todo mundo. Depois correu para Squik, que olhou em volta, viu que não havia lugar algum onde se esconder, e ficou muito quieto, com ar de inocência magoada. Deixou que o levassem em paz, não agravando o seu delito com resistência às autoridades.

Um grupo de peritos reuniu-se em torno da «erva de ar» e concluiu, com grande alívio de todos, que os danos não eram fatais. Foi um incidente sem importância e ninguém poderia ter imaginado que ele tivesse consequência alguma. No entanto, viria a inspirar a Gibson uma das suas ideias mais brilhantes e frutuosas.

O escritor fora uma das primeiras pessoas a falar com Hadfield depois do sucesso do «projeto Alvorada». Os poucos momentos que a conversa demorara viriam a ser suficientes para mudar todo o seu futuro.

- Lembra-se do que lhe disse quando do nosso primeiro encontro? - recordara o Chefe - Pedi-lhe para nos ajudar, fornecendo à Terra não só os fatos da situação, mas também algumas ideias sobre os nossos objetivos e - suponho que podemos dar-lhe esse nome - o espírito que desenvolvemos aqui, em Marte. Tem cumprido muito bem essa missão, apesar de desconhecer o projeto no qual depositávamos as nossas maiores esperanças.

«Tenho seguido com o maior interesse o efeito das suas crônicas e dos seus artigos. Talvez não saiba, mas temos um meio muito delicado de avaliar isso."

- Como? - perguntou Gibson, surpreendido.

- Não adivinha? Cada semana cerca de dez mil pessoas espalhadas por toda a

Terra resolveu vir para cá e cerca de três por cento são aprovadas nos exames preliminares. Desde que os seus artigos começaram a aparecer com regularidade, esse número passou para quinze mil por semana e continua aumentando. Terá o trabalho de fazer a propaganda de Marte! As oportunidades serão muito maiores, agora que temos alguma coisa para oferecer. Se pudermos conseguir que haja gente suficiente, clamando para vir para cá, a Terra será obrigada a fornecer-lhes transporte. E quanto mais depressa isso acontecer, mais depressa poderemos prometer à Terra que ficaremos de pé sem a ajuda de ninguém. Que me diz?

Gibson sentiu um certo desapontamento. Segundo um ponto de vista, nada mudava na sua vida. Mas o Chefe tinha razão. Ele poderia ser muito mais útil a Marte daquela maneira do que de qualquer outra. Pensou no que Ruth diria. Muito provavelmente concluiria que ele tinha endoidecido. E não se enganaria.

- A notícia que você ficará aqui despertará muito interesse e será um grande auxílio para a nossa campanha. Tem alguma objeção a que a divulguemos imediatamente?

- Creio que não.

- Ótimo. Compreende que o seu salário será o de um funcionário administrativo de segunda categoria com a sua idade?

- Certamente – disse Gibson. Não acrescentou que o interesse de tal fato era muito teórico. O seu salário em Marte, apesar de ser dez vezes menor que todo o seu rendimento, seria muito adequado para a vida num planeta onde havia poucos luxos.

Depois de uma longa conversa com Whittaker - que quase destruiu o seu entusiasmo com lamentos sobre a falta de pessoal e de espaço - passou o resto do dia enviando telegramas. O maior foi para Ruth e não dizia respeito apenas a negócios. Ruth estava habituada a muita coisa, mas o escritor se perguntou o que diria ela, quando soubesse que ele lhe pedia para olhar por um tal Jimmy Spencer quando ele estivesse em Nova Iorque.

Hadfield tivera razão. Revelar a sua identidade naquele momento poderia magoar o rapaz e talvez até quebrar o seu noivado com Irene, Jimmy voltaria para Marte tão depressa quanto pudesse – disso não tinha dúvidas. E mesmo que tivesse de sacrificar o orgulho e a satisfação de ser pai, teria a compensação de ver os seus netos no mundo que estava ajudando a renascer. Pela primeira vez na vida, Gibson tinha um futuro para o qual ele podia olhar com interesse e excitação – um futuro que não seria apenas uma repetição do passado.

O trovão só chegou da Terra quatro dias depois. Gibson soube dele pela primeira vez quando viu o título a toda largura da primeira página do *Martian Times*. Durante um momento, as duas palavras que lhe saltaram aos olhos deixaram-no tão estupefato que se esqueceu de ler a notícia:

HADFIELD CHAMADO !

Acabamos de receber a notícia de que a Junta de Fomento Interplanetário ordenou ao Diretor-Geral que regressasse à Terra na Ares, que parte de Deimos dentro de quatro dias. Não foi dada qualquer explicação.

Era tudo, mas era o suficiente pra incendiar Marte.

Nenhuma explicação fora dada - e nenhuma era necessária, todo mundo sabia exatamente o que a Terra queria de Warren Hadfield.

Gibson ainda pensava na notícia quando dirigiu-se ao Laboratório de Biologia. Havia dois dias que não via o seu «amigo» marciano e sentia-se um pouco culpado disso. Quando descia por Regent Street lembrou-se do que Hadfield lhe dissera: de que a conclusão do «Projeto Alvorada» ainda demoraria meio século, mesmo admitindo o máximo auxílio da Terra. Era essencial obter esse auxílio e Hadfield faria o possível para obedecer ao planeta-mãe. O mais que Gibson podia fazer era ajudá-lo com uma espécie de fogo de cobertura, com o seu departamento de propaganda. Mas os resultados não seriam imediatos.

Squik, como de costume, ficou feliz ao vê-lo. Gibson, um pouco distraído como de costume, ofereceu-lhe um pedaço de «erva de ar». Essa ação tão simples deve ter despertado qualquer coisa no seu subconsciente, porque se deteve de repente e disse ao biologista chefe:

- Acabo de ter uma ideia maravilhosa. Conseguiu ensinar alguma coisa a Squik?
- Ensiná-lo? O problema está em evitar que ele aprenda tudo.
- Tem a certeza de que os Marcianos podem se comunicar uns com os outros ?
- Bem, os nossos exploradores verificaram que eles podem transmitir pensamentos simples, e até algumas ideias abstratas, como a cor. O que não prova muita coisa. As abelhas também podem fazer isto.

- Então diga-me uma coisa: porque é que não os ensinamos a cultivar a «Erva de ar» para nós? Compreende a colossal vantagem que isso representaria? – Poderiam ir para onde quisessem, em Marte, e não teríamos necessidade de usar máquinas. Não seria necessário que soubessem o que estavam fazendo. Bastaria que déssemos rebentos, que lhes ensinássemos o procedimento habitual e os premiássemos depois.

- Um momento: A ideia é magnífica mas já se recordou de que há apenas dez espécimes conhecidos, incluindo Squik?

- Não, não tinha me esquecido disso. Simplesmente não acredito que o grupo que encontramos seja o único que existe. Talvez sejam muito raros, mas devem existir centenas, senão milhares em todo o planeta. Vou propor o reconhecimento aerofotográfico de todas as zonas em que existam «ervas de ar». Mas, em qualquer caso, devemos lembrar que agora têm muito melhores condições de vida. Estão começando a multiplicar-se mais rapidamente, tal como acontece com os vegetais. Se deixarmos a «erva de ar» entregue a si própria, ela cobrirá toda a cintura equatorial em quatrocentos anos – segundo os vossos próprios cálculos. Com os Marcianos a nos ajudarem, o «Projeto Alvorada» será um fato dentro de poucos anos.

O biologista abanou a cabeça, mas começou a fazer cálculos num bloco. Quando acabou, estendeu os lábios.

- Bem, não é impossível, apesar de haver muitos fatores desconhecidos. Como a taxa de natalidade dos Marcianos, por exemplo. Suponho que sabe que eles são marsupiais.

- Como os cangurus ?

- Sim. Os filhos vivem na bolsa. até serem suficientemente grandes e fortes para enfrentarem este mundo frio e mau. Acharmos que algumas das fêmeas devem ter filhotes consigo, portanto talvez se reproduzam anualmente. Mas como Squik é o único «rapaz» que encontramos, isso significa que a taxa de mortalidade é terrível – o que não nos deve surpreender..

- Exatamente o que precisávamos! Agora não há nada que impeça de se multiplicarem, desde que lhes forneçamos toda a comida que quiserem.

- Você quer criar Marcianos ou plantar ervas?

- As duas coisas! Estão ligadas uma à outra como peixe e batata frita ou presunto

e ovos!

O cientista olhou-o com uma tal expressão que Gibson lhe pediu desculpas, imediatamente, por sua falta de tato. Esquecera-se de que essas coisas eram ignoradas em Marte, havia muitos anos.

Correu para o edifício da Administração e, apesar de compreender o quanto Hadfield deveria estar ocupado, escreveu-lhe uma nota, expondo a sua ideia. Havia qualquer coisa inspiradora no pensamento de regenerar não apenas um mundo, mas também uma espécie talvez mais velha que o Homem, e talvez descendente degenerada de outra, que alcançara a civilização muito antes e a deixara escapar quando as condições tinham se tornado adversas.

-----CAPÍTULO XVII-----

Lamento que não voltes connosco - disse Norden - quando se aproximavam da Comporta Um Oeste.

- Mas estou certo de que fazes o que devias fazer e tens o meu respeito por isso.
- Obrigado - respondeu Gibson, com sinceridade. Gostaria de fazer a viagem de volta com vocês. Mas será noutra ocasião. Não penso ficar em Marte vida toda... creio que nunca pensaram que haveria troca de passageiros.
- Certamente que não. Sinto-me como o capitão do navio que levou Napoleão à ilha de Elba. Como o Chefe está reagindo?
- Parece confiante, e de maneira alguma preocupado.
- Que poderá acontecer-lhe?
- Oficialmente, será repreendido por utilização não-autorizada de fundos, equipamento e pessoal - coisas suficientes para levá-lo à cadeia o resto da vida. Mas como metade dos dirigentes e dos cientista de Marte está envolvida no assunto, que poderá a Terra fazer? A situação é na verdade muito curiosa. O Chefe é um herói admirado em dois mundos e a Junta de Fomento Interplanetário terá de tratá-lo com luvas de cetim. Estou certo de que lhe dirão: «Você não devia ter feito isso, mas estamos contentes por tê-lo feito.»
- Deixá-lo-ão regressar a Marte?
- Não têm outra Solução. Quem poderia ocupar o lugar dele?
- Porque foi que a Terra não concordou com o «Projeto Alvorada» quando ele foi proposto oficialmente?
- Também tenho pensado nisso e hei de apurar a verdade. No entanto a minha teoria é esta: creio que há muitas pessoas na Terra que não querem que Marte se torne demasiado poderoso, e muito menos, independente. Não por quaisquer razões obscuras, mas sim porque não gostam de tal ideia. Ofende demasiado o seu orgulho. Querem que a Terra continue a ser o centro do universo.
- Falas da Terra como se ali só pensassem em evitar todo o progresso neste mundo. Não é verdade. Essa atitude só diz respeito aos administradores da Junta de Fomento Interplanetário - e eles estão procurando cumprir as suas obrigações o melhor que podem. Não esqueças que tudo quanto têm aqui se deve à iniciativa e ao poder de empreendimento da Terra.

Havia muita verdade no que Norden dissera. A dificuldade e a despesa das viagens interplanetárias, o tempo que demoravam de um mundo a outro, tornavam inevitável uma certa falta de compreensão, e até alguma intolerância entre a Terra e Marte.

Chegaram à comporta e aguardaram o transporte que levaria Norden ao espaçódromo. O resto da tripulação já se despedira e ia a caminho de Deimos. Só

Jimmy recebera uma autorização especial para embarcar com Hadfield e Irene no dia seguinte. Gibson sorriu. Por certo que o rapaz tinha agora uma posição diferente. Que trabalho lhe daria Norden na viagem de regresso?

- Bem, John, espero que faças uma boa viagem – disse Gibson quando a comporta se abriu. - Quando será que nos veremos de novo?

- Daqui a uns dezoito meses. Tenho uma viagem a Vênus a fazer primeiro. Quando voltar, espero encontrar uma diferença muito grande - «erva de ar» e Marcianos por toda parte!

- Não prometo muito em tão pouco tempo! - respondeu Gibson, a rir-se. - Mas faremos o que pudermos.

Apertaram as mãos e Norden desapareceu. Gibson ainda tinha de fazer duas despedidas e essas eram as mais difíceis de todas. A analogia de Norden fora muito boa: a sua visita a Hadfield seria como uma entrevista com um monarca destronado, prestes a partir para o exílio.

Quando Gibson entrou no gabinete do Diretor-Geral viu que havia se enganado. O Chefe continuava a dominar a situação e parecia absolutamente despreocupado perante o seu futuro. Acabara de por em ordem os seus papeis; a sala parecia nua e três cestos de papeis estavam repletos de impressos e ofícios. Whittaker ocuparia o seu lugar no dia seguinte.

- Li a sua nota sobre os Marcianos e a «erva de ar» - disse ele. - É uma ideia muito interessante, mas ninguém sabe se dará resultados ou não. De qualquer maneira, constituímos um pequeno grupo de investigação para estudar o assunto. Pedi ao Dr. Petersen para tratar do aspecto científico e quero que voce trate dos problemas administrativos que surjam – deixando entretanto as decisões principais ao cuidado de Whittaker. Petersen é bom rapaz, mas não tem imaginação.

Discutiram os pormenores administrativos e Gibson compreendeu que Hadfield não pensava em ficar por muito tempo na Terra. Por fim falaram de Irene e Jimmy. A longa viagem de regresso à Terra daria a Hadfield a possibilidade de conhecer mais profundamente o seu futuro genro. Era evidente que ele via esse aspecto com certa curiosidade. Como observou a Gibson, se Irene e Jimmy pudessem aguentar aqueles três meses de vida tão juntos um do outro, o seu casamento deveria vir a ser um sucesso. Se não o conseguissem, quanto mais depressa o descobrissem melhor.

O último foguete para Deimos largou três horas depois com Hadfield, Irene e Jimmy a bordo. Irene fora ao Grande Hotel Marciano pra ajudar Jimmy a fazer as malas e despedir-se de Gibson. Mostrara-se cheia de alegria e tão feliz que fora um prazer vê-la. Os seus dois sonhos tinham-se realizado ao mesmo tempo. Voltar à Terra e com Jimmy. O escritor fez votos para que ela não se sentisse desapontada e por certo que não se sentiria.

- Agora não te esqueças de entrar em contato com Mrs. Goldstein logo que chegues – recomendou Gibson a Jimmy.

O rapaz apertou-lhe a mão. Gibson sentiu-se quase tentado a revelar a sua identidade. Mas não o fez. Seria deixar-se dominar de novo pelo seu egoísmo. No entanto quando largou a mão de Jimmy, viu nele uma expressão que nunca vira antes. Talvez fosse o despertar de uma ideia subconsciente que poderia crescer até atingir a compreensão e reconhecimento. Gibson fez votos para que assim fosse: a sua tarefa tornar-se-ia muito mais fácil quando o momento chegasse.

Ainda antes da alvorada, Gibson saiu pela comporta principal e afastou-se da

cidade que dormia. Phobos tivera o seu ocaso uma hora antes e as únicas luzes que se viam eram as das estrelas e de Deimos. Olhou para o relógio – dez minutos de espera, se não tivesse havido alguma dificuldade.

- Anda, Squik - disse ele, - Vamos correr um pouco para aquecer. - Como aquelas plantas tinham crescido nas últimas semanas! Eram agora mais altas que um homem e, apesar de parte do seu aumento dever ser de origem natural, Gibson estava certo de que muito dele se devia a Phobos. O «Projeto Alvorada» já estava imprimindo a sua marca no planeta. A calota polar do norte, que devia estar aproximando-se do seu máximo invernal, parara no seu avanço sobre o hemisfério oposto – e os restos da calota do sul tinha desaparecido por completo.

Pararam a cerca de um quilômetro da cidade. Suficientemente longe para que as suas luzes não impedissem a observação. Gibson olhou de novo para o relógio. Faltava menos de um minuto. Olhou o ponto luminoso que era Deimos e aguardou.

De repente, o satélite pareceu tornar-se muito mais brilhante. Um momento depois pareceu ter-se partido em dois pedaços. Uma estrela pequena, incrivelmente luminosa, separou-se dele e começou a afastar-se lentamente para leste.

Lá em Cima, na *Ares*, deveriam estar junto às grandes janelas, olhando aquele imenso crescente como o tinham olhado ao chegarem, tanto tempo antes.

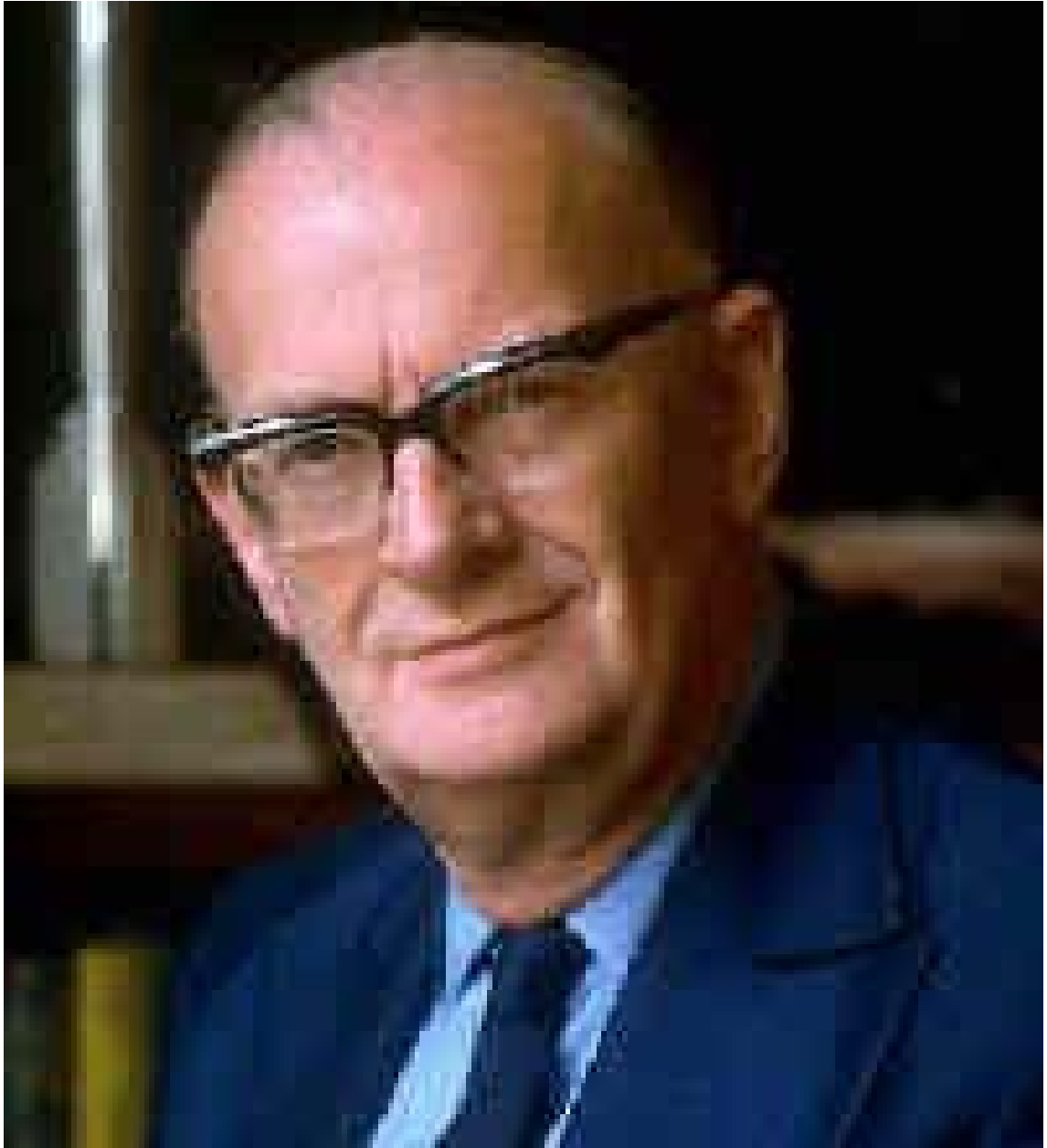
O que Hadfield estaria pensando? Perguntaria a si próprio se voltaria a Marte? Gibson já não tinha dúvidas a esse respeito. Por muito que ele tivesse de lutar, o que fizera não poderia ser esquecido. Voltaria da Terra em triunfo, e não em desgraça.

O contorno do Sol surgiu no horizonte, as altas plantas verdes estremeceram no seu sono. Gibson olhou mais uma vez para as duas estrelas que desciam para oeste e ergueu a mão num adeus silencioso.

- Anda, Squik - disse ele. - É tempo de voltarmos. Tenho muito o fazer - Deu uma pequena torcidela!a nas orelhas do pequeno Marciano. - E creio que contigo também acontece o mesmo - acrescentou ele. - Ainda não sabes, mas temos um grande trabalho pela frente.

Pela primeira vez, Gibson sabia o que ficava no fim da estrada onde pusera os pés. Um dia talvez fosse seu dever e privilégio tomar conta da tarefa que Hadfield iniciara. Talvez fosse uma ilusão... ou a primeira consciência dos seus recursos adormecidos.

Com um passo mais rápido, Martin Gibson, escritor, que fora da Terra, voltou para a cidade. A sua sombra confundiu-se com a de Squik, enquanto o pequeno Marciano pulava a seu lado, e lá no alto, os últimos tons da noite se extinguíam no céu, e por toda parte, à sua volta, as plantas altas sem flores se abriam para enfrentar o sol.



Primeiro livro da "Série Space Trilogy "(Areias de Marte, Ilha no Céu, O Fim da Infância), e também um dos primeiros livros escritos por Arthur C. Clarke.

"Martin Gibson fôra aclamado por suas histórias de ficção científica, mas a ficção tinha se tornado rapidamente um fato. O homem tinha conquistado o espaço e uma pequena colônia havia se estabelecido em Marte.

Agora Gibson tinha realizado seu sonho de visitar a rochosa comunidade - somente para descobrir os colonizadores trabalhando no misterioso Projeto Alvorecer. Mas o que eles estavam escondendo?

Uma lua inteira de Marte é declarada "fora dos limites". Um desconhecido projeto de pesquisa caminha para sua conclusão. E então há as bizarras faixas nas remotas areias de Marte. Quem - ou o quê - as fez?

Para o escritor Martin Gibson, o clímax da sua aventura Marciana é comparável a qualquer de suas fantásticas histórias de ficção quando se encontra numa batalha pela colônia, pela exploração do espaço - por sua vida"

